

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JULIANA HOLANDA MENEZES MARTINS

O Tempo e a Notícia

Em Cima da Hora: o imediato na história

Niterói
2009

JULIANA HOLANDA MENZES MARTINS

O TEMPO E A NOTÍCIA
EM CIMA DA HORA: O IMEDIATO NA
HISTÓRIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do Grau de
Mestrado.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ana Maria Mauad

Niterói
2009

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

M386 Martins, Juliana Holanda Menezes.

O tempo e a notícia Em Cima da Hora: o imediato na história /
Juliana Holanda Menezes Martins. – 2009.

180 f.

Orientador: Ana Maria Mauad.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História,
2009.

Bibliografia: f. 105-108.

1. Telejornalismo – Brasil. 2. Memória e história. 3. Tempo. 4.
Narrativa. I. Mauad, Ana Maria. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 070.1950981

JULIANA HOLANDA MENZES MARTINS

O TEMPO E A NOTÍCIA
EM CIMA DA HORA: O IMEDIATO NA
HISTÓRIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do Grau de
Mestrado.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Ana Maria Mauad (orientadora) - UFF

Prof^a Dra. Marialva Barbosa - UFF

Prof^a Dra. Joëlle Rouchou – Fundação Casa de Rui Barbosa

Niterói
2009

Aos meus avós Idália e José

Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais.

Agradecimentos

Paciência, incentivo e dedicação são características fundamentais que tanto o professor quanto o aluno devem ter na realização de uma dissertação de mestrado. Mas, mais do que agradecer à professora Ana Maria Mauad pelo aprendizado e pela troca de ideias, digo obrigada pela amizade, durante todos esses anos de convivência. Uma relação que começou ainda na graduação, passou pela monografia e chegou até a esta dissertação. Sem as suas injeções de ânimo, seria muito mais difícil chegar até aqui.

A minha família: pai, mãe e irmão, pela confiança que sempre depositaram em mim e pelo apoio nas horas mais difíceis dessa caminhada. Aos meus avós, exemplo e inspiração para o meu crescimento como ser humano. A vocês eu dedico todas as minhas vitórias.

Aos meus amigos, que estiveram sempre por perto, nos melhores e piores momentos. Que torcem pelo meu sucesso, mesmo duvidando que alguém possa concluir duas graduações (Jornalismo e História), emendar num mestrado e continuar sendo uma pessoa “normal”.

Aos profissionais da TV Globo, que deram mais “vida” a essa dissertação – através das entrevistas ou simplesmente fazendo parte do meu cotidiano na redação – e que contribuem, diariamente, para o meu crescimento pessoal e profissional.

Juliana Holanda

Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 2009.

Resumo

Avaliar como passado, presente e futuro se articulam na notícia veiculada num canal de jornalismo 24 horas no ar é o objetivo central desta dissertação. O *Em Cima da Hora*, que vai ao ar de hora em hora, pelo canal de TV por assinatura **Globo News**, é o telejornal escolhido para analisar o tempo na construção da notícia, levando em consideração que na sociedade contemporânea a percepção do tempo passa, necessariamente, pelos meios de comunicação. A forma cada vez mais rápida que a informação chega ao público, através da televisão, da internet ou de outras mídias, faz com que o passado, o presente e o futuro se aproximem, dando a impressão de que os fatos surgem sempre no presente imediato.

O volume de notícias veiculadas todos os dias na **Globo News** é muito grande, assim o trabalho analisa dois dias distintos no *Em Cima da Hora*: o dia da saída de Antonio Palocci do ministério da Fazenda – 27 de março de 2006; e o dia 4 de fevereiro de 2009. No primeiro, a repercussão foi tão grande, que essa notícia monopolizou todas as edições do *Em Cima da Hora* não dando espaço a nenhum outro fato. O segundo dia, pelo contrário, foi escolhido justamente porque não tinha nenhuma notícia de grande relevância capaz de alterar a paginação dos jornais, o que facilita a análise crítica sobre a escolha do que deve ser noticiado ou não. Tendo o tempo como pano de fundo e grande articulador dos fatos noticiados, este trabalho também lança um olhar sobre a construção da memória na sociedade contemporânea e sobre o papel de historiadores e jornalistas que, mesmo de formas diferentes, atuam como mediadores entre os acontecimentos, históricos ou não, e a construção da experiência social.

Abstract

Evaluate how past, present and future are articulated in a news channel to broadcast news 24 hours a day is the main objective of this dissertation. The ***Em Cima da Hora***, which goes on air every hour on **Globo News**, TV newscast **was** chosen to have the time analysed within the construction of the news, taking into consideration that in contemporary society the perception of time goes necessarily, through the media. The faster and faster way that the information reaches the public nowadays, whether through television, the internet or other media, makes the past, present and future seem to melt, giving the public the impression that the events always occur in this immediate present time .

Due to the fact that the volume of information conveyed every day on the **Globo News** is very large, this work focus and analyses two days at the ***Em Cima da Hora***: the days of the departure of Antonio Palocci the Ministry of Finance – first on March 27, 2006, and later on February 4th, 2009. First, the impact was so great that this story monopolized all of the editions at the ***Em Cima da Hora*** without giving space to any other fact. The second day, however, was chosen precisely because they had no news of great importance capable of changing the layout of the newspapers, which makes the critical analysis on the choice of what should be reported or not easier. Having the idea of time as background and great articulator of the facts reported, this work also takes a look at the construction of memory in contemporary society and the role of historians and journalists who, even in different ways, act as mediators between the events whether historical or not, and the construction of social experience.

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1: O tempo	13
1.1. O tempo na História	14
1.2. Narrativa: matéria-prima de historiadores e jornalistas ...	18
1.3. Historiadores e jornalistas	20
Capítulo 2: Globo News	25
2.1. A TV por assinatura	30
2.2. Algumas reflexões sobre a cultura da notícia	31
Capítulo 3: A demissão do ministro Palocci: passado de crise, presente de caos e futuro de incerteza	34
3.1. Um dia comum	59
Capítulo 4: A construção da memória	83
4.1. Armazenamento das informações	89
Conclusão	92
Glossário	96
Lista de entrevistas	104
Referências bibliográficas	105
Anexos	109

Introdução

Na correria do dia-a-dia, como *editora de texto*¹ do canal de TV por assinatura **Globo News**², nem sempre tenho tempo para pensar no tempo, isto é, nesta dimensão na qual se desenvolvem os processos históricos das diferentes organizações sociais. Mas, embora falte espaço para questionar sobre o passado, o presente e o futuro, sinto esses múltiplos tempos sempre presentes nos fatos noticiados e na relação que os jornalistas travam com eles. Dessa forma, este trabalho busca não só refletir sobre a minha prática profissional de forma crítica, mas analisar como a valorização da informação e do imediatismo na sociedade atual, cada vez mais informada na era da “vida em tempo real”, define a percepção do processo histórico no cotidiano e de como ele se articula na vida moderna.

O *Em Cima da Hora*, que vai ao ar de hora em hora na **Globo News**, veiculada em todo o Brasil pelo canal 40 da TV por assinatura NET³, foi o telejornal escolhido para a análise do tempo na elaboração da notícia. São vinte e uma edições, a cada 24 horas e, a cada jornal, os principais temas do dia são atualizados, ampliados, aprofundados e comentados de forma que o assinante receba sempre uma informação a mais, com vários enfoques e visões diferenciadas. Nas palavras de Vera Íris Paternostro⁴, uma das diretoras da Central Globo de Jornalismo e autora do livro *O texto na TV: manual de telejornalismo*: “O *Em Cima da Hora* é uma espécie de jornal em cascata: um *espelho* é feito para o jornal das sete da manhã e, ao longo do dia, ele se

¹ Todas as palavras técnicas próprias da atividade jornalística aparecerão em itálico e têm o significado explicado num glossário, antes da bibliografia.

² Canal 40 de jornalismo 24 horas da TV por assinatura NET.

³ A NET Serviços de Comunicação S.A. é uma operadora de TV por assinatura a cabo que oferece também serviços de banda larga e de redes corporativas.

⁴ Durante a realização dessa dissertação, a jornalista Vera Íris Paternostro foi entrevistada duas vezes: na primeira, em 2006, ela exercia a função de Diretora de Programas da Globo News; na segunda, já exercia o cargo que ocupa atualmente de Gerente de Desenvolvimento de Jornalismo da TV Globo.

transforma, com a inclusão de novas reportagens e atualização dos assuntos do Brasil e do mundo⁵.”

Tendo em vista que o slogan do canal é “**Globo News**: a vida em tempo real”, me proponho a pensar como a noção de tempo real é construída e difundida como característica central da informação imediata no mundo contemporâneo. Nesse sentido, faz-se necessário discutir, por um lado, as práticas do jornalismo contemporâneo de um ponto de vista interno, mais crítico, e por outro, ampliar o escopo da observação histórica sobre o mundo contemporâneo, a partir das problemáticas do telejornalismo atual. Uma síntese da minha própria formação profissional de jornalista e historiadora.

Pensar na relação do tempo com a notícia é muito mais do que refletir sobre a corrida contra o relógio que os jornalistas, diariamente, se submetem na ânsia de transmitir a informação em primeira mão. Significa analisar como os múltiplos tempos, – passado, presente e futuro – estão contidos nos fatos, como essa temporalidade influencia a dinâmica histórica. E, especificamente no caso do telejornalismo, como a televisão influencia a percepção da história, construída diariamente pelos fatos cotidianos, e muda a forma como as pessoas se relacionam com o tempo, muito em função da imagem em movimento.

O jornalismo e a História, a princípio, lidam com o tempo de formas muito diferentes. Para o jornalismo, é o presente que interessa. Um presente que vira passado na velocidade ditada por cada veículo de comunicação: no jornal impresso, o que num dia é novo, no outro é velho; no rádio, por ser um dos veículos que têm acesso mais rápido à notícia, devido a sua simplicidade técnica (basta um gravador e/ou um telefone celular para transmitir um fato), o novo chega muitas vezes antes de todos os outros veículos a um número muito grande de pessoas; a TV, com o recurso da imagem, diariamente informa os principais fatos para os telespectadores; e, por fim, a internet, cujo acesso embora ainda não seja uma realidade para a maioria do povo brasileiro, faz da agilidade e abrangência suas principais armas para apresentar o presente.

Em seu livro, Vera Íris Paternostro destaca algumas características que contribuem para entender a dinâmica do telejornalismo, principalmente na TV aberta:

⁵ PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999, p. 44.

Informação visual: transmite mensagens através de uma linguagem que independe do conhecimento de um idioma ou da escrita por parte do receptor. A TV mostra e o telespectador vê: ele se informa, está recebendo a notícia, ampliando o seu conhecimento.

Imediatismo: transmite a informação contemporânea quando mostra o fato no momento exato em que ele ocorre através das imagens – o signo mais acessível à compreensão humana. A TV tem hoje uma agilidade muito grande, porque o aparato técnico para uma transmissão está muito simplificado. Pequenas emissoras já possuem unidades móveis de jornalismo para reportagens “ao vivo” que são instaladas com rapidez e velocidade. Os satélites mostram o fato do outro lado do mundo.

Alcance: a TV é um veículo abrangente e de grande alcance. O jornalismo na TV tem, portanto, que considerar como vai tratar uma notícia, já que ela pode ser “vista” e “ouvida” de várias maneiras diferentes.

Instantaneidade: a informação da TV é momentânea, instantânea. Ela é “captada” de uma só vez, no exato momento em que é emitida. Não tem como “voltar atrás e ver de novo”, ao contrário do jornal ou da revista.

Envolvimento: a TV exerce fascínio sobre o telespectador, pois consegue transportá-lo para “dentro” de suas histórias. Não existe um padrão de linguagem televisiva, mas há no telejornalismo a forma pessoal de “contar” a notícia e a familiaridade com repórteres e apresentadores, que seduzem e atraem os telespectadores.

Superficialidade: o *timing*, o ritmo da TV, proporciona uma natureza superficial às suas mensagens. Os custos das transmissões, os compromissos comerciais e a briga pela audiência impedem o aprofundamento e a análise da notícia no telejornal diário.

Índice de audiência: a medição do telespectador orienta a programação a criar condições de sustentação comercial. O índice de audiência interfere de modo direto, a ponto de a emissora se posicionar dentro de padrões (trilhos) que são os resultados de aceitação por parte do público-telespectador⁶.

Como a notícia não tem hora nem data marcada para acontecer, seja um fato de grande repercussão ou qualquer outro menos impactante, os jornalistas numa redação estão em permanente estado de alerta. No caso **Globo News**, esse estado de atenção é ainda maior, já que é um canal que prioriza a notícia 24 horas por dia. No fundo, embora os jornalistas do canal já estejam relativamente acostumados com fatos de grande repercussão, toda vez que uma notícia desse tipo chega à redação, o clima é uma mistura de estresse, ansiedade, euforia e nervosismo.

Nesse momento, a relação do jornalista com o tempo se torna ainda mais conflituosa. Se, normalmente, esse profissional corre contra o relógio, na televisão, e em um canal de jornalismo 24 horas no ar, essa relação jornalista / relógio é ainda mais tensa. Diferentemente da TV aberta, que tem uma *grade de programação* muito rígida, na qual a notícia tem horário e tempo definidos nos telejornais que fazem parte da

⁶ PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999, pág. 64/65.

programação diária das emissoras – exceto quando há um plantão –, a preocupação central da **Globo News** é com a informação. Nesse sentido, embora a sua grade seja composta, basicamente, de meia hora de programas e meia hora de *hard news*, quando ocorre um fato de grande relevância, não se pensa duas vezes para interromper a programação e transmitir determinada notícia.

A opção por manter o assinante informado e o mais atualizado possível cria uma relação de mão dupla: os jornalistas lutam contra o tempo para colocar no ar as informações mais atualizadas possível e o telespectador já procura o canal com a expectativa de saber, em primeira mão, os assuntos mais importantes do dia do Brasil e do mundo. É preciso ressaltar, no entanto, que cada vez mais a internet entra como um terceiro elemento nessa relação e faz com que a **Globo News** tenha que concorrer com as notícias online. Principalmente, porque a maioria do público do canal, 64%⁷, tem acesso à internet.

Diariamente, o telejornalismo veicula notícias que, analisadas de forma crítica, devem ser encaradas como registros históricos do tempo presente. Isso não quer dizer, no entanto, que o jornalista escreva a história. Embora a maioria dos jornalistas acredite nisso, o que esses profissionais fazem é relatar fatos jornalísticos, que podem ou não entrar para a história. A história é muito mais complexa e é escrita e construída pelos diversos atores sociais. O jornalista é apenas um desses atores. Sua função é registrar os fatos de interesse da sociedade e organizá-los para o leitor, ouvinte ou telespectador, contextualizando-os de forma a chamar a atenção para a importância que determinada notícia tem para a vida de cada um.

Como se pode perceber, cada vez mais, o que legitima o presente não é mais o passado como um conjunto de pontos de referência, ou mesmo duração, mas o passado como um processo de tornar-se presente. Dessa forma, a postura que o indivíduo adota no que se refere às relações entre passado, presente e futuro são indispensáveis, na medida em que tem que situar-se no *continuum* da própria existência.

O que é passado, presente e futuro dependem das gerações vivas do momento. E, como elas se ligam constantemente, era após era, o sentido desses tempos não para de evoluir. Mais do que isso, esses conceitos expressam a relação que se estabelece entre uma série de mudanças e a experiências que uma pessoa (ou um grupo) tem dela. Neste sentido, as linhas de demarcação entre esses tempos modificam-se sempre, porque os

⁷ Ipsos Marplan. SISEM Suíte. Nove Mercados. Filtro: Ambos os sexos - 13 e + anos. Quem declara ter assistido a Globo News nos últimos 30 dias. Período: Outubro/06 a Setembro/07.

próprios sujeitos para quem um dado acontecimento é passado, presente ou futuro se transformam, ou são substituídos por outros.

No caso específico do telejornalismo, e levando em consideração o caráter imediatista da **Globo News**, o presente como processo histórico que é construído, diariamente, deve ser analisado à luz da afirmação de Pierre Nora, segundo a qual, “nenhuma época se viu, como a nossa, viver seu presente como já possuído de um sentido histórico⁸”. E essa atualidade, essa circulação generalizada da percepção histórica, culmina no fenômeno do acontecimento.

A História, por sua vez, tem um tempo um pouco mais lento. É verdade que há muito deixou de se preocupar só com o passado e conseguiu voltar os olhos para o presente e, porque não dizer, para o futuro também. A diferença de olhar em relação ao jornalismo está relacionada a uma visão mais aprofundada dos fatos. O distanciamento em relação ao objeto de pesquisa, que durante muito tempo foi usado como justificativa para desprezar o presente, também já é trabalhado pelos historiadores de forma diferente. Mas o que ainda permanece é a análise com rigor e método científicos que, por isso, requer preceitos diferentes dos usados pelos jornalistas.

A reflexão deste trabalho se insere, portanto, no marco dos estudos do tempo presente, iniciado no final dos anos 70, início dos anos 80. Até então, a historiografia, influenciada pela Nova História que, por sua vez, seguia algumas diretrizes da *Escola dos Annales*⁹ priorizava as estruturas duráveis e os fenômenos de longa duração, seguindo o sentido econômico e social do tempo.

Em outros termos, a história do tempo presente era vista com desconfiança pelo paradigma estruturalista, que utilizava os seguintes argumentos: a) problema do distanciamento temporal do pesquisador em relação ao objeto, no sentido de não interferir na objetividade da pesquisa; b) a maioria dos historiadores achava que o distanciamento era o meio mais seguro para evitar as paixões políticas; c) com as testemunhas presentes no momento do fato, poderiam vigiar ou contestar o pesquisador.

Na corrente inversa, entravam em cena os historiadores ligados ao estudo da história contemporânea, voltados para uma história política renovada pelas discussões sobre o papel dos intelectuais e pelos debates sobre a função do historiador no mundo

⁸ NORA, Pierre, 1974. O retorno do fato. In: Le GOFF, J. e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, p. 180

⁹ A *Escola dos Annales* surgiu na França, no fim dos anos 20, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, dando origem ao que se conhece como Nova História. Até a *Escola dos Annales* a História tradicional regia-se pela metodologia positivista, inspirada nas ciências naturais. Com as idéias dos historiadores dessa corrente dos *Annales*, a História passou a ser problematizada pelo historiador.

contemporâneo. As ideias do historiador medievalista Jacques Le Goff são importantes para se entender alguns dos postulados da análise do tempo presente: a) ler o tempo presente, o acontecimento, com uma profundidade histórica suficiente e pertinente; b) manifestar quanto as suas fontes o espírito crítico de todos os historiadores segundo os métodos adaptados às novas fontes; c) não se contentar em descrever e contar, esforçar-se por explicar; d) tentar hierarquizar os fatos, distinguir o incidente do fato significativo e importante, fazer do acontecimento aquilo que permitirá aos historiadores do passado reconhecê-lo como outro, mas também integrá-lo numa longa duração e numa problemática nas quais os historiadores do ontem e do hoje se reúnam.

O recorte teórico-metodológico utilizado leva em consideração, entre outras questões, a narrativa do telejornalismo, relacionada ao código usado pelos jornalistas para passar a mensagem pretendida. No telejornalismo, a imagem comanda o texto, as palavras devem servir de apoio às imagens. Mais do que isso, o texto deve ser coloquial, preciso, objetivo, informativo e pausado.

Numa comparação entre a escrita e a imagem, pode-se afirmar como demonstra Marshall McLuhan, em *O meio é a mensagem* (McLUHAN, Marshal, 1964), que a leitura da escrita é sempre um ato individual, enquanto a da imagem pode ser coletiva. Nesse sentido, a imagem se insere no imaginário coletivo e nunca descreve o mundo na sua plenitude, mas é apenas uma parte dele. A imagem é representação e, como tal, pode-se ser definida como signo, é o olhar de uma época – ou melhor, várias épocas conjugadas -, de quem a produz e de quem a recebe.

No que se refere à metodologia, são analisados dois dias distintos no *Em Cima da Hora*. O primeiro, marcado pela demissão do então ministro da Fazenda, Antonio Palocci, no dia 27 de março de 2006. O segundo dia foi escolhido, justamente, por não apresentar nenhuma grande notícia que tenha merecido destaque ao longo das edições do telejornal. Como a saída de Palocci do governo Lula ocorreu quase no fim do *Em Cima da Hora* das 17h, serão analisadas todas as edições do telejornal até o *Jornal das Dez*, isto é, os *Em Cima da Hora* de 17h, 18h, 19h, 20h e 21h. Para facilitar a comparação, as mesmas cinco edições serão analisadas num dia “normal”, ou seja, sem uma notícia que dite a *paginação* dos jornais.

A escolha da demissão do ex-ministro Antonio Palocci se deu por ser um exemplo de notícia que dialoga com passado, presente e futuro de uma maneira bastante explícita. Há meses, o governo Lula vinha enfrentando uma série de denúncias até culminar na saída do ministro da Fazenda. Além deste passado de conflitos, o fato

estava carregado de importância política e econômica para o presente e gerava um clima de incerteza e instabilidade para o futuro.

A veiculação desta notícia foi feita, num primeiro momento, por uma *híbrida*. A apresentadora Leila Sterenberg interrompeu o que seria o início da entrada ao vivo da repórter da Bolsa de Mercadorias e Futuros para dar a notícia da demissão de Palocci. Em seguida, chamou a repórter de Brasília, Mônica Carvalho, que entrou *ao vivo* pelo telefone com as informações.

O assunto foi discutido ainda pelos comentaristas de política e economia do canal, por entradas *ao vivo* dos repórteres em Brasília e na Bolsa de Mercadorias e Futuros de São Paulo e, finalmente, por matérias de vários repórteres, veiculadas, primeiramente, no *Jornal Nacional* e, posteriormente reexibida no *Em Cima da Hora*. Nessa evolução de tratamento da notícia, é possível perceber a interação do jornalista com o fato, isto é, de que forma o tempo é determinante na relação do profissional com a notícia, e as diferentes formas que a notícia adquire nessas diferentes abordagens.

Além da bibliografia sobre televisão, história, tempo e a relação entre história e jornalismo, serão utilizados depoimentos orais de profissionais que trabalham na **Globo News** e na TV Globo. Ao fazer parte da engrenagem da televisão, esses jornalistas emprestam a esse trabalho um olhar ainda mais amplo sobre o passado do telejornalismo, a prática diária nas redações e as perspectivas para a atividade profissional num futuro ligado ao desenvolvimento da tecnologia e ao surgimento de novas mídias.

A História Oral é vista, assim, como metodologia e, enquanto tal, ponte entre teoria e prática. A teoria tem a capacidade de pensar abstratamente questões oriundas da prática, filtradas pela metodologia, isto é, oferece os meios para refletir sobre o conhecimento histórico. O que se quer dizer com isso é que a História Oral não é usada como uma mera técnica, uma simples ciência auxiliar na História Contemporânea. Ela não só suscita novos objetos e uma nova documentação como estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história, quando centra sua análise na visão e versão que dinamiza a experiência dos atores sociais.

Pode-se dizer que a História Oral se aproxima do método histórico tradicional porque ambos seguem as mesmas etapas: a) problemática inserida no projeto de pesquisa; b) desenvolvimento dos procedimentos heurísticos apropriados à constituição das fontes orais; c) controle das críticas internas e externas da fonte constituída; c) análise e interpretação das evidências e exame detalhado das fontes compiladas. No

entanto, se distingue porque a História Oral constitui novas fontes para a pesquisa históricas. Nesse sentido, fazer História Oral significa produzir conhecimentos históricos, científicos, e não apenas fazer um relato da vida dos outros.

No caso mais específico deste trabalho, um problema surge com muita nitidez: a questão do distanciamento entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, e porque não dizer as suas fontes, na medida em que o historiador está inserido no seu objeto de pesquisa. Dessa forma, houve uma atenção ainda maior nas entrevistas e na abordagem do tema que, embora seja parte do cotidiano de quem escreve, muitas vezes, é totalmente desconhecido do leitor.

A divergência dos meios de expressão é outro problema central na análise de qualquer produto audiovisual, ou seja, a metalinguagem (o texto verbal) é diferente da linguagem objeto (filme, programa de televisão ou telejornal).

Em primeiro lugar, há o problema da *citação*: não há como incluir na análise, a título de citação, os trechos audiovisuais sobre os quais está se falando. Para se ter uma ideia mais clara da questão, basta uma comparação com a linguagem literária: na televisão, não tem como “abrir” aspas e reproduzir o texto, como na linguagem literária, quando se quer citar um trecho submetido à análise. A televisão carrega uma desvantagem, portanto, que é a de não poder contar com o próprio discurso sobre o qual fala.

Um segundo problema, que também se faz presente em decorrência da questão da metalinguagem, é o da *irredutibilidade* de um sistema de expressão a outro: um programa de televisão ou, mais especificamente, um telejornal, como qualquer outro produto audiovisual, não pode ser inteiramente traduzido para o discurso verbal, isto é, ele deixa sempre uma “sobra”, que é a margem de especificidade que o distingue da metalinguagem adotada. Essa limitação reforça a evidência de que a análise não pode ser a explicação última do objeto. O segundo dia, em que não há uma única notícia se sobrepondo a todas as outras nos telejornais, poderá ser visualizado pela reprodução dos *espelhos* das edições analisadas¹⁰.

Entende-se como notícia um recorte no espaço e no tempo em relação a processos sociais mais amplos, que só existe vinculado a um evento ao qual lhe parece externo, mas que configura e é configurado por ela. Além disso, para ser considerado

¹⁰ A produção de um DVD editado - com as edições do *Em Cima da Hora* no dia da demissão de Antonio Palocci e no outro dia escolhido para ser analisado – foi inviabilizada porque a TV Globo não autorizou o uso das imagens, que ficariam arquivado na universidade. O DVD tinha sido a alternativa para mostrar, em imagens, o que analisarei no texto escrito.

notícia o fato tem que ser novo, extraordinário, ou, ao menos, trazer algum tipo de informação nova sobre determinado assunto. Mais do que isso, a notícia está diretamente relacionada ao veículo pelo qual ela é transmitida. O que pode ser notícia para um *telejornal local* não necessariamente o é para um *telejornal de rede*, porque o público é diferente.

O conceito de tempo utilizado é baseado, principalmente, na teoria desenvolvida por Norbert Elias. O tempo, nesse sentido, é um símbolo social comunicável, que, no interior de uma sociedade, permite transmitir de um ser humano para outros, imagens mnêmicas que dão lugar a uma experiência. A imagem mnêmica e a representação do tempo num dado indivíduo dependem, no entanto, do nível de desenvolvimento das instituições sociais que representam o tempo e difundem seu conhecimento, assim como das experiências que o indivíduo tem delas. Mais do que isso, a particularidade do tempo está na utilização de símbolos – hoje em dia, essencialmente numéricos – como meios de orientação em todos os níveis de integração, tanto física, quanto biológica social e individual. Em outros termos, o tempo tornou-se a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne várias sequências de caráter individual, social ou puramente físico.

O conceito de tempo como experiência social, que norteia todo o trabalho, é explicitado logo no primeiro capítulo, intitulado “**O Tempo**”. O **sub-capítulo 1.1, “o tempo na História**”, apresenta ainda um panorama de como os historiadores foram mudando a forma de lidar com o passado e com o presente na sua prática profissional. O presente, que durante muito tempo não era aceito como objeto de estudo da História, principalmente pela questão do distanciamento entre sujeito e objeto, venceu as barreiras impostas pela Academia e, cada vez mais, é um campo de estudo fértil para os historiadores. Esta trajetória é analisada com o embasamento teórico de autores como Marc Bloch, Ciro Flamarion, Marialva Barbosa e Carlos Eduardo Franciscato.

O tempo presente também é o meio de atuação dos jornalistas (como os que trabalham no *Em Cima da Hora*) que, diariamente, lutam contra o relógio para dar a notícia em primeira mão, fazem parte de veículos de comunicação que têm um tempo próprio e que, por isso, muitas vezes acabam encurtando o tempo de funcionamento de algumas instituições e, por fim, produzem notícias que estão carregadas de passado, presente e futuro. Nas palavras do diretor da **Globo News**, Luiz Cláudio Latgé:

Tem um descolamento do tempo da notícia, que é cada vez mais rápido, e do tempo que as instituições precisam para acompanhar o seu ritual. A justiça tem um ritual que é: instruir o processo, formalizar a denúncia e fazer julgamento. Isso tem um tempo de duração (...) que não é o mesmo tempo dos meios de comunicação. Então, você tem uma defasagem. E acaba que, de certa forma, o jornalismo se apropria das outras atividades.¹¹

A questão da narrativa e a relação com os fatos descritos é o tema do **sub-capítulo 1.2, “Narrativa: matéria-prima de historiadores e jornalistas”**. Nesse item, estão presentes algumas ideias que permeiam o debate epistemológico sobre o “real”: é possível narra os fatos exatamente como ocorreram a narrativa impõem um distanciamento intransponível entre o “real” e o narrado? Nesse rio de fatos, a posição mais enriquecedora para jornalistas e historiadores é a terceira margem, isto é, no encontro e na mediação entre o fato em si e a representação.

A relação do jornalista com o presente é analisada no **sub-capítulo 1.3, “Historiadores e jornalistas”**, no qual são traçadas as diferenças na forma como essas duas categorias profissionais lidam com o tempo.

O **segundo capítulo** delinea um panorama do surgimento **Globo News**, em 1996, como o primeiro canal de jornalismo 24 horas no ar do país, utilizando depoimentos de pessoas que fizeram parte da formulação do canal, como Vera Íris Paternostro, atualmente Gerente de Desenvolvimento de Jornalistas. Mais do que isso, dados numéricos obtidos em institutos de pesquisas como IBOPE, Ipsos Marplan e PTS (Pay Tv Survey) mostram um perfil do assinante da **Globo News** e ajudam também a redimensionar a importância do canal para a sociedade como um todo. Não se pode perder de vista, que apenas 5.334.083 domicílios em todo o país têm acesso à **Globo News**, num país com mais de 180 milhões de habitantes. Assim, embora desempenhe uma função muito importante de agência de notícias, o canal não é, nem de longe, uma realidade para a maioria dos brasileiros.

A **Globo News** é um exemplo de uma nova realidade instaurada pelo surgimento da TV por assinatura no mundo, no fim dos anos 80, e, especificamente, no Brasil, no início dos anos 90 – o que será analisado no **sub-capítulo 2.1**. Na medida em que a tecnologia permitiu a distribuição de sinais, o conteúdo da programação assumiu um caráter de segmentação.

O **sub-capítulo 2.2, “Algumas reflexões sobre a cultura da notícia”** encerra o segundo capítulo com uma análise do jornalismo visto na perspectiva dos estudos

¹¹ LUIZ LATGÉ, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, fita lado B, 2008. Íntegra: ANEXO 7.

culturais. Uma perspectiva que vai ao encontro do ponto de vista de Raymond Williams, para quem a televisão é, ao mesmo tempo, uma tecnologia e uma forma cultural, e o jornalismo, uma instituição social. A concepção de que o telejornalismo tem como papel institucional tornar a informação publicamente disponível através das várias organizações jornalísticas é uma construção, isto é, é da ordem da cultura, e não da natureza do jornalismo, ter se desenvolvido deste modo em sociedades específicas.

O **capítulo 3**, intitulado “**A demissão do ministro Palocci: passado de crise, presente de caos e futuro de incerteza**” analisa como passado, presente e futuro estão presentes num único fato e se articulam, tanto no contexto interno quanto no contexto externo da notícia. Para isso, foi escolhido um dia em que uma única notícia perpassa várias edições do *Em Cima da Hora* e outro dia, em que não há um fato ditando a paginação do telejornal.

O primeiro caso analisado é o dia da demissão do então ministro da Fazenda, **Antonio Palocci** (27 de março de 2006). A partir de textos transcritos do material visual gravado naquela segunda-feira, e de depoimentos de profissionais do canal – como o diretor da **Globo News**, Luiz Cláudio Latgé, um dos editores-chefes do canal, Eduardo Marotta e o coordenador de telejornais, Daniel Rochester –, é possível observar o desenvolvimento de uma notícia, a relação dos diferentes profissionais de uma redação com a informação e os desdobramentos desse fato ao longo das cinco edições analisadas.

Já no outro dia – analisado no **sub-capítulo 3.1, “Um dia comum”**, – em que não há um fato de grande repercussão, a quantidade de notícias diferentes aumenta muito em cada edição e, por isso, o volume de informações que chega a uma redação pode ser visto de uma forma mais clara. Como uma única notícia não monopoliza o espaço no telejornal, a variedade de informações fica mais evidente e, conseqüentemente, o papel do canal como agência de notícias ainda mais visível. A consequência “negativa” dessa quantidade enorme de informação é a impossibilidade de um aprofundamento maior de alguns fatos e do acompanhamento de algumas situações ao longo dos dias.

O objetivo dessa comparação não é uma defesa ou uma crítica à dinâmica desse canal de jornalismo 24 horas no ar, mas o questionamento, crítico, sobre a cobrança que diversos setores da sociedade fazem em relação à imprensa no que se refere à cobertura “superficial” dos fatos.

O **quarto** e último capítulo, “**A construção da memória**”, analisa como esse fluxo cada vez maior de informação se articula na construção da memória. Nesse mundo marcado pelo imediatismo da veiculação dos acontecimentos, a memória pode ser vista como uma resposta, ou uma reação, às mudanças rápidas e a uma vida cujas raízes já não são tão facilmente identificadas. Nesse sentido, a memória é um mecanismo cultural que fortalece o sentido de pertencimento; é um elemento chave nos processos de construção e reconstrução das identidades individuais e coletivas das sociedades; é um espaço de luta política. O embasamento teórico dessas questões é feito a partir de autores como Elizabet Jelin, Pedro Güell e Norbert Lechner, Paul Ricoeur e Tzvetan Todorov.

Como a instrumentalização da memória passa pela seleção do que deve ser lembrado ou esquecido, a escolha dos assuntos que são destacados para ir ao ar no ***Em Cima da Hora*** é objeto de análise desse capítulo. Além disso, faz necessário entender como se dá o armazenamento das informações que são veiculadas na **Globo News**, o que é analisado no **sub-capítulo 4.1, “O armazenamentos das informações na Globo News”**. Como o número de edições no ***Em Cima da Hora*** é muito grande, o Centro de Documentação da TV Globo (CEDOC), normalmente, não armazena o que é transmitido pelo canal. Tudo o que é exibido pela **Globo News** fica guardado no computador central por três dias e depois é apagado. Apenas os furos de reportagem do canal são enviados para o CEDOC. Uma dinâmica que dificulta o trabalho de historiadores ou outros profissionais que queiram ter acesso ao que é produzido por esse canal de jornalismo 24 horas no ar.

Num mundo cada vez mais digitalizado, fica a pergunta: o que será do jornalismo daqui para frente? Sem nenhum objetivo leviano de “adivinhar o futuro”, a análise de algumas tendências atuais sobre o acesso à informação ajuda a entender a relação do público com os diferentes veículos de comunicação. E, dessa maneira, possibilita um olhar mais crítico sobre o desafio de jornalista e historiadores num futuro muito próximo.

Capítulo 1: O tempo

Embora seja fundamental na vida de qualquer ser humano e esteja presente no consciente e no inconsciente de todas as pessoas, o tempo é um conceito difícil de ser definido. Geralmente é utilizado menos como instrumento metodológico do que como objeto de estudo. Via de regra, deixa-se de lado como lidar com a categoria ou o parâmetro temporal na pesquisa histórica.

O tempo como experiência social se divide, basicamente, em duas categorias: a absoluta e a relativa. Como categoria absoluta é uma estrutura imutável, que já existe antes do ser humano nascer. Isto é, é algo externo e imposto aos indivíduos. Já o tempo como categoria relativa é uma estrutura mutável, que se liga diretamente à matéria. A descoberta dessa categoria – num contexto das mudanças no quadro científico e filosófico do século XX, associado às teorias da relatividade e ao desenvolvimento da física quântica – foi uma verdadeira revolução tanto nas ciências naturais quanto nas ciências sociais. Para Norbert Elias,

(...) foi Einstein que coube evidenciar que o tempo é uma forma de relação, e não, como acreditava Newton, um fluxo objetivo, um elemento de criação nas mesmas condições que os rios e as montanhas visíveis, e tão independente quanto eles da atividade determinativa dos homens, a despeito de seu caráter visível¹².

Quando se pensa no tempo, na maioria das vezes vem à cabeça o relógio, que nada mais é do que um instrumento físico padronizado pela sociedade, que o divide em sequências regulares: as horas, os minutos e os segundos. Mais do que isso, na maioria das sociedades, a função dos relógios é a mesma que a dos fenômenos naturais, ou seja, meios de orientação para os homens inseridos numa sucessão de processos sociais e físicos. Nas palavras de Norbert Elias: “sentimos o tempo cotidiano dos relógios e percebemos – cada vez mais intensamente à medida que envelhecemos – a fuga dos

¹² ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução por Vera Ribeiro; revisão técnica: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 38.

anos nos calendários. Tudo isso se tornou uma segunda natureza e é aceito como se fizesse parte do destino de todos os homens.¹³”

É preciso ressaltar, entretanto, que essa percepção do tempo se dá de maneira diferente nas sociedades menos complexas, como as aldeias auto-suficientes. Nelas, a consciência humana é mais atingida pela repetição inelutável das mesmas sequências, como o ciclo das estações, do que pela sucessão dos anos. E, por consequência, a consciência que o indivíduo tem de si mesmo, desligada da cadeia de gerações, não é tão clara quanto nas sociedades altamente diferenciadas. Em outros termos, “o tempo não se reduz a uma “ideia” que surja do nada, por assim dizer, na cabeça dos indivíduos. Ele é também uma instituição cujo caráter varia conforme o estágio de desenvolvimento atingido pelas sociedades.¹⁴”

Seguindo esse ponto de vista sociológico, o tempo ligado às formas de organização social é o elemento que caracteriza de modo determinante a vida cotidiana e o estilo de vida de uma sociedade. Pode ser definido ainda como um recurso econômico que se calcula, utiliza e controla de maneira distinta segundo o tipo de sociedade. O tempo é a dimensão em que os processos históricos de mudança e evolução social se desenvolvem e adquirem sentido e, por fim, é uma concepção de passado, presente e futuro que varia de acordo com o tipo de sociedade e cultura que se considere.

1.1. O tempo na História

Durante muitos anos, a relação do tempo com a História era definida pelo interesse no passado. No século XX, a historiografia francesa rompeu com a visão histórica tradicional e conservadora que foi praticada, principalmente, na Academia, durante todo o século XIX. No fim da década de 1920, a Nova História se opôs à chamada história positivista, provocando uma verdadeira revolução na historiografia. O advento da democracia política e social, a difusão do socialismo e o impulso do movimento operário dirigiam o olhar dos historiadores para as massas, também vistas como “os esquecidos” da história.

¹³ ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução por Vera Ribeiro; revisão técnica: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.11.

¹⁴ ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução por Vera Ribeiro; revisão técnica: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p 15.

A Nova História inaugurada por estudiosos franceses como Marc Bloch e Lucien Febvre, promoveu uma história econômica e social, e não somente política como imperava até então; defendia a interação das várias ciências sociais, provocando uma mudança nos parâmetros documentais, o que significou a valorização de outras fontes que não somente as escritas, tais como, a história oral e a arqueologia. Os documentos passaram a ser vistos como vestígios, contrapondo-se à versão da época que definia o passado como um dado rígido, que ninguém modificava.

Essa nova historiografia se estruturou num movimento contrário à supervalorização dos fatos, que reduzia o mundo ao jogo entre “grandes homens”, exércitos e povos. A *Escola dos Annales* buscava uma história totalizante, compreendendo o homem na sua plenitude. Nesse contexto, a narrativa histórica (a história romance) foi substituída por uma história problema; as histórias parciais (militar, política), por uma história total. Ciro Flamarion menciona essa mudança de comportamento dos historiadores ao analisar as linhas de força da evolução recente da ciência histórica:

Além de grandes personagens e grandes acontecimentos políticos – na verdade, mais do que a estes – aspiramos conhecer cada período e cada sociedade, o quadro técnico, econômico, social e institucional; as pulsações conjunturais; os movimentos da população; a vida das grandes massas, e não somente a dos grupos dominantes; os movimentos e relações sociais; a psicologia coletiva, e não apenas a dos “personagens históricos”. Ainda mais, aspiramos entender os mecanismos que explicam as concordâncias e discordâncias existentes entre os diversos níveis de uma determinada sociedade, queremos ter dela imagem tão integrada e global quanto possível.¹⁵

O grande historiador medievalista Marc Bloch também pode ser definido como “pai” dessa “História como problema”. No que se refere ao tempo, foi ele o primeiro a romper com a ideia da História como “ciência do passado” e, em contrapartida, expor o “método regressivo”. Para ele, temas do presente condicionam e delimitam o retorno ao passado. Na definição de Bloch, a história nada mais é do que a ciência dos homens no tempo.

O que fazia com que Marc Bloch discordasse de seu mestre Charles Seignobos, principal representante desses historiadores “positivistas”, era o fato de iniciar a pesquisa histórica somente com a coleta dos fatos, ignorando uma fase precedente baseada na consciência de que o fato histórico não é um fato “positivo”, mas produto de

¹⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Hector Pérez. A evolução recente da ciência histórica: etapas, correntes e campos de estudo. In: **Os métodos da História**. Tradução por João Maia. 6ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002, p. 28-29.

uma construção ativa do historiador para transformar a fonte em documento e, em seguida, fazer desses documentos um problema. Inaugurava-se um tempo em que o objeto de pesquisa ganhava movimento, a partir da significação dada pelos homens. A partir daquele momento, eram as questões que condicionavam os objetos e não o contrário.

Em nossa inevitável subordinação em relação ao passado, ficamos (portanto) pelo menos livres no sentido de que, condenados sempre a conhecê-lo exclusivamente por meio de (seus) vestígio, conseguimos, todavia saber sobre ele muito mais do que ele julgara sensato nos dar a conhecer. (É, pensando bem, uma grande revanche da inteligência sobre o dado.)¹⁶

Outro estudioso que se preocupou com a multiplicidade do tempo da História foi Fernand Braudel. No artigo clássico intitulado *A longa duração*, publicado na revista dos *Annales*, em 1958, Braudel defende a dialética da duração para a observação histórica não só do passado mais distante, como dos fatos da atualidade.

Para ele, a história é um processo de longa duração, que abrange tanto os fatos e as mudanças como também o que não aconteceu, o que não muda. A História é, portanto, uma macroestrutura de longa duração em que os cortes, os destacamentos, são importantes para se aprofundar neles e melhor entender o conjunto, a massa histórica como um todo. Nesse sentido, uma das principais funções do historiador é estudar o que é vivo, o que se vê hoje, afinal, o que está impregnado do hoje.

Na avaliação de Braudel, o tempo é dividido e conceituado em longa, média e curta duração. O primeiro é o tempo geográfico, lento e constituído pela relação entre o homem e a natureza. Nele, as transformações, apesar de lentas, ocorrem, isto é, é uma história lentamente ritmada. O tempo de média duração, ou tempo social, está relacionado à forma como os homens se constituem em sociedade, a uma história calcada nas conjunturas. E, por fim, o tempo individual, ou de curta duração, mostra a sedução que a efemeridade dos acontecimentos imprime aos historiadores. É o tempo da vivência do homem comum.

Cada um desses tempos, no entanto, só pode ser compreendido de forma dialética, tendo em vista as relações que eles têm com um período mais longo. Dessa maneira, longa duração, conjuntura e acontecimento se relacionam nas problemáticas

¹⁶ BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício do historiador**. Tradução por André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 78.

históricas, de modo que ao se escolher um tempo destes equivale a considerar todos os demais.

Como qualquer movimento, a Escola dos Annales sofreu modificações e, a partir de 1968, já era possível perceber críticas ao paradigma iluminista, tais como: abandono da ideia de progresso motivada pela desilusão com uma história recente que mostrava que a modernização, o racionalismo e a ciência não tinham sido fatores de libertação e felicidade; contestação metodológica da impossibilidade de explicação racional do social, do humano; e, por fim, ausência ou insuficiência, nas preocupações dos marxistas e dos Annales, com o indivíduo, o subjetivo, devido a uma obsessão pelo estrutural e pelo poder.

A partir dos anos 70, essa nova concepção entrou em crise. Um declínio que se expressou pelos retornos: retorno da história-relato, da biografia, do acontecimento, mas, sobretudo da história política, que tinha sido mantida sob controle pelos Annales em proveito da história econômica e social. É preciso ressaltar, entretanto, que essa ressurreição do político não pode ser entendida como uma restauração, mas como uma nova etapa da reflexão que a história estava fazendo sobre si mesma; não significou a volta, mas a transformação, a renovação em relação à história política do Antigo Regime. Junto com ela, começava a entrar em cena a história do tempo presente.

No fim dos anos 70, a investigação metodológica e epistemológica voltou-se para o estudo da história herdeira dos Annales. Uma interrogação que foi baseada em três obras fundamentais: *Faire de l'Histoire* (NORA, Pierre e LE GOFF, Jacques. 1974), *La nouvelle histoire* (LE GOFF, Jacques. 1978) e *L'atelier de l'histoire* (FURET, François. 1982). Nas três obras, o presente é quase inexistente, o que é entendido se levado em consideração que a valorização das estruturas duráveis, dos fenômenos de longa duração e do sentido econômico e social do tempo, fizeram com que essa “escola” ignorasse frequentemente o contemporâneo, o presente e o imediato. Na verdade, embora a história do tempo presente tenha se tornado necessário a partir de acontecimentos traumáticos que inauguraram a contemporaneidade depois da Segunda Guerra Mundial e do genocídio nazista, o seu reconhecimento no meio acadêmico não foi nada fácil.

Nesse sentido, a criação do Instituto da História do Tempo Presente, em 1978, na França, foi algo difícil porque ia contra a antiga crença de que a história se institui sobre a separação entre passado e presente para que exista entre o historiador e o seu objeto de pesquisa a distância necessária à “objetividade”. Naquele momento, só dois

artigos notórios sobre história do presente tinham sido publicados: *O retorno do fato* (NORA, Pierre. 1979), e *A história imediata* (LACOUTURE, Jean. 1976).

Em *O retorno do fato*, Pierre Nora, afirma que em nenhuma época como essa se viu viver o presente como possuído de um sentido histórico. A atualidade – marcada pelas guerras, pelas transformações revolucionárias, pela rapidez das comunicações e pela penetração das economias modernas nas sociedades tradicionais (mundialização) – culminaria num fenômeno novo: o *acontecimento*.

Para este autor, o estruturalismo dos positivistas nada mais era do que o encadeamento contínuo de acontecimentos. Essa equipe de historiadores procurou atestar cientificamente um fato, reconstituí-lo para retomar o passado através de uma série de acontecimentos constituídos por uma reunião de fatos, e remeter a descontinuidade de acontecimentos únicos à cadeia da causalidade contínua. Ficou entendido que a história seria construída sobre o acontecimento. Os positivistas inauguraram, assim, uma tradição que fazia do historiador o grande ordenador do acontecimento. Desta forma, estabelecia-se um movimento duplo: de um lado, os positivistas procurando fazer do acontecimento passado a matéria prima da História, que, assim, tornar-se-ia responsável pelo encadeamento desses acontecimentos e, de outro, as mídias promovendo um verdadeiro retorno da História, na medida em que nas sociedades contemporâneas seria por intermédio deles e somente por eles que o acontecimento marcaria a sua presença.

1.2. Narrativa: matéria-prima de historiadores e jornalistas

E é nessa relação entre o interlocutor e os fatos narrados – que militam tanto historiadores quanto jornalistas, guardadas suas diferenças metodológicas – que se faz necessário analisar a questão da narrativa.

O francês Paul Ricoeur, um dos principais filósofos a pensar a relação entre história e ficção, pela via da hermenêutica, traz à luz algumas questões essenciais na análise do discurso. Segundo o autor, a hermenêutica, como processo de interpretação de textos, deveria ultrapassar os limites do próprio texto sendo, portanto, um procedimento de compreensão e interpretação das ações humanas mediadas por seus

vestígios, rastros e discursos. Dessa forma, a compreensão da ação e do comportamento humanos estaria intercedida pelo uso da linguagem.

Nesta analogia entre textos e ações, destacam-se quatro características do discurso: sempre acontece num determinado momento do tempo; sempre se refere a uma pessoa que fala ou escreve, ouve ou lê; estabelece uma comunicação entre interlocutores; e, finalmente, se refere ao mundo que ele quer descrever, expressar ou representar.

Neste ambiente, comum a historiadores e jornalistas, entra em cena a relação entre a narrativa e os fatos que descreve. Um debate epistemológico importante, como bem sinaliza o historiador *Ciro Flamarion* (CARDOSO, *Ciro Flamarion S.* 2005), na medida em que aborda o conceito de veracidade (ou não) das explicações que assumem a forma de um relato, como ocorre frequentemente no caso dos textos históricos e, porque não dizer, jornalísticos. Um debate que é polarizado em duas posições distintas: os defensores da continuidade entre narrativa e mundo real e o lado diametralmente oposto, que defende a descontinuidade.

Do ponto de vista historiográfico, os que defendem a descontinuidade, como *Hayden White*, argumentam que a organização do texto em forma de relato impõe aos fatos a que se refere uma estrutura cuja forma é a de uma narrativa com começo, meio e fim – estrutura que procede do fato de narrar, não dos próprios fatos vividos no mundo real. A narrativa não passa de um produto de uma construção do imaginário; não tem qualquer veracidade, mesmo quando apoiada em fontes, pois não se trata de uma questão de documentação: tratar-se-ia de uma descontinuidade profunda. Não há começo, meio e fim na vida individual ou coletiva: há mera sequência de eventos que “termina” onde se quer, mas nunca se conclui, posto que sempre existe um antes e um depois.

Os que defendem a continuidade, como *David Carr*, justificam que existiria uma comunidade formal de características entre a narrativa e a realidade humana, tanto individual quanto coletiva. Nesse sentido, toda a ação humana tem uma estrutura temporal (passado/presente/futuro), comum ao texto, à vida, à narrativa e à realidade.

As ações humanas são orientadas para um fim, para um futuro que se projeta como possibilidade a ser conquistada. O futuro aqui é só imaginado ou planejado, o que importa, porém, para o argumento é que mesmo um futuro projetado ou previsto cria, na vida real, a possibilidade de transformá-la num relato coerente. A atividade narrativa, neste sentido, é parte inseparável do plano de ação, não é algo incidental ou externo. A

vida não somente se vive, ela se relata, se conta o tempo todo: vivemos o relato, relatamos a vida.

Sobre a dimensão coletiva – também neste caso, a estrutura do tempo social real é narrativa. Em cada presente, é a projeção prospectiva / retrospectiva que lhe dá sentido e configuração, unificando os fatos e ações num projeto reconhecível quanto aos objetivos.

Aqui a ideia de um sujeito coletivo está associada às categorias coletivas da sociedade: estados-nação, grupos linguísticos ou religiosos, partidos, etc.

Qual seria então a posição de jornalistas e historiadores diante de um rio que não para de desaguar fatos? Na terceira margem, como explica Durval Albuquerque:

O que significa pensar a História e escrevê-la desta terceira margem? Significa primeiro pensar que a História não se passa apenas no lugar da natureza, da coisa em si, do evento, da matéria ou da realidade, nem se passa apenas ao lado da representação, da cultura, da subjetividade, do sujeito, da ideia ou da narrativa, mas se passa entre elas no ponto de encontro e na mediação entre elas, no lugar onde estas divisões são indiscerníveis, onde os elementos e variáveis se misturam¹⁷.

Assim como o historiador, é através da linguagem e das formas discursivas que o jornalista realiza a sua mediação, a sua relação com o mundo.

1.3. Historiadores e jornalistas

Antes dos *mass media*, o acontecimento pertencia ao historiador. Era ele que fornecia o seu lugar e o seu valor e, nada penetrava na história sem seu consentimento. Agora, o acontecimento oferece-se a ele do exterior, com toda força de um dado, antes de sua elaboração, antes do trabalho do tempo. Nesse contexto, a tarefa do historiador é fazer surgir o passado no presente.

Tendo em vista as especificidades da história do presente, pode-se destacar três diferenças entre a história imediata e a história de períodos anteriores: no que se refere aos *documentos* e às *fontes*, na história imediata, as fontes são muito abundantes, muito em função dos meios de comunicação. Aqui, cabe uma diferenciação entre fonte escrita e fonte oral (FRANK, Robert. 1999): na primeira o historiador nem é o destinatário direto nem o autor, o que não acontece no depoimento oral, que é uma fonte “provocada

¹⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História**. Bauru: Edusc, 2007, p. 28.

pelo historiador”. Quando o historiador interroga a testemunha, ele mesmo constrói a fonte, e seu usuário é ao mesmo tempo, de seu modo, o produtor. Em relação à *subjetividade*, o historiador fica preso entre seu engajamento pessoal e o dever profissional da objetividade; e, finalmente, o historiador do presente não tem conhecimento do *futuro*, isto é, os historiadores do passado são muito ajudados pelo fato de que sabem o que aconteceu depois. Já a história imediata é lida com o peso do acaso, das possibilidades das escolhas humanas.

A história do presente trouxe a reflexão sobre a presença física do historiador em seu tempo e no seu tema – presença direta ou indireta, presença intelectual, moral, filosófica, ou mais simplesmente psicológica e física. Em outras palavras, a história do presente passa pela referência de uma nova relação entre o cientista e seu campo de investigação. E sua afirmação, no que se refere à dimensão social, se deveu ao aumento e à aceleração da comunicação, à renovação progressiva da imprensa e do mercado editorial e à dimensão midiática.

Qual seria, então, a relação do jornalista com o tempo presente? Muito diferente da função do historiador que lida com esse tempo, com certeza. O tempo presente é uma dimensão essencial ao jornalismo, que é uma prática social volta para a produção de relatos de fatos do presente. E essa relação temporal pode ser observada no jornalismo em pelo menos três momentos: no surgimento e consolidação da atividade no ocidente, na organização interna da prática jornalística e no processo de construção da experiência social do presente.

Na Inglaterra do fim do século XVII e início do século XVIII já era possível verificar certa fixação pela vida contemporânea e pelo “novo”. O jornal se tornou um novo material da cultura escrita para tratar dos eventos cotidianos. Na passagem do século XIX para o século XX, o jornalismo se consolidou como uma prática social que se voltava para o relato de situações do presente que estavam fora do alcance da sociedade como um todo. A autora Marialva Barbosa chama a atenção para a questão do “culto ao presente” no jornalismo:

A sensação da simultaneidade permanente, de instantaneidade e de emissões que se sucedem num contínuo cria uma espécie de culto ao presente. Esse presente estendido é resultado não apenas dessa valorização, mas, sobretudo, da forma como é narrado: instaura-se invariavelmente uma linha linear de tempo, em que o passado mistura-se à lógica do

agora à expectativa futura. É como se o presente comportasse, ao mesmo tempo, o passado como experiência e o futuro como espera.¹⁸

Mas o tempo presente não é só o contexto externo no qual está inserido a prática jornalística. Também integra o contexto interno do jornalismo, na medida em que rege a organização e o planejamento das tarefas e das rotinas dos profissionais da área. As notícias têm um tempo de existência muito efêmero, não só pela velocidade com que as coisas acontecem no mundo e que acaba por desatualizá-las, mas pela própria dinâmica jornalística que, diante da rapidez dos fatos, tem a necessidade de substituí-las regularmente ou buscar sempre seus desdobramentos, de modo que elas não se repitam na mesma forma durante muito tempo. Como bem analisa Carlos Eduardo Franciscato, “o jornalismo vive um permanente risco de que o sentido de tempo que traz no seu discurso se descole do tempo do mundo.”¹⁹

Ideia que é reforçada pelo diretor da **Globo News**, ao explicar a necessidade que o jornalista tem de antecipar os fatos. Uma prática comum, mas que pode, também, ser uma armadilha:

A gente está vivendo um momento em que o tempo da notícia está encurtando. É o tempo da sociedade moderna. A cada minuto tem alguém dando uma notícia nova. É uma primeira página a cada minuto. Porque, de fato, o que acontece é isso. O tempo de duração da notícia passa a ser determinado por essa escala de produção industrial, que oferece um acervo de informação a cada minuto.

(o jornalismo) assume o papel de outros poderes, e ele não tem os ritos, ele não é o fórum adequado para julgar. (...) Por exemplo: o desfile de carnaval. Você inicia o primeiro dia dizendo qual é a escola favorita, mas o resultado do desfile não é dado por uma votação popular. São juízes que obedecem a determinados critérios. Mas a gente tem necessidade de dar a resposta rápida para o público. Então você faz uma enquete. Você vê o jornalismo tentando antecipar coisas. (...) E aí às vezes o jornalismo acaba entrando numa armadilha, que é se arvorar, decidir, resolver coisas que a sociedade não resolveu, porque não houve tempo desses processos se resolverem²⁰.

No que se refere ao processo de construção da experiência social do presente, os eventos jornalísticos não apenas marcam simbolicamente esse tempo, através do discurso sobre o que é atual, como ajudam a sociedade a definir os modos de viver o presente. Contribuem para discussões, formulações de ideias sobre os eventos presentes

¹⁸ BARBOSA, Marialva. Televisão, narrativa e restos do passado. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: abril, 2007, p. 21.

¹⁹ FRANCISCATO, Carlos Eduardo. O jornalismo e reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. In: **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, UERJ. São Paulo: Intercom, 2005., p. 3.

²⁰ LUIZ CLÁUDIO LATGÉ, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, fita lado B, 2008. Íntegra: ANEXO 7.

e fornecem informações que baseiam ações sociais que, muitas vezes, interferem nas decisões públicas.

No caso específico da **Globo News**, embora o objetivo do canal, de dar a notícia no momento em que ela ocorre, esteja contido no slogan do canal: “**Globo News, a vida em tempo real**”, uma visão mais crítica sobre a relação do jornalismo com o tempo presente mostra que é impossível transmitir os eventos em tempo real. Isso porque mesmo aqueles fatos que são colocados *ao vivo* no ar já estão fora do seu contexto e tempo a partir do momento que estão inseridos dentro de um telejornal. Em outras palavras, mesmo não sofrendo o recorte de uma edição, como é o caso dos *VTs*, esse eventos ao vivo sofrem um recorte que faz com que eles cheguem com certo *delay* aos telespectadores.

Como se pode perceber, a televisão define o enquadramento do que está sendo transmitido fazendo com que o real seja diferente da realidade discursiva. Embora a tentativa dos jornalistas seja a de aproximar ao máximo o discurso do fato que está sendo noticiado, os recortes do real se tornam visíveis ao telespectador a partir de seleções previamente definidas: no caso de uma transmissão ao vivo, o movimento de câmaras que determina o que é enquadrado, influencia o que e como os acontecimentos vão ser mostrados. No caso de a notícia ter passado por uma edição, a interferência do jornalista é ainda maior, já que, nesse processo, ele organiza o real para o telespectador. Dessa maneira, embora contenham fragmentos do real, as notícias tornam-se construções produtoras de realidades discursivas.

Pela importância, cada vez maior, que a imprensa tem na sociedade contemporânea, a maioria dos jornalistas acredita que escreve a história. No entanto, é preciso redimensionar o papel desse profissional num contexto social muito mais amplo. Essa questão é tão complexa, que é possível ouvir opiniões diferentes, dentro de um único canal como a **Globo News**:

A gente escreve a história. Cada matéria que a gente cobre, cada fato, é um registro é um documento da história, do que aconteceu. Daqui a cem anos vão chegar lá e vão dizer assim: “é, houve um dia e isso aconteceu” e está ali registrado. O nosso trabalho é registrar a história minuto a minuto²¹.

O diretor da **Globo News**, no entanto, tem uma opinião contrária da visão da chefe de redação do canal:

²¹ ANGELA LINDENBERG, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, fita lado A, 2008. Íntegra: ANEXO 4.

O jornalista escreve notícia. Sinto muito. Muitos dos nossos colegas gostariam de escrever a história. A história quem escreve é a sociedade, a maneira como as coisas se desenvolvem. O jornalista dá versões da história. Mas a história sabe consagrar e anular os fatos. Quem vai escrever a história vão ser os cientistas sociais, os políticos, os agentes da sociedade. O jornalista é um desses agentes, mas ele não fará nada sozinho²².

Mais do que posicionamentos diferentes sobre o mesmo assunto, esses dois depoimentos exemplificam a importância de se questionar o papel dos jornalistas e o papel dos historiadores na sociedade contemporânea. Mais do que isso, mostram que as duas áreas, embora tenham objetivos absolutamente diferentes, só têm a contribuir uma com a outra para o entendimento das relações sociais.

²² LUIZ CLÁUDIO LATGÉ, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, fita lado B, 2008. Íntegra: ANEXO 7.

Capítulo 2: Globo News

O primeiro canal de brasileiro de jornalismo 24 horas entrou no ar no dia 15 de outubro de 1996, às 20h30, com um programa especial que mostrava as principais atrações do canal. Era um momento de penetração das leis de mercado na lógica da programação, o que mudou o modo de conceber o meio televisivo. Ou seja, o canal inaugurava, aqui no Brasil, um contexto de privatização de diferentes cadeias a partir dos modelos das *networks*, ou cadeias norte-americanas. Nas palavras de Vera Íris Paternostro: “Era uma época em que estava chegando a CNN internacional no Brasil, que dizia que ia lançar um canal de língua espanhola, então as Organizações Globo, rapidamente, tomaram à frente, e logo lançaram a Globo News.”²³

O canal era um projeto completamente ousado, no sentido de que não havia um modelo para seguir. O único canal de jornalismo 24 horas no ar que existia era a CNN, criada em 1980, mas não adiantava trazer esse modelo para o Brasil porque iam ser dois canais muito semelhantes na TV por assinatura. Nesse sentido, era preciso conceber um canal que se identificasse com o público brasileiro, já conhecido no campo jornalístico, pela Rede Globo. “A ideia da TV Globo foi essa: usar os seus valores, os seus trunfos – estruturas e até profissionais, que foram emprestados – para criar esse canal de jornalismo com a credibilidade e a história que ela já tinha conquistado.”²⁴, explica Vera Íris.

Desde o primeiro momento, a grade de programação do canal foi estruturada para ter meia hora de notícias (*hard news*), composta pelo *Em Cima da Hora*, *Jornal das Dez* e *Conta Corrente*, e meia hora de programas.

A cada 24 horas, nas edições do *Em Cima da Hora*, os principais temas do Brasil e do mundo são ampliados, aprofundados e comentados de forma que o assinante receba sempre uma informação a mais, com vários enfoques e visões diferenciadas.

O *Em Cima da Hora* é uma agência de notícia. Ele foi criado para isso. Ele está ali o tempo todo rodando. (...) Está marcado para o cara que, naquela hora, tem um resumo das horas anteriores. Então cada hora cheia vai ter um resumo de meia hora para você. (...) Ele é um resumo dos fatos que estão acontecendo²⁵.

²³ VERA ÍRIS PATERNOSTRO, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2006. Íntegra: ANEXO 11.

²⁴ Idem.

²⁵ ROSA MAGALHÃES, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2009. Íntegra: ANEXO 10.

O *Jornal das Dez* é o *Jornal Nacional* da **Globo News**, isto é, o principal telejornal do canal. Com uma hora duração, além de noticiar, explica e aprofunda (com entrevistas e comentários) os assuntos que foram veiculados pelo *Em Cima da Hora*, durante o dia. É ancorado no Rio de Janeiro, mas tem estúdios em Brasília, São Paulo e Nova York, e é o único jornal da televisão brasileira que vai ao ar de segunda a segunda, todos os dias da semana. O *Conta Corrente* vai ao ar duas vezes por dia (13h30 e 20h30), de segunda a sexta, e é um jornal especializado em economia.

A Globo News, quando começou, a internet era uma coisa muito vaga. Então ela tinha muita função de estar fazendo *hard news* 24 horas. Então, hoje a internet é uma coisa muito forte, você tem notícia no celular, você tem notícia no laptop, você tem notícia no rádio, em tudo quanto é lugar. Eu acho que hoje a Globo News tem que (...) qualificar muito a informação que ela está dando, ela tem que aprofundar cada vez mais o assunto. Além de dar *hard news* muito forte, competir com a internet violentamente, ela tem que aprofundar que é isso que a internet não faz. Ela tem um elenco muito forte de jornalista, ela tem excelentes correspondentes, tem programas excelentes e o grande diferencial dela, para mim, é ter esses programas jornalísticos de altíssima qualidade²⁶.

Em relação ao quadro de jornalistas, a redação foi criada com 60% de jovens recém saídos da universidade e 40% de profissionais experientes, que já trabalhavam há muitos anos no telejornalismo.

Nossa ideia foi reunir jovens que dominavam as várias etapas do telejornalismo, como edição, produção e reportagem, e profissionais antigos que não tinham medo de correr risco, já que o canal que estava sendo criado, com o objetivo de dar a notícia o mais rápido possível, envolvia uma operação muito arriscada, principalmente no começo.²⁷

Esta mistura de experiência e ideias novas fez com que a **Globo News** se tornasse, segundo o Telereport²⁸, o IBOPE²⁹ e a Ipsos Marplan³⁰, o líder absoluto em audiência entre os canais de notícias da TV por assinatura; o veículo mais admirado do mercado publicitário, considerando os atributos de credibilidade, competência

²⁶ ROSA MAGALHÃES, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2009. Íntegra: ANEXO 10.

²⁷ VERA ÍRIS PATERNOSTRO, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2006. Íntegra: ANEXO 11.

²⁸ O Teleport, software desenvolvido pela Markdata em 1993, é uma ferramenta para análise de audiências televisivas que permite estudar a audiência de programas, canais ou períodos horários para vários alvos de indivíduos em quaisquer datas.

²⁹ Multinacional brasileira de capital privado, fundada nos anos 30, o IBOPE é uma das maiores empresas de pesquisa de mercado da América Latina.

³⁰ Fundada no Brasil em 1958, a Ipsos Marplan é uma das mais respeitadas empresas de pesquisa do país especializada em estudos de hábitos de mídia e consumo.

profissional e eficácia; o segundo canal fundamental para a manutenção da assinatura; e o canal mais importante para os assinantes da NET.

Em números, a **Globo News** detém cerca de 70% de todos os domicílios assinantes da TV por assinatura brasileira: de um total de 5.334.083 domicílios em todo o país 3.700.000 têm Globo News³¹.

O assinante do canal tem um grau de instrução mais elevado do que a média da população: 86% pertencem às classes sociais A e B. São pessoas atualizadas e que têm interesses bem variados, desde política internacional e avanços científicos até qualidade de vida e humor/divertimentos. Viajaram e pretendem viajar tanto pelo Brasil como para o exterior em maior quantidade do que a população média brasileira. Nos momentos de lazer, frequentam shoppings, restaurantes e assistem a filmes em DVD. Por serem pessoas muito interessadas em informação, se destacam na leitura de jornais (79%) e revistas (73%) e também no uso da internet (64%)³². Dos assinantes, 47% são homens e 53% mulheres, divididos nas seguintes faixas etárias: a) 5% - 18 a 24 anos; b) 11% - 25 a 34 anos; c) 23% - 35 a 49 anos; d) 56% - 50 anos ou mais – e classes sociais: a) 91% - classe A e B; b) 7% - classe C³³.

O perfil do telespectador da **Globo News** é importante tendo em vista que a percepção da imagem (matéria-prima da televisão) se dá através da seleção, a relação entre os telespectadores e o fato noticiado depende do mundo simbólico de cada um deles. Em outros termos, perceber o mundo é jogar uma “grade semiótica” construída a partir da experiência de vida. E, no caso do canal analisado, o olhar do assinante para os fatos é bem mais crítico e selecionado do que o público da televisão aberta.

Essa perspectiva também é importante para entender que uma mesma pessoa pode ter percepções diferentes em relação a um mesmo fato. Além disso, uma segunda hipótese que pode ocorrer é de telespectadores diferentes serem informados sobre o mesmo fato de maneiras diversas: só através da *nota*, ou só através da *matéria* ou só assistindo a um programa. Nesse caso, o ponto de vista que cada indivíduo tem da notícia também vai ser diferente. Em outros termos, no caso da **Globo News**, na qual um mesmo fato vai se transformando ao longo do dia ou da semana, a percepção da

³¹ PTS (Pay Tv Survey) Dez 2007 – Jan 2008.

³² Ipsos Marplan. SISEM Suíte. Nove Mercados. Filtro: Ambos os sexos - 13 e + anos. Quem declara ter assistido a Globo News nos últimos 30 dias. Período: Outubro/06 a Setembro/07.

³³ Ibope Media WorkStation, 6 mercados, perfil adh Globo News – indivíduos com pay total do dia – média do ano de 2007.

mensagem muda de acordo com o grau de “intimidade” que o telespectador estabelece com ela.

A principal especificidade desta *neotelevisão* é a busca pela audiência, que ocorre através de estratégias de interação, tais como: oferta de um conteúdo variado e relação com um telespectador mais livre e ativo e, por isso mesmo, mais instável e volúvel. Por esse motivo, a programação se estrutura a partir dele, de seus horários e rotinas, de seus gostos e, sobretudo, de recortes psicológicos que podem atrair seus interesses.

O que se quer dizer com isso é que, cada vez mais, os telespectadores deixam de ser meros receptores de notícia, que aceitam tudo pacificamente. Cada um tem questões subjetivas que interferem na interpretação do que está sendo noticiado e canais de interação para ir contra o que está sendo dito pela imprensa, seja ela escrita ou televisiva. Nas palavras de Marialva Barbosa: “Só pode haver compreensão se o significado produzido puder ser aprisionado pelo espectador que dele fará múltiplos usos. E é, nesse sentido, que a televisão é produtora de significados e não mera operadora e coloca em circulação mensagens destinadas ao público, também ele produtor de significados.”³⁴

A participação do público quer através de vídeos gravados pelo celular ou por câmeras amadoras e enviados para as emissoras, de carta dos leitores, no caso dos jornais impressos, ou e-mails enviados às emissoras de TV comentando determinados assuntos têm aumentado cada vez mais nos últimos tempos. Soma-se a isso a interatividade propiciada pela internet que, em tempo quase real, é capaz de perceber a opinião do público.

É claro que qualquer análise sobre o público receptor da notícia no Brasil deve levar em consideração a dificuldade de acesso à escola, a péssima qualidade atual da educação pública no país inteiro, e ao ainda pequeno número de pessoas que têm acesso à informação através da internet. Por outro lado, no caso específico da **Globo News**, o público-alvo é bem mais selecionado e, pressupõe-se, com um nível de informação superior à massa, já que se trata de canal por assinatura pago.

Mas apenas um olhar “frio” sobre a realidade regida pelas leis do mercado que se vive hoje seria suficiente para sustentar a ideia da importância da opinião do público.

³⁴ BARBOSA, Marialva. Televisão, narrativa e restos do passado. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: abril, 2007, p. 12.

Se o leitor não concorda com a linha editorial do jornal, para de assinar ou deixa de comprar nas bancas. No caso da televisão a cabo procura outras formas de informação nos vários canais disponíveis ou muda de canal tendo também a opção da televisão aberta. Fato é que os veículos de comunicação – mesmo que só preocupados com a audiência – não estão alheios a essas possibilidades.

No entanto, seja qual for o tipo de público, há uma relação de mão-dupla que, mesmo que seja ainda desigual – devido à força dos meios de comunicação – é constituída também da percepção que o receptor tem do que está sendo informado. Logo, é preciso, cada vez mais, estar atento ao poder de transformação, interação e crítica que o telespectador tem em relação à notícia. Definitivamente, faz-se necessário ir além da ideia de uma força hegemônica de cima para baixo e entender a complexidade da produção e transmissão da notícia.

Não se pretende invalidar, com isso, a ideia da imprensa como *agente partidário*, como bem definiu Gramsci. De fato, os veículos de comunicação não deixam de ser sujeitos políticos construtores de consenso e de hegemonia: formuladores, organizadores e fiscalizadores de programas e projetos dos quais as próprias empresas jornalísticas fazem parte. O que se pretende, nesse ponto, é lançar um olhar sobre o outro lado da moeda, o público, não deixando de lado o seu poder de transformação. Até porque,

Na aldeia global em que se transformou o nosso mundo, nada acontece, portanto, que não envolva amplas camadas da população. As massas se tornaram a chave do nosso tempo: quer se procure a sua legitimação instrumentalizando-as pacificamente, quer elas, de baixo, manifestem ativamente as suas reivindicações nas mais diversas expressões. Assim, enquanto, por um lado, se multiplicam e sofisticam os instrumentos de manipulação, por outro lado, a criatividade popular renasce obstinadamente, manifestando cada vez mais a sua vontade de escrever a história com as próprias mãos.³⁵

Assim como Gramsci, que no início do século já propunha um deslocamento do eixo principal do âmbito das instituições burocrático-administrativas ao apostar no potencial mobilizador da sociedade civil, é preciso deslocar o eixo da análise contemporânea sobre a imprensa. Diante da importância do jornalismo como mediador na sociedade civil, há de se considerar, cada vez mais, o poder e importância do público

³⁵ SEMERARO, Giovanni. Da sociedade de massa à sociedade civil: a concepção da subjetividade em Gramsci. Texto apresentado no **Congresso Internacional. “Antonio Gramsci: da un secolo all’altro”**, organizado pela Internacional Gramsci Society, no Instituto Italiano per gli Studi Filosofici. Nápoles, 1997, p. 1.

receptor, no sentido de ampliar a complexidade da relação com os meios de comunicação.

2.1. A TV por assinatura

A partir de meados da década de 1970, com o desenvolvimento da tecnologia de satélites de comunicação, os sistemas de transmissão, até então regionais, se expandiram rapidamente, incluindo captações de sinais via satélites. Os telespectadores americanos começaram a receber uma programação especializada por canais temáticos, como previsão do tempo, movimento do mercado financeiro e eventos culturais. Na medida em que a tecnologia permitia o desenvolvimento na distribuição de sinais, o conteúdo da programação assumia um caráter de segmentação.

Os sistemas de transmissão de sinais reuniam duas tecnologias, satélite e cabo. O telespectador pagava para receber uma programação especial com quantos canais desejasse, o que pode ser identificado como uma nova forma de assistir à TV. Surgia a Pay-TV, a TV por assinatura.

O crescimento da TV por assinatura não tardou a acontecer e em pouco tempo ela mexeu com a audiência consagrada de grandes redes norte-americanas. No final da década de 1970, as três redes de TV aberta (broadcast) – ABC, NBC e CBS – tinham, em conjunto, 91% da audiência total dos telespectadores. Nos anos 80, a audiência das TVs abertas foi abalada. Em 1990, o cabo já alcançava 90% dos domicílios americanos. Até que em outubro de 1998, pela primeira vez, a audiência dos canais a cabo considerados básicos (cerca de 200) alcançou um índice histórico, superando a audiência das quatro redes abertas juntas.

No Brasil, a TV por assinatura chegou com atraso em relação a alguns países da América Latina. Mais de dez anos depois da Argentina, e bem depois do Chile, da Colômbia e da Bolívia. E como já era reconhecidamente um bom negócio, principalmente nos Estados Unidos, os dois maiores grupos de comunicação do país, o Grupo Abril e as Organizações Globo se interessaram em implantar a TV por assinatura no país.

Foi o Canal + (Canal Plus), criado pelo empresário Mathias Machline, em São Paulo, que marcou, em março de 1989, a estreia da TV por assinatura no Brasil. Chamado de Supercanal ou Superstation oferecia uma programação composta pela ESPN, canal americano de esporte; pela CNN, canal americano de notícias; pela RAI,

canal italiano de variedades; e pela MTV, canal americano de música. Um ano depois, o Canal + foi comprado pelo Grupo Abril, passou a se chamar TVA (TV- Abril) e começou a operar no Rio de Janeiro. A TVA funcionava como uma distribuidora de canais estrangeiros, e transmitia seu sinal pelo sistema de microondas, MMDS – Multichannel Multipoint Distribution Service.

A GloboSat, programadora e operadora das Organizações Globo, em São Paulo e no Rio de Janeiro, surgiu em 10 de novembro de 1991. E uma das novidades era que seu sinal era recebido diretamente do satélite Brasilsat II, através de grandes antenas parabólicas instaladas em prédios ou condomínios, que já captavam o sinal das redes abertas e garantiam excelente qualidade de som e imagem.

No entanto, diferentemente da TVA, a GloboSat optou por dar um conteúdo diferenciado aos seus canais e não somente ser uma distribuidora de canais estrangeiros. Na época do lançamento, eram quatro canais: Telecine, com exibição de filmes 24 horas por dia; GNT (GloboSat News Television), com 18 horas no ar, com uma grade que misturava noticiários da CNN e documentários sobre ciência, saúde, medicina, turismo e cultura; Multishow, com programas de variedades, shows, óperas, balés, teatros, em 18 horas no ar; e Top Sport, que apresentava os mais importantes eventos esportivos produzidos pelas TVs de todo o mundo – em 1º de janeiro de 1994, o canal mudou o nome para Sportv.

2.2 Algumas reflexões sobre a cultura da notícia

No que se refere aos estudos que analisam produtos audiovisuais, cada vez mais vem diminuindo uma leitura imanente do texto. Permanecem importantes o exame minucioso da realidade material do objeto pesquisado e a atenção ao que ele mobiliza nos recursos de linguagem do veículo de comunicação, mas, nos últimos trinta anos, também têm sido considerados o contexto em que o produto é produzido e consumido, os aspectos econômicos, ideológicos e psicológicos que norteiam a “leitura” que se faz deles e a amplitude do seu alcance.

Se, nos tempos ortodoxos do estruturalismo, o que importava era o “texto” e apenas o “texto” (isto é, a obra na sua materialidade, o que nela está impresso em termos de imagem e som), hoje as análises de um trabalho audiovisual não descarta também os subtextos: as restrições

(econômicas, políticas, institucionais, tecnológicas) impostas ao processo de realização, o diálogo do trabalho como espaço e tempo de sua produção, a maneira como ele foi “lido” (aceito, rejeitado, criticado, interpretado) pelas diferentes parcelas do seu público e assim por diante.³⁶

Como se pode observar, alguns detalhes fundamentais para a análise de um produto audiovisual, como é o caso do *Em Cima da Hora*, podem não estar dados no próprio “texto” do telejornal, mas precisam ser buscados em outros materiais como, por exemplo, documentos de produção, textos jornalísticos, depoimentos das pessoas envolvidas na produção e na edição, análise de recepção, de conjuntura, entre outros. Nas palavras de Itania Maria Mota Gomes:

(...) a análise de todo e qualquer produto jornalístico demanda uma forte contextualização: contextualização do programa na grade de programação da emissora, contextualização do programa em relação à emissora, entendida enquanto marca e enquanto organização jornalística, contextualização em relação à concorrência, contextualização em relação à televisão e em relação ao jornalismo, contextualização em relação à sociedade e à cultura.³⁷

O telejornalismo visto na perspectiva dos estudos culturais deve implicar, portanto, a articulação de suas dimensões técnica, social e cultural. Uma perspectiva que vai ao encontro do ponto de vista de Raymond Williams, para quem a televisão é, ao mesmo tempo, uma tecnologia e uma forma cultural, e o jornalismo, uma instituição social. O telejornalismo se insere nesse contexto como uma construção social, no sentido em que se desenvolve numa formação econômica, social e cultural. Em outros termos, a concepção de que o telejornalismo tem como papel institucional tornar a informação publicamente disponível através das várias organizações jornalísticas é uma construção, isto é, é da ordem da cultura, e não da natureza do jornalismo, ter se desenvolvido deste modo em sociedades específicas.

O telejornalismo, como instituição social, não se configura somente a partir das possibilidades tecnológicas oferecidas pelos séculos anteriores, mas na conjugação das possibilidades tecnológicas com determinadas condições históricas, sociais, econômicas e culturais. Isso de modo algum significa conceber o jornalismo como cristalização, mas, bem ao contrário, afirmar seu caráter de processo histórico e cultural.³⁸

³⁶ MACHADO, Arlindo e VÉLEZ, Marta Lúcia. Questões metodológicas relacionadas com a análise de televisão. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: abril, 2007, p. 2/3.

³⁷ GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: abril, 2007, p. 13.

³⁸ GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: abril, 2007, p. 5.

É preciso ressaltar, entretanto, que o fato de afirmar que o telejornalismo é uma construção, não impede de reconhecer que ele se configura como uma instituição social específica nas sociedades ocidentais contemporâneas. No Brasil, onde o jornalismo tende a reproduzir o modelo independente dos Estados Unidos, é preciso levar em consideração a relação entre jornalismo e a noção de esfera pública com suas implicações sobre o conceito de debate e vigilância públicos; a perspectiva liberal sobre o caráter democrático da mídia; a noção de quarto poder, em que está implícita a autonomia da imprensa em relação ao governo e o caráter público ou privado da empresa jornalística.

O exemplo prático da construção de uma notícia, isto é, o desenvolvimento de determinados fatos em um ou vários telejornais é o assunto do capítulo seguinte. A análise do dia da demissão de Antonio Palocci do ministério da Fazenda, em comparação com um dia em que várias notícias dividem espaço nas edições do ***Em Cima da Hora*** demonstra o compromisso do jornalista com os fatos de relevância social. Ou seja, a partir da seleção e do destaque dado a determinadas notícias – com é o caso da saída de Palocci – a mensagem que se quer passar ao telespectador é a importância que aquele fato tem para o país e como ele se articula com as diferentes esferas que compõem a sociedade.

Capítulo 3: A demissão do ministro Palocci – passado de crise, presente de caos e futuro de incerteza

*E temos uma informação urgente, de Brasília. Desculpamos por interromper o mercado financeiro. O ministro Palocci acaba de pedir demissão. Mais uma vez, o ministro Palocci, Antonio Palocci, acaba de pedir demissão. Vamos às informações, ao vivo de Brasília, com a repórter Mônica Carvalho. Mônica.*³⁹

Eram 17h24 do dia 27 de março de 2006, quando a apresentadora Leila Sterenberg interrompeu o que seria o início da entrada *ao vivo* da repórter Renata Ribeiro, na Bolsa de Mercadorias e Futuros de São Paulo, para dar a informação da saída de Antonio Palocci do Ministério da Fazenda. Sentada do lado direito da bancada (de quem olha para o vídeo) a apresentadora Leila dividia a bancada com o apresentador Sidney Rezende. No momento em que interrompeu a entrada da repórter da Bolsa para dar a notícia da saída de Palocci, a câmera enquadrou a apresentadora em *plano americano*. Atrás da bancada, a redação com televisões e computadores também compõe o cenário, fazendo com que o telespectador assista aos editores trabalhando na produção do telejornal. Por telefone, coberta por *santinho*, arte em que aparece a foto da repórter segurando um telefone ao lado de um mapa localizando o local de onde está sendo transmitida a notícia, coube à repórter Mônica Carvalho, de Brasília, ler a nota oficial do Ministério da Fazenda, única informação até aquele momento, para explicar o que tinha acabado de acontecer na capital federal:

*O Ministério da Fazenda acaba de divulgar uma nota à imprensa onde diz: “O ministro Antonio Palocci decidiu solicitar ao Presidente da República o seu afastamento do cargo. O ministro está encaminhando ao Presidente Lula carta⁴⁰ explicando as suas razões.” O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, então, acaba de divulgar, por nota à imprensa, o seu pedido de demissão do cargo de ministro da Fazenda. E ele está no Palácio do Planalto, onde deve se reunir com o Presidente Lula. De Brasília, Mônica Carvalho, para o Em Cima da Hora.*⁴¹

³⁹ *Em Cima da Hora* das 17h do dia 27 de março de 2006.

⁴⁰ Íntegra da carta de demissão: ANEXO 1.

⁴¹ *Em Cima da Hora* das 17h do dia 27 de março de 2006.

Em seguida, o apresentador Sidney Rezende dá continuidade ao jornal voltando a chamar a repórter da Bolsa de Mercadorias e Futuros, que sequer tinha conseguido entrar *no ar* minutos antes. De pé, segurando o microfone com o logotipo da **Globo News**, a repórter está em frente a uma janela de vidro que dá para o local onde é realizado o pregão. Naquele momento, os operadores não estavam mais na Bolsa, já que o mercado de câmbio e o de juros já tinha fechado. Atrás da repórter só se vê telas com números digitais e papéis espalhados pelo chão. Na entrada *ao vivo*, direto da Bolsa de Mercadorias e Futuros, a repórter Renata Ribeiro até fez referência ao clima de crise política que envolvia aquelas dias, mas não deu muita dimensão ao impacto que aquela notícia teria no mercado financeiro.

*O mercado financeiro já fechou. O mercado futuro de juros também já fechou. A moeda americana teve um dia de bastante pressão. Ela subiu 0,79%, fechou cotada a R\$ 2,17. Os contratos de juros também acompanharam a alta do dólar. A projeção é de taxas maiores. Para janeiro de 2008, nos contratos mais negociados, a projeção é de taxa a 14,94%. O pregão da Bolsa de Valores de São Paulo ainda funciona. Ela passou o dia em queda, agora, no finalzinho do dia, encontra fôlego para uma recuperação: sobe 0,38% a 37.719 pontos. Volume financeiro em 1 bilhão e 900 milhões de reais, em um dia que pesaram, nas mesas de negociações, a crise política e também o cenário internacional. Hoje começa a reunião do Banco Central Americano, que decide amanhã a taxa básica de juros dos Estados Unidos. Isso movimentou o mercado financeiro nacional, nesta segunda-feira. Renata Ribeiro, de São Paulo, para o Em Cima da Hora.*⁴²

Antes de encerrar o jornal, o apresentador ainda volta àquela que havia se transformado na notícia do dia. Sidney Rezende chama pela segunda vez a repórter Mônica Carvalho, de Brasília, para reforçar as informações sobre a demissão do Ministro da Fazenda. Mônica voltou a entrar por telefone, coberta pelo *santinho*, que incluía também o nome da repórter e a frase: “Palocci pede demissão”:

*A nota do Ministério da Fazenda diz, exatamente – abre aspas: O ministro Antonio Palocci decidiu solicitar ao Presidente da República o seu afastamento do cargo. O ministro está encaminhando ao Presidente Lula carta explicando as suas razões – fecha aspas. Esse é o texto da nota, divulgado pelo Ministério da Fazenda, aos jornalistas. De Brasília, Mônica Carvalho, para o Em Cima da Hora.*⁴³

Em seguida, termina o Em Cima da Hora das 17h.

Considerado um dos pilares do governo Lula, o médico sanitário Antonio Palocci Filho, ganhou credibilidade junto ao mercado financeiro e aos empresários antes

⁴² *Em Cima da Hora* das 17h do dia 27 de março de 2006.

⁴³ *Idem.*

mesmo da eleição, em 2002. Guardião de uma política fiscal ortodoxa ganhou fama de “linha-dura”, colecionou desafetos dentro e fora do governo. Sua imagem só foi arranhada em agosto de 2005, quando seu antigo secretário Rogério Buratti, em depoimento à CPI dos Bingos⁴⁴, acusou Palocci de distribuir propina quando foi prefeito de Ribeirão Preto, entre 2000 e 2002.

No dia 27 de março de 2006, desgastado por denúncias não comprovadas de corrupção, Palocci deixava o Ministério da Fazenda após quase 39 meses no cargo. A situação do ex-ministro se agravou após ser desmentido pelo caseiro Francenildo Costa, que disse, no dia 14 de março de 2006, ter visto Palocci na casa alugada em Brasília pelos ex-assessores de Ribeirão Preto para "negócios suspeitos" e festas com prostitutas. Palocci negou as acusações, mas ficou sem condições políticas de exercer o cargo após ser envolvido também na quebra ilegal do sigilo bancário do caseiro. Ao revelar que Francenildo Costa havia recebido depósitos em dinheiro no valor de R\$ 25 mil em sua conta na Caixa Econômica Federal, a reação governista, atribuída ao banco e ao assessor de imprensa do ex-ministro, Marcelo Netto, transformou-se em um tiro no pé, que precipitou a sua saída do Ministério da Fazenda.

Naquele momento, o Brasil – que, desde junho de 2005, estava mergulhado numa crise política envolvendo o governo Lula num esquema de distribuição de dinheiro para parlamentares, que ficou conhecido como Mensalão – via o pilar máximo da política econômica pedir demissão. A situação ainda era mais grave, levando em consideração que 2006 era ano de eleições presidenciais e o presidente Lula concorreria ao segundo mandato.

À luz da teoria de Ferdinand Braudel, da curta, média e longa duração do tempo, pode-se pensar como os tempos históricos são apresentados na trama narrativa da notícia no telejornalismo. No caso da saída do ministro Palocci do Ministério da Fazenda, pelos menos os tempos de curta e média duração se fazem presentes.

⁴⁴A CPI dos Bingos foi instalada no Senado, em junho de 2005, para investigar o escândalo envolvendo membros do governo Lula. A oposição conseguiu abrir a comissão após o ex-assessor da Casa Civil Waldomiro Diniz, que era ligado ao ex-ministro José Dirceu, ser flagrado em vídeo negociando propina com um empresário ligado à casa de jogos. A CPI, que só foi finalizada em junho de 2006, acabou perdendo o foco e passou a investigar outros escândalos envolvendo petistas. Entre eles, os membros investigaram as denúncias de irregularidades na administração de Antonio Palocci na Prefeitura de Ribeirão Preto e a suposta doação de dinheiro dos bingos para a campanha de Lula em 2002. Outro assunto que norteou os trabalhos dos integrantes do CPI foi o caso envolvendo o presidente do Sebrae, Paulo Okamoto, que pagou um empréstimo de R\$ 29,4 mil de Lula com o PT. Porém, apesar dos pedidos da CPI, o Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu liminar vedando a quebra dos sigilos bancário, fiscal e telefônico de Okamoto. A CPI teve como relator o senador Garibaldi Alves Filho (PMDB/RN) e como presidente o senador Efraim Moraes (PFL/PB) e pediu o indiciamento de 79 pessoas e quatro empresas.

O fato em si, isto é, a demissão do ministro, corresponde a um tempo histórico de curta duração, na medida em que representa o efêmero, a vivência individual do homem. Em outras palavras, analisada isoladamente, a saída de Palocci já representava uma mudança significativa para a história do Brasil.

No entanto, como em todos os outros fatos que ocorrem diariamente, esta notícia também carrega o tempo de média duração, que se relaciona à expectativa que se criou, a partir do fato em si, em torno do futuro econômico e político do país. Analisando a maneira como a notícia foi transmitida a partir do *Em Cima da Hora* daqueles 27 de março de 2006, pode-se observar esses tempos históricos nas diferentes abordagens do tema (com repórter, comentaristas políticos e econômicos, análises de economistas e representantes de diversas instituições privadas e governamentais), ao longo das edições do telejornal, das 17h às 21h.

Entre 17h30 e 18h, a programação é interrompida com um *plantão*. Já com uma notícia nova em relação ao que havia sido dito sobre Palocci até aquele momento: o nome do novo ministro da Fazenda, Guido Mantega. A então Diretora da Globo News, atualmente Gerente de Novas Mídias, Rosa Magalhães, conta os bastidores daquele momento:

Eu estava o tempo todo ligada com a Cristiana (Lôbo⁴⁵). E o interessante é que a Cristiana estava atrás de uma planta escondida para não ser expulsa.

Onde?

No Palácio (do Planalto). E ela viu entrar o assessor do (Guido) Mantega, que ela conhecia. O presidente chamou o Mantega aí quando ela acertou com o cara para dar a informação eu estava no telefone. E aí eu falei então eu vou te transferir. “Está segura disso?” “Estou segura”. Conferimos a informação. Ela (disse) “pode bancar”. E a gente deu a informação em primeira mão...⁴⁶

Apesar de a apresentadora Leila Sterenberg ter anunciado, no início, que iria *ao vivo* a Brasília, a notícia foi dada por uma *nota* lida por ela no estúdio. Com um tom de voz firme, mas pausado, já que recebia instruções pelo *ponto eletrônico*, Leila Sterenberg deu a notícia:

Interrompemos a programação para ir ao vivo a Brasília com novas informações a respeito da sucessão do ministro Antonio Palocci. Temos informações que acabam de chegar a respeito de que Guido Mantega, presidente do BNDES, vai ser o novo ministro da Fazenda. Ele, então, substituirá o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, que, hoje à tarde, agora há pouco,

⁴⁵ Cristiana Lôbo é comentarista de política da Globo News.

⁴⁶ ROSA MAGALHÃES, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2009. Íntegra: ANEXO 10.

*entregou o seu pedido de afastamento ao Presidente Lula. E, portanto, a informação é de que Guido Mantega, presidente do BNDES, e ex-ministro do Planejamento, será o novo ministro da Fazenda. Outras informações a qualquer momento. A próxima edição do Em Cima da Hora começa já já.*⁴⁷

Como se pode observar, os textos de todas as entradas, tanto dos apresentadores quanto da repórter de Brasília são marcados pela repetição de algumas informações, por marcações de tempo – como “acaba de chegar a informação”, “acaba de divulgar”, “agora há pouco”, “já já” – e por um tom também caracterizado pelo improvisado. Ao frisar para o telespectador a atualidade do fato, quando acontece uma notícia de grande repercussão como essa, se instaura uma correria na redação. O coordenador de telejornais, Daniel Rochester, explica o que acontece dentro do *switcher* quando uma notícia de grande importância chega à redação:

(...) a gente vinha esperando (a demissão do Palocci), então a gente está atento o tempo inteiro, pode acontecer a qualquer momento. A gente fica sempre lá, todo mundo, não pode sair, esquema de *plantão – vinheta* alinhada, interrompe a programação a qualquer hora – ou, se tiver dentro do jornal, interrompe o que está e segue.

Muitas vezes, as primeiras informações sequer chegam a ser escritas pelos *editores*, são passadas pelo *editor-chefe* diretamente no *ponto eletrônico* para o apresentador, que também recebe as instruções de como conduzir aquela notícia. Nesse caso, quando a notícia da demissão de Palocci chegou à redação, tanto Sidney Rezende quanto Leila Sterenberg foram orientados a interromper a entrada *ao vivo* da Bolsa de Mercadorias e Futuros, chamar a repórter de Brasília por telefone e seguir com a *cobertura* do caso no jornal.

No *Em Cima da Hora* seguinte, das 18h, o apresentador Sidney Rezende foi substituído por Samantha Mendes, que passou a dividir a bancada com Leila Sterenberg. Essa *edição* já trazia na *escalada* a demissão de Palocci e, pela *manchete*, já dava para perceber a importância daquela notícia e, por isso, o destaque que o assunto seria dado no jornal. Das cinco *manchetes*, três eram sobre Palocci e outros fatos políticos ligados ao agora ex-ministro da Fazenda:

Samantha Mendes: *Boa tarde. São seis horas pelo horário de Brasília. Você vai ver nessa edição do Em Cima da Hora.*

Leila Sterenberg: *O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, pediu demissão do cargo. Agora à tarde ele enviou uma carta ao presidente Lula explicando as razões e pedindo o afastamento. Guido Mantega é o novo ministro da Fazenda.*

⁴⁷ *Em Cima da Hora* das 17h do dia 27 de março de 2006.

Samantha Mendes: O consultor da Caixa Econômica Federal disse à Polícia Federal que entregou uma cópia do extrato bancário do caseiro Francenildo Costa ao presidente da Caixa, Jorge Mattoso.

Leila Sterenberg: Jorge Mattoso prestou depoimento no caso da quebra ilegal do sigilo do caseiro, que contradisse Antonio Palocci.

Samantha Mendes: A Polícia Militar invade o instituto médico legal do Recife para pressionar a liberação dos corpos retidos por causa da greve da Polícia Civil.

Leila Sterenberg: Violência no Iraque. Quase CENTO E CINQUENTA pessoas morreram, em vinte e quatro horas, em vários atentados e confrontos. Olá, boa tarde. Eu sou Leila Sterenberg.

Samantha Mendes: Eu sou Samantha Mendes e você está ligado na Globo News, o seu canal de jornalismo vinte e quatro horas no ar.⁴⁸

Respeitando a lógica jornalista da paginação de um telejornal, na qual a notícia mais importante do dia deve ser a primeira do *espelho*, o **Em Cima da Hora** começou com a notícia da demissão de Palocci. No entanto, para atualizar ainda mais o assinante, em vez de começar com o factual, ou seja, “o ministro Antonio Palocci pediu demissão hoje do cargo” – que já havia sido dito várias vezes na *edição* anterior – a *edição* das 18h não só começou com a notícia do substituto de Palocci como o fez através da comentarista de política da **Globo News**, Cristiana Lôbo, que entrou *ao vivo* por telefone coberta por um *santinho* que, além da foto da comentarista segurando um telefone, do mapa destacando Brasília, trazia a seguinte frase: “Palocci pede demissão. Guido Mantega é o novo ministro⁴⁹”.

*O novo Ministro da Fazenda é o atual presidente do BNDES, Guido Mantega. Ele recebeu o convite do presidente Lula há poucos instantes, e aceitou. Guido Mantega foi assessor do presidente Lula durante muito tempo no PT. Era o assessor econômico ao lado do atual senador Aloízio Mercadante. A ideia do presidente Lula é manter a política econômica, a política de ajuste fiscal, de equilíbrio das contas do governo, e a indicação de Guido Mantega significa que o presidente Lula continuará dando as coordenadas da política econômica do governo. De Brasília, Cristiana Lôbo, para o **Em Cima da Hora**.⁵⁰*

Como comentarista, Cristiana Lôbo tem a prerrogativa de transmitir a informação com um tom mais opinativo do que o repórter. Enquanto a repórter Mônica Carvalho se deteve à nota do Ministério da Fazenda, Cristiana avança um pouco na

⁴⁸ **Em Cima da Hora** das 18h do dia 27 de março de 2006.

⁴⁹ A frase, também conhecida como *tarja* tem a função de facilitar a compreensão do telespectador. Faz com que a notícia seja transmitida de forma ainda mais direta. O telespectador liga a TV e já sabe sobre qual assunto está se falando.

⁵⁰ **Em Cima da Hora** das 18h do dia 27 de março de 2006.

notícia quando diz qual é a intenção do presidente Lula com a escolha de Guido Mantega para ocupar a pasta. E oferece ao telespectador um olhar do bastidor da notícia.

A preocupação sobre os rumos da economia e da política foi um dos pontos mais abordados nos comentários e entrevistas que se seguiram. Havia uma necessidade muito grande de responder se haveria ou não mudança na condução da política econômica a partir da demissão de Palocci. O outro comentarista de política da **Globo News**, Merval Pereira, também entra por telefone, *ao vivo*, coberto por um *santinho*, desta vez com o mapa do Rio de Janeiro e a seguinte frase “Palocci pede demissão. Guido Mantega é o novo ministro”. Ele reforça, nas suas opiniões, como o passado, o presente e o futuro estavam intimamente ligados naquele momento:

O governo Lula realmente vai entrar na campanha eleitoral completamente desmontado. O núcleo principal do governo que levou o presidente Lula ao Palácio do Planalto na campanha de 2002 - o José Dirceu, como coordenador político, o ministro Palocci como coordenador da campanha - as duas principais peças do governo Lula caíram nesse escândalo, nessa crise política que vai se perpetuando. (...) O PT é um partido hoje completamente desorganizado e a tendência é que saia muito reduzido da eleição deste ano, (...) então a campanha de reeleição do presidente se prenuncia muito difícil, muito complicada, e vai ser baseada principalmente nele, na sua figura carismática, na sua popularidade. (...) Eu acho que a política econômica definida pelo presidente Lula, logo no início do seu governo, não deve ser mudada porque, na verdade, se houvesse uma tentativa de mudar a política econômica nesse ano eleitoral seria um desastre total. O presidente Lula, além de não ter apoio político organizado para a sua campanha, perderia o apoio que tem a política econômica nos meios empresariais, nos meios financeiros. (...) Embora o Guido Mantega fosse uma voz discordante, dentro do Palácio do Planalto, de certos aspectos da política econômica do Palocci, (...) não creio que a sua nomeação represente uma mudança de política econômica.⁵¹

Os diferentes tempos presentes no fato devem ser pensados e entendidos de forma articulada. A notícia na mídia televisiva, diferentemente da mídia impressa, enclausura o acontecimento, na curta e média duração, definindo-se como a visualização da história imediata – o registro do vivido escamoteia a sua relação de narrativa com o tempo real. E esse enclausuramento atua como uma espécie de código de definição do tempo da televisão como tempo real.

A noção de tempo real ganha força, na **Globo News**, principalmente, através das transmissões *ao vivo*. Isto porque, por mais que o repórter entre *ao vivo*, por telefone ou pelo *link*, a informação, nesses casos, está sempre sendo transmitida algum tempo depois do fato ter ocorrido.

Outro recurso utilizado nessa *cobertura*, e que é muito comum em grandes notícias, é o *perfil*. O *perfil* é uma matéria, geralmente coberta com imagens de arquivo,

⁵¹ *Em Cima da Hora* das 18h do dia 27 de março de 2006.

em forma de histórico de uma personalidade ou situação, que vai ao ar, em caso de morte, quando do desfecho de uma notícia – para recuperar ao telespectador a história daquela pessoa ou situação –, ou ainda para apresentar ao telespectador uma figura importante para os diversos setores da sociedade.

Nesse caso, como a saída de Palocci do governo já era mais ou menos esperada, diante de todas as denúncias que ele vinha sofrendo, já havia um *perfil* previamente *editado*, que foi ao ar entre o comentário da Cristiana Lôbo e a entrada *ao vivo*, por telefone, do outro comentarista de política da **Globo News**, Merval Pereira.

O *perfil* serve para lembrar os fatos e para ajudar o telespectador a traçar uma ordem cronológica no meio da enxurrada de notícias que é transmitida a ele num caso de grande proporção nacional ou internacional. No caso do dia da demissão de Palocci, o primeiro perfil a ir ao ar foi o do ex-ministro da Fazenda, com as imagens de arquivo que remontavam a trajetória política dele:

VT perfil Antonio Palocci

Cabeça: *Nos últimos dias, o ministro Palocci foi muito criticado pela oposição. E a situação dele se agravou depois do depoimento do caseiro Francenildo Costa à CPI dos Bingos, afirmando que o ministro frequentava uma casa alugada por ex-assessores para fazer negócios em Brasília. Antonio Palocci foi o coordenador do programa de governo do presidente Lula, em dois mil e dois.*

Antonio Palocci foi um dos fundados do PT, em mil novecentos e oitenta.

Um revolucionário de tendência trotskista que trocou o discurso panfletário pelo de centro-esquerda.

Nunca perdeu uma eleição.

Foi vereador em oitenta e oito, prefeito de Ribeira Preto em noventa e três, deputado federal em noventa e um e, pela segunda vez, prefeito de Ribeirão Preto, em dois mil.

O tom moderado lhe rendeu a coordenação do programa de governo de Lula, após a morte do prefeito de Santo André, Celso Daniel.

Foi Palocci quem comandou a equipe de transição do governo Fernando Henrique para o do presidente Lula.

Com trânsito fácil entre empresários e até mesmo entre os setores mais avessos à administração petista, Palocci conquistou a credibilidade para assumir o ministério da Fazenda e ser o homem forte do governo Lula.

Um governo de esquerda, que manteve o tripé da política econômica que garantiu os oito anos de mandato do ex-presidente Fernando Henrique.

A âncora fiscal, o câmbio flutuante e o sistema de metas de inflação permitiram que o governo resistisse às turbulências no mercado, que já começaram com Lula candidato e esticaram até o começo do governo dele.

A reputação de Antonio Palocci só foi colocada em cheque depois de quase três anos de governo, com denúncias de corrupção durante a administração dele na prefeitura de Ribeirão Preto.

A acusação veio do ex-secretário da prefeitura de Ribeirão, o advogado Rogério Buratti.

Ele acusou o ministro Palocci de ter recebido um mensalão de cinquenta mil reais de empresas de serviço de lixo, quando era prefeito.

Palocci negou as denúncias numa entrevista coletiva e convenceu a opinião pública, mas o desgaste foi inevitável mais tarde.

O ministro aparecia envolvido numa nova denúncia publicada pela revista Veja acusando a campanha de Lula de ter recebido três milhões de dólares de Cuba.

De novo, Rogério Buratti disse que foi consultado por outro ex-assessor de Palocci em Ribeirão Preto, Ralph Barquete, sobre como seria possível trazer o dinheiro de Cuba.

A operação teria sido feita por outro ex-assessor, Vladimir Poletto, que confirmou a participação sem saber que levava dinheiro em três caixas, transportadas de Brasília a Campinas, até chegar à sede do PT, em São Paulo.

As denúncias fragilizaram o ministro Palocci no governo e as críticas à política econômica ganharam peso.

A reedição do debate entre monetaristas e desenvolvimentistas, que sempre aconteceu desde o início do governo Lula, ajudou a agravar ainda mais a crise.

O fogo amigo foi disparado pela ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, que criticou o excesso de superávit primário.

Na CPI dos Bingos, novas acusações contra Palocci.

O motorista Francisco das Chagas, que trabalhou para ex- assessores do ministro da Fazenda, disse em depoimento à CPI que viu o ministro entrar na casa alugada por ex-assessores em Brasília.

A mais recente acusação contra o ministro veio do caseiro, Francenildo Costa, que também acusou na CPI ter visto o ministro entrando na casa.

Antonio Palocci negou as acusações e disse que nunca esteve na casa.⁵²

Além do *perfil* de Antonio Palocci, o editor-chefe colocou *no ar* o *perfil* de Guido Mantega, que seria o novo ministro da Fazenda. Ao contrário do *perfil* de Palocci, a indicação de Mantega não era esperada e o *VT* teve que ser escrito e editado, às pressas, a partir do momento em que Mantega foi indicado para o cargo. Diferentemente do *perfil* de Palocci, a função do *perfil* de Mantega não foi contar uma história que já havia sido encerrada, ao contrário, apresentar ao telespectador quem era aquele novo ministro Fazenda, através dos fatos mais relevantes da história da vida profissional de Mantega, até aquele momento.

VT perfil Guido Mantega

Cabeça: *Antigo aliado do presidente Lula, o novo ministro da Fazenda, Guido Mantega, será uma peça fundamental para o episódio final do governo e para as pretensões de Lula para as próximas eleições.*

Guido Mantega, de cinquenta e seis anos, nasceu em Gênova, na Itália, e veio com três anos morar no Brasil.

É o antigo assessor do presidente Lula para assuntos econômicos.

Casado e com quatro filhos, estudou economia na Universidade de São Paulo, onde também fez doutorado em Sociologia do Desenvolvimento com especialização na universidade inglesa de Sussex.

Nessa época, fez parte de uma equipe de pesquisa do então professor de sociologia, Fernando Henrique Cardoso.

Na década de oitenta, foi professor da Fundação Getúlio Vargas, vice-reitor adjunto, e professor de economia do curso de mestrado e doutorado da PUC de São Paulo.

⁵² ***Em Cima da Hora*** das 18h do dia 27 de março de 2006.

*Participou das primeiras administrações municipais petistas no estado de São Paulo. Também fez parte das quatro campanhas do PT à presidência, ocupando a coordenação de assuntos econômicos na última, quando Lula foi eleito presidente, em dois mil e dois. No governo, assumiu a pasta do Planejamento, Orçamento e Gestão, com a missão de cortar gastos e bloquear despesas para garantir o equilíbrio nas contas públicas. Em novembro de dois mil e quatro, assumiu o BNDES no lugar de Carlos Lessa. À frente do banco, trabalhou para tornar mais barato o crédito em várias modalidades de financiamento. E mostrou-se sempre empenhado, dentro de suas atribuições, pela queda mais acentuada da TJLP – taxa de juros de longo prazo. Ao sair em defesa de Palocci, depois do depoimento do caseiro que colocou o ex-ministro em contradição, Mantega sempre destacou que nada tinha sido provado e que as acusações eram especulações para desgastar o governo.*⁵³

Como os dois comentaristas de política do canal, Cristiana Lôbo e Merval Pereira, já tinham entrado *no ar*, a análise da situação econômica do momento ficou a cargo do comentarista de economia da **Globo News**, George Vidor, que assim como Merval Pereira, conversou com as apresentadores, *ao vivo*, por telefone, coberto por um *santinho* com a foto dele, o nome, o mapa do Rio de Janeiro e a frase: “Palocci pede demissão. Guido Mantega é o novo ministro:

Samantha Mendes: *E nós vamos conversar com o comentarista George Vidor. Vidor, essa declaração do presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Mattoso, é um depoimento corajoso, né?*

George Vidor: *É Samantha. É uma bomba, porque isso deve ter sido a gota d água que fez o ministro antecipar a saída dele. Estava previsto que ele sairia ao longo dessa semana e também com a reforma (ministerial), prevista para o dia 31 de março, até sexta-feira. E acho que, com esse depoimento, não havia condições de ele se manter a frente do ministério.*

Leila Sterenberg: *Vidor, você acha que muda a forma de gerenciar a Fazenda, a pasta da Fazenda, com a entrada de Guido Mantega?*

George Vidor: *Eu acho que não, porque as críticas que ele vem fazendo à política econômica na verdade são dirigidas ao Banco Central. (...) Eu acredito que a equipe que hoje está no Ministério da Fazenda também é crítica em relação ao que o Banco Central tem feito. O que fica mais difícil é que o ministro Palocci, antes, não externava a sua crítica em relação, por exemplo, à atuação do Banco Central, até porque ele não podia fazer isso. Mas o Guido Mantega, como não tinha essa obrigatoriedade de se manter calado, ele externava a crítica. Agora, ele vai ficar numa situação um pouco mais difícil. (...) Não vamos ter dias completamente tranquilos, mas também não se espera nenhum terremoto.*⁵⁴

Mais uma vez, nesse comentário de George Vidor, é possível perceber o passado de denúncias, que culminou com a demissão de Palocci, o presente de muitos fatos acontecendo ao mesmo tempo em diversas esferas da sociedade – política e econômica – e o futuro, que os analistas tentavam prever, a partir do histórico do caso.

⁵³ **Em Cima da Hora** das 18h do dia 27 de março de 2006.

⁵⁴ *Idem.*

Diante da importância dessa notícia para o mercado financeiro, a repórter que estava na Bolsa de Mercadorias e Futuros, e que já tinha feito uma entrada, mas quase sem nenhuma repercussão do assunto, voltou a entrar *ao vivo* no ***Em Cima da Hora*** das 18h, agora com um entrevistado, um analista de mercado, que falou sobre o que a saída de Palocci da Fazenda representava para o cenário financeiro do Brasil.

Renata Ribeiro: *Quando foi anunciado o afastamento de Antonio Palocci do Ministério da Fazenda, as negociações com o dólar já tinham sido encerradas. A moeda americana passou o dia pressionada: subiu 0,79% no mercado à vista, cotada a R\$ 2,17. Mas a Bolsa de Valores de São Paulo ainda funcionava e ela inverteu tendência: passou o dia em queda e passou a subir: subiu 0,17%. (...) Nós estamos com o analista de mercado, Mauro George. Mauro, com você entende essa alta do mercado da Bovespa, depois do pedido de afastamento do ministro Palocci?*

Mauro George (analista financeiro): *Na verdade, o que o mercado queria era uma decisão. Muito mais do que saber qual seria o substituto, o que o mercado queria era que houvesse uma definição por parte do governo. Havendo essa definição, o mercado passa por um novo fato sabendo quem vai ser o ministro e o que ele vai dizer nas próximas entrevistas dele. E principalmente amanhã a reunião do FED (Banco Central Americano) que vai ser fundamental para nós.*

Renata Ribeiro: *Como o senhor vê essa substituição pelo Guido Mantega?*

Mauro George (analista financeiro): *Por enquanto, fica um pouco difícil de falar. Ele sempre foi um defensor de taxas de juros mais baixas, mas enquanto ele era presidente do BNDES. Agora, como ministro, nós precisamos ver como ele vai atuar, se ele vai manter ou não a linha do ministro Palocci.*⁵⁵

O recurso do entrevistado é dar mais uma visão sobre o mesmo assunto no jornal. Especificamente no exemplo acima, o analista financeiro Mauro George funciona como um porta-voz do mercado financeiro naquele momento. Isso não quer dizer que o discurso dele seja unânime entre os analistas, mas, ele acaba representando aquele setor da sociedade que tem relação direta com as diretrizes do Ministério da Fazenda naquele presente.

Antes de terminar o ***Em Cima da Hora*** das 18h, foi lida a nota divulgada pela Federação das Indústrias de São Paulo, que tranquilizava os empresários. Uma informação que contribuiu ainda mais para reforçar a repercussão do caso. É preciso ressaltar, entretanto, que o texto lido pela apresentadora não foi a íntegra da carta da FIESP, mas uma *nota* escrita por um editor a partir da informação divulgada pela instituição.

⁵⁵ ***Em Cima da Hora*** das 18h do dia 27 de março de 2006.

*E a FIESP divulgou uma nota sobre a saída de Palocci da pasta da Fazenda. Segundo a Federação das Indústrias de São Paulo seja quem for o ministro, será mantido o diálogo e prevalecerão os interesses do país. Para o presidente da FIESP, Paulo Skaf, seja qual for o quadro futuro, o Brasil está maduro para receber mudanças do governo e seguir em busca do desenvolvimento. Segundo Skaf, a economia, como já vem acontecendo, não deverá ser abalada.*⁵⁶

A *nota*, na íntegra, estava dividida em tópicos e apresentava uma linguagem mais complexa do que a linguagem da televisão:

Com respeito ao pedido de demissão feito ao presidente da República, na tarde de hoje (27/03), pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci Filho, e a nomeação de Guido Mantega para a pasta, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP, atendendo às solicitações da Imprensa, informa:

1. O cargo pertence ao presidente da República que, a seu critério, aceitou o pedido de demissão feito pelo ministro Antonio Palocci Filho.
2. Da mesma forma, o presidente da República, no exercício do poder, nomeou o novo ministro da Fazenda, Guido Mantega.
3. Para a entidade, seja quem for o ministro, será mantido o diálogo hoje existente e prevalecerão, sempre, os interesses do Brasil. O ministro Mantega, desde a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), tem excelente relacionamento com a FIESP.
4. Não cabe à entidade opinar sobre a saída do ministro, e nem mesmo sobre a escolha do seu substituto.

Para o presidente da FIESP, Paulo Skaf, "Seja qual for o quadro futuro, o Brasil está maduro para receber as modificações no Governo e seguir em busca do desenvolvimento. A economia, como já vem acontecendo, não deverá ser abalada"⁵⁷.

Assim, como ocorreram com as outras *notas* de repercussão, os documentos oficiais foram reescritos, sem perder o sentido original, obedecendo às regras do texto jornalístico. Além do problema da linguagem, outro fator que faz com que as *notas* sejam reescritas é o tempo. No telejornalismo, a regra é dar a informação mais completa de forma mais direta e concisa possível.

Passada a correria do primeiro momento, o conteúdo da *edição* do ***Em Cima da Hora*** das 19h já começava a aparecer um pouco mais organizado dentro do telejornal. As entradas *ao vivo* dos comentaristas por telefone foram *editadas*, assim como *o vivo* da repórter da BM&F, que foi transformado em *flash*. Essa *edição*, no entanto, não deixou de contar com entradas *ao vivo* de outros *repórteres* e comentaristas como Lucia Hippolito, também especialista em política. Mais uma vez, houve mudança na apresentação, seguindo a escala do dia. Leila Sterenberg foi substituída por Eduardo Grillo, que passou a dividir a bancada com Samantha Mendes. A escalada continuava

⁵⁶ ***Em Cima da Hora*** das 18h do dia 27 de março de 2006.

⁵⁷ Íntegra da nota oficial da FIESP: ANEXO 2.

dando a dimensão do assunto, que tinha virado a notícia do dia. Assim como no ***Em Cima da Hora*** das 18h, das cinco *manchetes*, três eram relacionadas a Palocci.

Eduardo Grillo: *Boa noite. Sete horas e um minuto. Você vai ser nesta edição.* (Câmara aberta nos dois apresentadores)

Samantha Mendes: *O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, pediu afastamento do cargo. Ele enviou uma carta ao presidente Lula explicando suas razões.* (Câmara fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: *O presidente do BNDES, Guido Mantega, foi escolhido o novo ministro.* (Câmara fechada n apresentador)

Samantha Mendes: *O presidente da Caixa Econômica Federal foi indiciado por violação de sigilo bancário. Ele prestou depoimento na Polícia Federal e disse que entregou ao ministro Palocci cópias do extrato bancário do caseiro Francenildo Costa.* (Câmara fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: *A Polícia Militar invade o Instituto Médico Legal do Recife para pressionar a liberação dos corpos retidos por causa da greve da Polícia Civil.* (Câmara fechada no apresentador)

Samantha Mendes: *Violência no Iraque. Quase cento e cinquenta pessoas morreram, em vinte e quatro horas, em vários atentados e confrontos. Boa noite. Eu sou Samantha Mendes.* (Câmara fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: *Eu sou Eduardo Grillo e você está na Globo News, o seu canal de jornalismo vinte e quatro horas no ar.*⁵⁸ (Câmara fechada no apresentador)

O primeiro VT desta *edição* foi o *perfil* de Antonio Palocci. Embora fosse a segunda vez que o *perfil* entrava *no ar*, a *cabeça*, que é a parte que o apresentador lê na bancada para “chamar” a matéria, desta vez, foi diferente da *cabeça* lida no ***Em Cima da Hora*** das 18h. O recurso usado para atualizar o VT, que já tinha ido ao ar, foi iniciar a *cabeça* com uma informação mais nova: Palocci já havia entregado a carta ao presidente Lula. Assim, o editor colocou a informação mais nova antes de repetir o texto que havia sido lido para chamar o perfil na *edição* anterior.

Samantha Mendes: *O ministro Antonio Palocci entregou ao presidente Lula um pedido de afastamento do cargo. O ministro encaminhou a carta ao presidente explicando as razões.* (Câmara fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: *Nos últimos dias, o ministro Palocci foi muito criticado pela oposição. E a situação dele se agravou depois do depoimento do caseiro Francenildo Costa à CPI dos Bingos, afirmando que o ministro frequentava uma casa alugada por ex-assessores para fazer*

⁵⁸ ***Em Cima da Hora*** das 19h do dia 27 de março de 2006.

*negócios em Brasília. Antonio Palocci foi o coordenador do programa de governo do presidente Lula, em dois mil e dois.*⁵⁹ (Câmera fechada no apresentador)

Em seguida, entrou *no ar* o *áudio* do comentário do jornalista Merval Pereira, editado a partir da entrada dele, por *híbrida*, na *edição* anterior. Já sem o imprevisto inicial, o áudio já tinha uma *cabeça* escrita por um editor para introduzir a fala de Merval Pereira: “A crise política derrubou duas peças-chave do governo. Primeiro o ministro da Casa Civil, José Dirceu, agora o ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Assunto do comentário de Merval Pereira.”⁶⁰

A entrada *ao vivo* do comentarista de economia, George Vidor, no *Em Cima da Hora* das 18h, também foi editada e transformada em áudio para a *edição* (também coberto por *santinho*) das 19h. Um recurso muito utilizado para não perder as informações que vão ao ar *ao vivo* e para dar a repercussão que o assunto requer. Como se pode observar no encaminhamento feito pela *cabeça*.

Eduardo Grillo: *Antigo aliado do presidente Lula, o novo ministro da Fazenda, Guido Mantega, será uma peça fundamental para o período final do governo e para as pretensões de Lula para as próximas eleições.*

Samantha Mendes: *Guido Mantega assume o ministério da Fazenda depois de fazer críticas à política de juros do Banco Central, mas não deve mudar os rumos da economia traçados por Antonio Palocci. George Vidor.*⁶¹

Mas a repercussão do caso estava longe do fim. A cada momento chegava à redação posicionamentos de diversos setores da sociedade. O deputado Francisco Dornelles, do Partido Progressista do Rio de Janeiro, que havia sido ministro da Fazenda, em 1985, manifestou, em nota, a sua opinião sobre o assunto.

Eduardo Grillo: *O deputado federal do PP, e ex-ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, diz que o ministro Antonio Palocci atuou com muita competência e ganhou credibilidade no Brasil e no exterior. Dornelles espera que o sucessor, Guido Mantega, que também é de alto gabarito, conduza a política econômica no mesmo nível que Palocci conduziu.*⁶² (Câmera fechada no apresentador)

Seguindo a lógica da paginação, dando continuidade à repercussão do assunto entre diversos atores sociais, depois dessa nota, foi lida, pela segunda vez, a nota da FIESP. A posição das centrais sindicais veio em seguida, também em forma de nota.

⁵⁹ *Em Cima da Hora* das 19h do dia 27 de março de 2006.

⁶⁰ *Idem.*

⁶¹ *Em Cima da Hora* das 19h do dia 27 de março de 2006.

⁶² *Idem.*

Eduardo Grillo: *As centrais sindicais divulgaram nota sobre a saída do ministro Palocci. Para a Força Sindical, as denúncias tornaram insustentável a permanência do ministro no cargo. Segundo a Força Sindical, o governo deve aproveitar a saída do ministro e mudar, de forma sistemática, o rumo da economia brasileira.* (Câmara fechada no apresentador)

Samantha Mendes: *A direção da Central Única dos Trabalhadores disse que é contrária a toda e qualquer quebra de sigilo bancário, mas considera inaceitável que a saída do ministro da Fazenda seja usada como campanha oportunista, por parte da oposição, para desestabilizar o Governo Federal.*⁶³ (Câmara fechada na apresentadora)

Naquele momento, quase duas horas depois da demissão de Palocci ser anunciada pela primeira vez já tinha dado tempo de um comentarista chegar ao estúdio da **Globo News**, no Rio de Janeiro. A opção inicial pela entrada *ao vivo*, por telefone, dos comentaristas Cristiana Lôbo, de Brasília, e Merval Pereira e George Vidor, do Rio de Janeiro, é um recurso muito utilizado, pela **Globo News**, para dar ao assinante a informação o mais rápido possível, com diferentes pontos de vistas. Mas ainda no **Em Cima da Hora** das 19h, outra comentarista de política da **Globo News**, Lucia Hippolito, conversou com os apresentadores já sentada na bancada. Olhando para o vídeo, da esquerda para a direita estavam: Eduardo Grillo, Samantha Mendes e Lucia Hippolito.

A entrevista, no entanto, teve que ser interrompida para outra repórter de Brasília entrar, *ao vivo*, por telefone, coberta por um *santinho* (com a foto e o nome dela e o mapa de Brasília), com outras informações, direto do Palácio do Planalto.

Heloisa Torres: *O Palácio do Planalto ainda não se manifestou oficialmente, por meio do Porta-voz. Mas o líder do governo no Senado, senador Aloízio Mercadante, se reuniu há pouco com o presidente Lula. E ele falou aqui o hall de entrada do Palácio do Planalto, e disse que o presidente Lula recebeu o pedido de demissão de Antonio Palocci e indicou Guido Mantega. Segundo Aloízio Mercadante, a contribuição que Palocci deu ao país foi muito importante, mas, segundo ele, no entanto, têm que ser levadas em conta as circunstâncias dos indivíduos. Ainda de acordo com o senador Aloízio Mercadante, o novo presidente da Caixa Econômica Federal vai ser um funcionário de carreira. Quem vai assumir o BNDES, no lugar de Guido Mantega, será o vice-presidente do Banco. De Brasília, Heloisa Torres, para o Em Cima da Hora.*⁶⁴

Como se pode observar, numa *cobertura* dessas, muitas notícias se repetem e outras vão chegando para se somar as já transmitidas. Nesta entrada da repórter Heloisa Torres, a demissão de Palocci ganha dados novos: a fala do líder do governo no Senado, Aloízio Mercadante, que é o primeiro representante do governo a se manifestar – confirmando que o presidente Lula havia recebido a carta de demissão – e a indicação do novo presidente do BNDES.

⁶³ **Em Cima da Hora** das 19h do dia 27 de março de 2006.

⁶⁴ *Idem.*

Depois do *flash* da repórter que estava na BM&F, foi a vez do repórter João Borges, de Brasília, entrar *ao vivo* do *link*, para falar sobre a repercussão no Congresso Nacional. Era a primeira vez que um repórter de Brasília aparecia no vídeo para falar sobre o caso, já que, até aquele momento, as informações estavam sendo transmitidas por telefone. João Borges estava de pé com um corredor do Congresso Nacional ao fundo.

*João Borges: No Congresso, governo e oposição concordaram pelo menos num ponto. Várias lideranças manifestaram a expectativa de que a saída do ministro Antonio Palocci não signifique mudanças na política econômica. Mas as concordâncias pararam por aí. Para a oposição, a saída do ministro era não só previsível, mas inevitável. A situação do ex-ministro ficou insustentável com o episódio da quebra de sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa. Já para as lideranças da base aliada, Palocci teria sido vítima de ataques a sua vida privada, que comprometeram e tornaram insustentável a situação dele no governo. Assim que a notícia chegou ao Congresso, a senador Ideli Salvatti, líder do PT no Senado, telefonou para o próprio ministro, que não só confirmou que acabara de pedir demissão em caráter irrevogável, como pediu à senadora que transmitisse aos colegas agradecimento pelo apoio na condução da política econômica, durante ao mais de três anos que permaneceu como ministro da Fazenda. João Borges, de Brasília, para o Em Cima da Hora.*⁶⁵

A presença do *repórter* no local onde o fato está ocorrendo, entrando *ao vivo* no telejornal, passa ao telespectador a certeza de que o jornalista está acompanhando os fatos bem de perto. A imagem, mesmo que só do repórter em frente à câmera, ajuda o telespectador a fixar a notícia. Com a *híbrida* ou o *áudio coberto por santinho*, o telespectador tende a dispersar mais facilmente, o que pode fazer com que ele perca algumas partes das informações que estão sendo transmitidas.

Seguindo essa linha da importância da imagem, a *nota* da FIESP foi substituída pela *sonora* do presidente da instituição, Paulo Skaff: “Os empresários estão convencidos. Nós temos que apoiar a continuidade dessa política. Essa política fez com o Brasil fosse levado a sério. E nós temos que continuar. O importante é que ele prestou relevantes e importantíssimos serviços ao país”.⁶⁶

A *edição* das 19h do *Em Cima da Hora* continuou com a transmissão da entrevista coletiva do novo ministro da Fazenda, Guido Mantega.

Na *transmissão* de um fato, o peso da informação sendo passada em tempo real é muito maior. No entanto, é uma ideia que precisa ser questionada. Além do *delay* de alguns segundo que há entre o fato em si e a transmissão dele aos assinantes, não se pode deixar de lado o contexto no qual ele está inserido. Tendo em vista que passado, presente

⁶⁵ *Em Cima da Hora* das 19h do dia 27 de março de 2006.

⁶⁶ *Idem.*

e futuro fazem sempre parte de um fato, o tempo real é tão efêmero que, se analisado com rigor, deixa de existir.

No caso analisado, a coletiva de Guido Mantega foi ao ar *ao vivo* e, portanto, sem *edição*, mas dentro de um telejornal que já tinha repercutido a saída de Palocci a entrada de Mantega no Ministério da Fazenda por diferentes pontos de vistas. Ao lado de Mantega estava o Porta-voz da Presidência, André Singer, com uma bandeira do Brasil atrás.

Essa contextualização está relacionada à ideia de que o meio é a mensagem, de Marshal McLuhan. Neste sentido, a própria interferência do código televisivo, ao transmitir um fato que ocorre naquele momento, faz com que essa realidade mude o seu contexto. Em outras palavras, a percepção do telespectador que estava em casa assistindo, *ao vivo*, à primeira entrevista coletiva do novo ministro Guido Mantega, é diferente da percepção que ele teria se tivesse, em Brasília, na sala daquela coletiva. Neste sentido, o meio (a televisão) é a mensagem, já que interfere no caráter temporal do fato histórico e na percepção que se tem dele.

O *Em Cima da Hora* das 20h começou um pouco atrasado, em função da *transmissão* da coletiva de Guido Mantega. Mais uma vez, a *escalada* dava o tom do que seria o jornal: praticamente todo sobre a demissão de Palocci e os desdobramentos deste fato. Desta vez, todas as três *manchetes* foram sobre o assunto:

Samantha Mendes: *Boa Noite. São oito horas e sete minutos pelo horário de Brasília e você vai ser nesta edição.* (Câmera aberta nos dois apresentadores na bancada)

Eduardo Grillo: *O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, pediu afastamento do cargo. Ele enviou uma carta ao presidente Lula explicando as suas razões.* (Câmera fechada no apresentador)

Samantha Mendes: *O presidente do BNDES, Guido Mantega, foi escolhido novo ministro.* (Câmera fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: *O presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Mattoso, pediu demissão. Mais cedo, ele foi indiciado por violação de sigilo bancário. Mattoso prestou depoimento na Polícia Federal e disse que entregou, ao ministro Palocci, cópias do sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa. Boa noite, eu sou Eduardo Grillo.* (Câmera fechada no apresentador)

Samantha Mendes: *Eu sou Samantha Mendes e você está ligado na Globo News, o seu canal de jornalismo vinte e quatro horas no ar.*⁶⁷ (Câmera fechada na apresentadora)

⁶⁷ *Em Cima da Hora* das 20h do dia 27 de março de 2006.

Seguindo a regra da notícia mais atual em primeiro lugar, a *edição* das 20h do *Em Cima da Hora* abriu com o que seria a única informação nova de todo telejornal: o conteúdo da carta de demissão que Palocci havia entregado ao presidente Lula. Até aquele momento, os repórteres só tinham feito menção ao documento. Com a carta em mãos, a repórter Mônica Carvalho leu alguns trechos por telefone, *ao vivo* coberta por um *santinho* que trazia a seguinte frase: “Trechos da carta em que Palocci pede afastamento do cargo”. Como se pode perceber, em função da ânsia de dar a notícia, em alguns momentos, a repórter usa o verbos na primeira pessoa, exatamente da maneira como Palocci escreveu (numa entrada com menos pressa, ou ela teria usado o artifício das expressões “abre aspas e fecha aspas” ou leria tudo na terceira pessoa do singular).

*Mônica Carvalho: Eu vou ler agora alguns trechos desta carta, escrita pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci, e entregue ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Nesta carta, o ministro diz que, nesse momento de exacerbado conflito político e quando sou alvo de todo tipo de maldade e acusações, estou convencido de que a minha permanência no ministério da Fazenda não mais contribui para o avanço da obra do governo, nem serve ao melhor interesse do Brasil. O ministro também diz que, desde agosto de dois mil e cinco, há um movimento sistemático para lançar dúvidas e suspeitas sobre o meu trabalho e minha pessoa. Julguei haver refutada a inconsistência das acusações e ter restabelecido as condições de trabalho, mas a luta política se exacerbou nas últimas semanas e questões já superadas foram trazidas novamente à pauta. Em momentos de turbulência, os argumentos, as explicações e as ponderações perdem valor diante de acusações descabidas e conclusões apressadas. O episódio, na Caixa Econômica Federal trouxe novamente ao ministério da Fazenda, pressões que tornaram impossível a continuidade regular do meu trabalho. Não tive nenhuma participação, nem mando operacional, na quebra de sigilo bancário de quem quer que seja. Não divulguei nem autorizei nenhuma divulgação sobre informações sigilosas da Caixa Econômica Federal. Sou consciente das leis e da responsabilidade do meu cargo. Sou consciente das regras da democracia e do estado de direito. Tomo a decisão de pedir o meu afastamento, com tranquilidade. Esses são alguns dos trechos da carta escrita pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci, agora ex-ministro, e entregue ao presidente Lula, nesta tarde. De Brasília, Mônica Carvalho, para o Em Cima da Hora.*⁶⁸ (Leitura pausada e com voz firme para enfatizar a importância da notícia que estava sendo transmitida pelo telefone)

Em seguida à *híbrida* da repórter o jornal seguiu com o assunto repetindo tudo o que tinha mostrado até então nas outras edições. A paginação seguiu a seguinte ordem:

- A) Perfil de Antonio Palocci (exibido pela 3ª vez);
- B) Perfil de Guido Mantega (exibido pela 3ª vez);
- C) Áudio do comentarista de economia George Vidor (exibido pela 2ª vez);
- D) Áudio do comentarista de política (exibido pela 2ª vez);
- E) Nota da FIESP (lida pela 3ª vez);
- F) Nota das Centrais Sindicais (lida pela 2ª vez);

⁶⁸ *Em Cima da Hora* das 20h do dia 27 de março de 2006.

G) *Flash* do Congresso (exibido pela 2ª vez)

A paginação do *Em Cima da Hora* das 21h foi a mais organizada de todas as edições analisadas, porque foi feita com os VTs, (separados por tema e repórter) que tinham ido ao ar no *Jornal Nacional*. No assunto que envolvia tantos personagens, fatos e repercussões novas chegando a todo o momento, os VTs no *Jornal Nacional* organizaram para o telespectador tudo o que tinha acontecido do fim tarde daquela segunda-feira até aquele momento.

A escalada trazia duas novidades em às *manchetes* das edições anteriores: a demissão do secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Murilo Portugal; e o que de mais importante o novo ministro Guido Mantega havia falado na entrevista coletiva.

Eduardo Grillo: *Boa Noite. Agora nove horas e você vai ver nesta edição.* (Câmara aberta nos dois apresentadores)

Samantha Mendes: *O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, pediu afastamento do cargo. Ele enviou uma carta ao presidente Lula explicando as razões. O secretário-executivo do ministério da Fazenda, Murilo Portugal, também deixou o cargo.* (Câmara fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: *O presidente do BNDES, Guido Mantega, foi escolhido o novo ministro. Em entrevista à imprensa, ele disse que a política econômica não vai mudar.* (Câmara fechada no apresentador)

Samantha Mendes: *O presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Mattoso, pediu demissão. Mais cedo, ele foi indiciado por violação de sigilo bancário. Mattoso prestou depoimento na Polícia Federal e disse que entregou ao ministro Palocci cópias do extrato bancário do caseiro Francenildo Costa. Boa noite, Eu sou Samantha Mendes.* (Câmara fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: *E eu Eduardo Grillo. Você está na Globo News, jornalismo vinte e quatro horas no ar.*⁶⁹ (Câmara fechada no apresentador)

Pelos textos dos VTs e a ordem como eles foram paginados no jornal, é possível traçar uma linha cronológica dos fatos. Mais do que isso, essas matérias reuniram, de forma mais organizada e dividida por temas, o assunto que vinha sido transmitido de forma separada nos *Em Cima da Hora* desde as 17h24 da tarde daqueles 27 de março de 2006.

VT: Demissão de Antonio Palocci (Zileide Silva)⁷⁰

⁶⁹ *Em Cima da Hora* das 21h do dia 27 de março de 2006.

⁷⁰ VT arquivado no Centro de Documentação da TV Globo (CEDOC) e exibido no *Em Cima da Hora* das 21h do dia 27 de março de 2006.

Cabeça: Antonio Palocci pediu hoje afastamento do ministério da Fazenda, em meio ao agravamento da crise provocada pela violação do sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa. O presidente do BNDES, Guido Mantega, será o substituto de Palocci na Fazenda.

O ministro Antonio Palocci saiu cedo de casa e veio aqui para o Palácio do Planalto, aonde vinha trabalhando nos últimos dias. (imagens do carro do ministro saindo de casa + imagens de arquivo do Palácio do Planalto)

Uma rotina que começou com a entrevista do caseiro Francenildo Costa, que contradisse as declarações do ministro de que nunca teria frequentado uma mansão, aqui em Brasília, alugada por ex-assessores dele acusados de corrupção. (imagens de arquivo da entrevista do caseiro + imagens de arquivo da mansão)

A situação de Palocci ficou ainda mais complicada com a quebra ilegal do sigilo bancário do caseiro.

O presidente Lula só chegou a Brasília no início da tarde. (imagens de arquivo da entrevista do caseiro + imagens de arquivo do presidente Lula)

Também veio direto aqui para o Planalto, onde se reuniu com seus principais ministros. (imagens de arquivo do Palácio do Planalto)

Estavam com eles, quando Antonio Palocci pediu afastamento. (imagens de arquivo do Palácio do Planalto)

O comunicado do ministério da Fazenda foi lacônico. (imagem do comunicado do Ministério da Fazenda à imprensa)

Em três linhas, informava que o ministro havia pedido o seu afastamento. (imagem do comunicado do Ministério da Fazenda à imprensa)

E que numa carta explicaria as razões ao presidente Lula. (imagem do comunicado do Ministério da Fazenda à imprensa)

Passagem (Zileide Silva em frente ao Palácio do Planalto à noite): *Para o presidente Lula, o então ministro Antonio Palocci pediu demissão, que foi aceita.*

Para o lugar dele, o presidente convidou o atual presidente do BNDES, Guido Mantega.

Com a demissão, Antonio Palocci perde o foro privilegiado.

Esse foro garantia a ele só responder a processos criminais no Supremo Tribunal Federal.

Agora, o ex-ministro poderá ser processado e julgado na justiça comum.

{{Sonora Aloízio Mercadante}}

O presidente e todos reconhecem a grande contribuição que o ministro Palocci deu ao país, no entanto, o estado de direito e os direitos da cidadania estão acima das circunstâncias e dos indivíduos.

VT: Guido Mantega (Délis Ortiz)⁷¹

Cabeça: *Há pelo menos quinze anos, o novo ministro da Fazenda, Guido Mantega, tem sido um dos assessores mais próximos de Lula.*

Economista formado pela Universidade de São Paulo e doutor em Sociologia, Guido Mantega foi o principal assessor econômico de Lula nas campanhas em oitenta e nove, noventa e quatro e noventa e oito. (imagens de arquivo de Guido Mantega)

Em dois mil e dois, era cotado para a pasta da Fazenda. (imagens de arquivo de Guido Mantega)

Mas, com a nomeação de Antonio Palocci, integrou a primeira equipe ministerial como titular do Planejamento. (imagens de arquivo de Guido Mantega)

Como o então ministro Palocci, foi sempre defensor da responsabilidade fiscal e do controle da inflação, embora tivesse posição crítica sobre a política de juros. (imagens de arquivo de Guido Mantega)

⁷¹ VT arquivado no Centro de Documentação da TV Globo (CEDOC) e exibido no *Em Cima da Hora* das 21h do dia 27 de março de 2006.

Em dois mil e quatro, segundo ano do governo Lula, assumiu a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o BNDES. (imagens de Guido Mantega, ao lado de André Sinegr, sendo anunciado como novo ministro da Fazenda)

Passagem (Delis Ortiz em pé, em Brasília, com um muro atrás. O local não tem com o ser identificado): *Guido Mantega deixa o BNDES para assumir o carro-chefe da economia.*

Ele tem um perfil técnico, bem estratégico nesse momento delicado da crise política em ano eleitoral.

A escolha de Mantega significa que o próprio presidente Lula manterá nas mãos o controle da política econômica.

Agora à noite, o ministro da Fazenda deu uma entrevista para tranquilizar o mercado.

E se antecipou, dizendo que nada vai mudar. (imagens de Guido Mantega falando como novo ministro da Fazenda com a bandeira do Brasil atrás)

{{Sonora Guido Mantega}}

Antes que vocês perguntem, quero me antecipar e dizer que a política econômica não mudará. Por quê? A política econômica que nós estamos praticando não é a política econômica do ministro Palocci, da ministra Dilma, do ministro Paulo Bernardo ou de qualquer outro ministro. Esta política econômica é a política econômica do presidente Lula. O presidente Lula é o fiador dessa política econômica. Além disso, essa política econômica não deve mudar porque ela é a política econômica mais bem sucedida dos últimos 15, 20 anos no Brasil.

VT: Flash sobre a carta de Palocci (Giuliana Morrone)⁷²

Cabeça: *Na carta de demissão, Palocci declarou que não foi responsável nem pela violação do sigilo do caseiro, nem pelo vazamento das informações para a imprensa.*

Giuliana Morrone (repórter em pé à noite na frente do Palácio do Planalto): *O presidente Lula já recebeu a carta de Antonio Palocci, com as explicações sobre a saída dele do ministério da Fazenda.*

Antonio Palocci negou qualquer participação na quebra de sigilo bancário da conta do caseiro Francenildo Costa.

Na carta, Palocci disse que não pediu, não divulgou, nem mandou divulgar o extrato da conta do caseiro.

E escreveu que é vítima de acusações resultantes da luta política.

O caseiro Francenildo Costa avisou que vai entrar na justiça com ações por danos morais contra a Caixa Econômica Federal e o governo federal.

As ações, segundo o advogado, serão por causa das tentativas de incriminar o caseiro e de deixá-lo na condição de investigado.

E o delegado de Ribeirão Preto, Benedito Valencise, vai indiciar Antonio Palocci por falsidade ideológica e corrupção, devido a denúncias de superfaturamento de obras em Ribeirão Preto, quando Palocci era prefeito.

E o Palácio do Planalto acaba de divulgar o nome da nova presidente da Caixa.

É Maria Fernanda Ramos Coelho, funcionária da Caixa há vinte e dois anos.

O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Murilo Portugal, pediu agora há pouco para deixar o cargo.

⁷² VT arquivado no Centro de Documentação da TV Globo (CEDOC) e exibido no *Em Cima da Hora* das 21h do dia 27 de março de 2006.

VT: Impacto no mercado financeiro (Rodrigo Viana)⁷³

Cabeça: *O dia nervoso em Brasília e a saída de Antonio Palocci repercutiram no mercado financeiro. Antes da queda do ministro, o dólar tinha subido mais de dois por cento.*

O mercado financeiro passou o dia na expectativa. (imagens de arquivo da Bolsa de Valores e de operadores de mercado)

Quando a notícia da troca no ministério da Fazenda chegou, a Bolsa de Valores de São Paulo, que passou a maior parte do dia em queda, começou a subir. (imagens de arquivo dos operadores da Bolsa sentados em frente a computadores)

O volume de negócios cresceu e a Bovespa encerrou o prego em ligeira alta: 0,17% (imagens de arquivo dos operadores da Bolsa sentados em frente a computadores)

O dólar teve altas mais expressivas ao longo do dia. (arte)

Chegou a subir 2,18%, mas recuou, e quando o país soube da notícia de Palocci, a cotação estava fechada em dois reais e dezessete centavos, com alta de 0,79%. (arte)

A Federação Brasileira dos Bancos divulgou uma nota em que lamenta a saída de Palocci. (arte com a nota da FIESP)

Diz que foi uma gestão competente e, por isso, o sentimento é de perda. (arte com a nota da FIESP)

E espera que com a indicação de Guido Mantega a linha seja de continuidade da responsabilidade fiscal, da liberdade cambial e de políticas de metas de inflação... (arte com a nota da FIESP)

O ministro da Fazenda do governo Fernando Henrique Cardoso, Pedro Malan, disse esperar que o sucesso de Palocci não fizesse mudanças radicais da política econômica. (imagens do Pedro Malan sentado com uma parede de madeira atrás, no Rio de Janeiro)

{{Sonora Pedro Malan}}

O ministro Palocci representou, ao longo desses três anos e três meses, compromissos com a preservação da inflação sob controle, o mal que interessa a maioria do povo brasileiro, com responsabilidade fiscal e com câmbio flutuante. Nesse sentido, a saída do ministro eu espero que signifique uma continuidade desse compromisso.

Para a Câmara de Comércio Americana, onde Palocci fez o último discurso, na sexta-feira passada, a troca não assusta. (imagens de arquivo de Palocci discursando em pé na Câmara de Comércio Americana)

{{Sonora do presidente da Câmara de Comércio Americana }} (imagens do presidente da Câmara de Comércio sentado num escritório com computador atrás)

Eu acredito que devemos continuar no mesmo rumo. Não acredito numa mudança sob o ponto de vista do projeto. E sim uma continuidade nesse final de governo, de mandato do presidente Lula, o que, em minha opinião, sob o ponto de vista do mercado, é uma mensagem positiva.

Passagem (repórter Rodrigo Vianna, de pé, à noite, no hall de um local não identificado): *A escolha de Guido Mantega para o lugar de Palocci, na opinião de empresários e representantes de trabalhadores, abre espaço para alterações da política econômica*

O presidente da FIESP – a Federação das Indústrias de São Paulo – diz que ninguém quer aventuras, mas que agora é preciso pensar em mais crescimento do que em controle da inflação.

⁷³ VT arquivado no Centro de Documentação da TV Globo (CEDOC) e exibido no *Em Cima da Hora* das 21h do dia 27 de março de 2006.

{{Sonora Paulo Skaf – presidente da FIESP}} (Paulo Skaf, em pé, com uma placa de vidro escrito “FIESP, Sesc, Senai e IRS” atrás dele)

Interessa, a economia verdadeira, a economia real está no trabalho, está nos investimentos, está na geração de riquezas. Então eu creio que o ministro Guido Mantega tem essa visão.

{{Sonora Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira – Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro}} (Sentado com as bandeiras do Rio, do Brasil e da Firjan atrás do lado esquerdo e um mural escrito Firjan do lado direito)

O Palocci tem sido o executor dessa política. Aliás, executor durante três anos e meio de uma forma admirável. E isso precisa ser preservado, isso precisa ser continuado.

VT: Repercussão no Congresso Nacional (Heraldo Pereira)⁷⁴

Cabeça: *Em Brasília, governistas e opositores procuraram manifestar respeito pelo desempenho do ex-ministro Palocci à frente da economia.*

No Congresso, a oposição chegou a elogiar o trabalho de Palocci na condução da economia. (imagens do Plenário do Senado com senadores discursando)

Mas reconheceu que ele não tinha mais condições de continuar à frente do ministério da Fazenda. (imagens do Plenário do Senado com senadores discursando)

{{Sonora do senador Arthur Virgílio (PSDB/AM)}} (discursando de pé no plenário do Senado)

Eu reputo o senhor Antonio Palocci, um dos maiores ministros da Fazenda que esse país já conheceu. E a história vai julgá-lo assim. Alguém que não poderia nunca ter mantido todo esse vínculo com situações tão obscuras quanto aquelas que de Ribeirão Preto espraíram para Brasília.

No plenário, o senador petista Tião Viana leu uma mensagem em que Palocci diz que deixa a vida pública para defender a honra. (imagens do Plenário do Senado + imagens de Tião Viana discursando)

{{Sonora do senador Tião Viana (PT/AC)}} (discursando de pé no plenário do Senado)

E sai com absoluta consciência do dever cumprido e com absoluta consciência tranquila das acusações que lhe são apresentadas por quem quer que o tenha feito.

Passagem (Heraldo Pereira de pé num corredor do Congresso): *No fim da noite, Antonio Palocci telefonou aqui para o Congresso.*

Falou com a líder do PT no Senado, Ideli Salvatti.

Pedi que ela agradecesse aos senadores o apoio que ele diz ter recebido enquanto foi ministro da Fazenda.

E não deu mais explicações para a saída.

{{Sonora da senadora Ideli Salvatti (PT/SC)}} (de pé num corredor do Congresso cheio de microfones em volta)

Eu considero lamentável, principalmente pelos resultados extremamente positivos para ampla maioria da população.

Para alguns senadores, o afastamento não é suficiente, já que Palocci, segundo depoimento do

⁷⁴ VT arquivado no Centro de Documentação da TV Globo (CEDOC) e exibido no **Em Cima da Hora** das 21h do dia 27 de março de 2006.

presidente da Caixa, teria recebido o extrato bancário do caseiro. (imagens do Plenário do Senado)

{{Sonora do senador Antero Paes de Barros (PSDB/MT)}} (Discursando de pé no plenário do Senado)

Uma coisa gravíssima. Então o Palocci não tem que ser afastado, não tem que ser demitido. Tem que responder a processo e a lei vale para todos.

A indicação de Guido Mantega para o ministério da Fazenda também repercutiu no Congresso. (imagens do plenário do Senado)

{{Sonora do senador Heráclito Fortes (PFL/PI)}} (Discursando de pé no plenário do Senado)

Só espero que a substituição do senhor Palocci não atenda ao anseio de alguns membros do Partido dos Trabalhadores que defendem com sofreguidão a gastança desenfreada num período eleitoral.

{{Sonora do senador Tasso Jereissati (PSDB/CE)}} (de pé, em entrevista exclusiva à Globo, numa sala não identificada)

É uma solução caseira, medíocre, mas acho que dá para ir até o fim do ano, já que a economia brasileira tem instituições fortes, tem fundamentos fortes e está indo dentro da onda da economia mundial.

{{SONORA DEP. MAURÍCIO RANDES (PT/PE)}} (De pé, em frente com a porta de vidro do plenário da Câmara ao fundo)

Os fundamentos na política cambial, na política de juros e no equilíbrio fiscal estão já confirmando que a economia brasileira não vai sofrer abalos com a substituição de uma pessoa. Porque o ministro Guido Mantega, que está indicado para o cargo, vai manter essas diretrizes.⁷⁵

VT: Repercussão na imprensa internacional

Cabeça: *A saída do ministro Antonio Palocci é destaque na imprensa internacional.*

(imagens dos sites) *Os sites dos jornais americanos New York Times e Washington Post estamparam na primeira página a saída de Palocci.*

As publicações chamam o ex-ministro de arquiteto da recuperação econômica do Brasil e da atual política de ajuste fiscal do país, que tanto agradou os mercados internacionais.

A rede britânica BBC lembra que a saída de Palocci é apenas uma pequena parte de acusações muito maiores que recaem sobre o governo Lula.

A BBC destaca que o ex-ministro da Fazenda nega todas as acusações.

A rede ressalta o fato de o Real ter desvalorizado cerca de 2% nesta segunda-feira.

O site espanhol El País também ressalta a notícia.

Diz que o ministro, de quarenta e cinco anos, era um dos homens fortes do governo Lula.

O periódico lembra que ele estava ao lado do presidente, desde o primeiro dia do governo.

A saída de Palocci aparece no topo da página do argentino El Clarín.

O jornal destaca que mal ele se desligou do cargo, o nome de Guido Mantega apareceu como novo ministro da Fazenda.

Segundo o diário, os desgastes afastaram Palocci do poder.

E sua saída pode complicar a tentativa de o presidente Lula se reeleger.⁷⁶

⁷⁵ **Em Cima da Hora** das 21h do dia 27 de março de 2006.

⁷⁶ *Idem.*

VT: Jorge Mattoso (Cristina Serra)⁷⁷

Cabeça: Pouco antes da saída de Palocci, o presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Mattoso, afirmou que tinha entregado, diretamente, ao ministro o extrato bancário do caseiro Francenildo.

Mattoso foi indiciado pelo crime de violação de sigilo bancário e pediu demissão.

Foi a partir do depoimento deste gerente da Caixa Econômica, Paulo César Biagi, na noite desta sexta-feira, que a Polícia Federal conseguiu desvendar a cadeia de comando da operação que quebrou, ilegalmente, o sigilo do caseiro Francenildo Costa. (imagens de arquivo do gerente saindo dentro de um carro da delegacia + imagens de arquivo do caseiro)

Paulo César disse que a senha dele foi usada por outro gerente, Jéter Ribeiro de Souza. (imagens de arquivo do gerente saindo dentro de um carro da delegacia + arte com o nome de Jéter Ribeiro e o cargo dele)

Segundo a polícia, Jeter acessou a conta poupança do caseiro e imprimiu o extrato a mando da Superintendente de Gestão de Pessoas, Sueli Aparecida Mascarenhas. (arte com o nome de Jéter Ribeiro e o cargo dele + foto de Francenildo Costa + foto de Sueli Aparecida com o cargo dela)

Sueli entregou o extrato ao consultor da presidência da Caixa, Ricardo Schumann, que afirmou em depoimento à polícia, ter entregado o extrato ao presidente da Caixa, Jorge Mattoso. ((arte com o nome de Jéter Ribeiro e o cargo dele + foto de Francenildo Costa + foto de Sueli Aparecida com o cargo dela + foto de Ricardo Schumann com o cargo dele + foto de Jorge Mattoso com o cargo dele. Uma linha vermelha vai ligando os nomes na medida em que eles são falados pelo repórter)

Ricardo Schumann é engenheiro e trabalhou em prefeituras petistas. (imagens de arquivo de Ricardo Schumann)

Foi presidente da Coab paulistana na gestão de Marta Suplicy. (imagens de arquivo de Ricardo Schumann)

Às três e vinte da tarde, o presidente da Caixa chegou para depor. (imagens de arquivo do prédio da Polícia Federal, em Brasília)

Jorge Mattoso prestou depoimento por duas horas. (imagens do carro preto do presidente da Caixa entrando na garagem da Polícia Federal de Brasília)

Passagem (Cristina Serra de pé em frente a uma porta de vidro preta da Polícia Federal. Atrás dela, na porta, aparece uma placa escrita: “Plantão Policial. Área de Segurança”): *Segundo a Polícia Federal, Jorge Mattoso assumiu a responsabilidade pela violação do sigilo bancário do caseiro.*

Disse que pediu o extrato porque foi alertado por técnicos da Caixa sobre depósitos de vinte e cinco mil reais na conta de Francenildo.

Mattoso recebeu o extrato na noite de 16 de março do consultor Ricardo Schumann, durante um jantar.

E, em seguida, ele foi à casa de Antonio Palocci e entregou o extrato nas mãos do ministro

Jorge Mattoso foi indiciado por violação de sigilo funcional: crime que prevê pena de até seis anos de prisão e multa. (imagens de arquivo da fachada do prédio da Polícia Federal, em Brasília)

Mattoso assumiu a presidente da Caixa, no início do governo Lula. (imagens de arquivo de Jorge Mattoso prestando depoimento no Congresso)

É economista e foi secretário de Relações Internacionais da prefeitura de São Paulo, na gestão Marta Suplicy. (imagens de arquivo de Jorge Mattoso prestando depoimento no Congresso)

Agora há pouco, Mattoso divulgou uma nota negando ser responsável pelo vazamento dos dados bancários do caseiro. (arte com a nota)

E pediu afastamento do cargo. (arte com a nota)

⁷⁷ VT arquivado no Centro de Documentação da TV Globo (CEDOC) e exibido no *Em Cima da Hora* das 21h do dia 27 de março de 2006.

O próximo passo da Polícia Federal é saber se a ordem para a quebra de sigilo partiu do ministério da Fazenda. (imagens de arquivo da fachada do prédio da Polícia Federal, em Brasília + imagens de arquivo da fachada do Ministério da Fazenda)

Resta esclarecer quem vazou o extrato para a imprensa. (imagens de arquivo da fachada do prédio da Polícia Federal, em Brasília)

Como na **Globo News** a notícia passa por diversas etapas de tratamento, como no caso da saída de Antonio Palocci, que começou com uma *híbrida* até ser desmembrada em vários enfoques diferentes nos VTs do *Jornal Nacional*, re-transmitidas no *Em Cima da Hora* das 21h, é preciso estar atento à influência que essa evolução tem na própria notícia e no entendimento do telespectador.

A informação “muda de cara” na medida em que o assunto vai sendo repetido, discutido e ganhando visões diferentes de analistas e personagens envolvidos na notícia. Deixa de ser o fato estanque e passa a ser analisado com um olhar que envolve o passado, o presente e o futuro. A saída de Antonio Palocci e a escolha do novo ministro da Fazenda, além de terem sido analisados por comentaristas, foram mostradas por um *perfil*, de Palocci e de Guido Mantega, por *notas* das centrais sindicais, da Federação das Indústrias de São Paulo, de alguns políticos, e pelos VT.

Essa estratégia de *cobertura*, muito específica da **Globo News**, que, por ser um canal de jornalismo 24 horas, pode derrubar a *grade* normal de programação para passar muitas horas falando sobre o mesmo assunto, nesse caso da demissão de Palocci, foi uma forma de organizar para o telespectador a notícia mais importante daquele dia.

3.1. Um dia comum

Os 27 de março de 2006 é um exemplo de dia em que uma notícia de grande repercussão altera a paginação de várias edições do *Em Cima da Hora*, a ponto de se tornar o único assunto abordado por mais de quatro horas, nesse canal de notícias 24 horas *no ar*. Num dia comum, isto é, sem que haja um fato de tamanha relevância, a paginação do telejornal muda, ou seja, é muito mais diversificada. A lógica continua sendo a mesma: o assunto mais importante abre o jornal, mas a quantidade de notícias diferentes aumenta muito em cada *edição*.

É o caso do dia 4 de fevereiro de 2009, cuja análise das edições das 17h, 18h, 19h, 20h 21h (mesmas edições analisadas no dia da saída do ministro Palocci, em 2006) explicitam o papel do canal como agência de notícias.

Depois de quase três anos, o cenário da **Globo News** sofreu modificações. A bancada passa a ser de madeira e a redação continua com cenário atrás, mas menos visível: o vidro que separa o estúdio da redação agora tem umas linhas horizontais jateadas, o que dificulta um pouco mais a visualização que o telespectador tem do que acontece na redação.

Na escalada da *edição* das 17h, dividem a bancada os apresentadores Sérgio Aguiar (à esquerda do vídeo) e Samantha Mendes (à direita do vídeo). Embora o tema central seja a crise financeira que abateu o Brasil e o mundo a partir do fim de setembro de 2008, as *manchetes* são diferentes entre si:

Samantha Mendes: Boa tarde. Cinco horas pelo horário de Brasília.

Sérgio Aguiar: O ministro da Fazenda garante que a economia brasileira não vai entrar em recessão.

Samantha Mendes: O Programa de Aceleração do Crescimento ganha o reforço de cento e quarenta e dois bilhões de reais até dois mil e dez.

Sérgio Aguiar: E a ministra Dilma Rousseff – a mãe do PAC – como chama o presidente Lula, respondeu com bom humor se quer ser Presidente da República.

{{ RODA PO⁷⁸ TEASER DILMA // ABRE SOM DO PO //

Essa resposta você não tira de mim nem amarrada.⁷⁹

DEIXA: ... NÃO TIRA DE MIM NEM AMARRADA.}}

Samantha Mendes: O presidente {{TEASER OBAMA⁸⁰}} Barack Obama limita o salário dos executivos que recebem ajuda do governo para enfrentar a crise.

Sérgio Aguiar: Eu sou Sérgio Aguiar.

Samantha Mendes: E eu, Samantha Mendes. Você está na Globo News.⁸¹

Como se pode observar no *espelho* desta *edição*, as indicações dos dois *teasers* aparecem antes da escalada: “PO DILMA” (sentada no lançamento de dois anos do PAC, no Palácio do Planalto), significa que a *sonora* da ministra vai aparecer durante a escala.

⁷⁸ Em 2009, a Globo News já tinha passado pela mudança tecnológica que substituiu a fita por um sistema de edição informatizado e não linear. Assim, as indicações técnicas nas páginas também mudaram. Sem a existência do VT (*vídeo tape*), as matérias passaram a ser indicadas como “PO”.

⁷⁹ Essa é a única indicação técnica que aparece na página do telejornal para os apresentadores saberem que vai entrar um trecho de uma fala da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. A decupagem desse trecho foi feita, apenas, para facilitar a leitura neste trabalho. No telejornal, não aparece para os apresentadores a íntegra da fala do trecho da fala da ministra, daí a importância da “deixa”, que é a última frase da sonora da Dilma, para os apresentadores saberem onde o *teaser* acaba.

⁸⁰ Imagens do Barack Obama.

⁸¹ *Em Cima da Hora* das 17h do dia 4 de fevereiro de 2009.

Antes, portanto, do “N/C *TEASER* OBAMA” (imagem do Obama em pé discursando na Casa Branca). Na linguagem técnica N/C significa “nota coberta”, ou seja, que o apresentador vai ter que ler o texto enquanto as imagens vão sendo transmitidas. Em outras palavras, o texto não foi gravado previamente, e sim vai ser lido *ao vivo* durante a escalada.

O *espelho* é o corpo do telejornal, isto é, traz a organização das notícias numa *edição* específica, no caso, a *edição* das 17h do ***Em Cima da Hora*** do dia 4 de fevereiro de 2009. No entanto, para entendê-lo completamente, é preciso ter em mente alguns termos técnicos utilizados pelo jornalismo e como se organizam no *espelho*.

Na esquerda da página, tem-se a numeração das matérias, que define a ordem como elas vão entrar *no ar*. Na segunda coluna, da esquerda para a direita, a indicação do tipo de matéria que vai ao ar. Se estiver indicada como “PO”, significa que é uma matéria fechada por algum repórter ou que o *OFF* já foi gravado e coberto com imagens. A *nota* é uma informação sem imagens, apenas lida pelo locutor, e o “PO N/C” é quando as imagens rodam em cima do texto lido *ao vivo* pelo locutor, durante o telejornal. O número que aparece ao lado (PO 17, PO 15) faz referência à primeira vez que aquela notícia foi ao ar. Se a matéria está identificada como PO 17, significa que ela vai ser veiculada, pela primeira vez, no ***Em Cima da Hora*** das 17h. Se estiver como *nota* ou *PO 15*, por exemplo, indica que foi ao ar, pela primeira vez, no ***Em Cima da Hora*** das 15h. Já quando a matéria reproduzida de algum telejornal da Rede Globo, é identificada pelas iniciais desse telejornal. Ex: Bom dia Brasil (PO BDBR), Jornal Hoje (PO JH), Jornal Nacional (PO JN), Jornal da Globo (PO JG), etc.

A terceira coluna, a *retranca*, e o nome da matéria. A terceira coluna traz o nome do apresentador que vai ler aquela notícia, embora essa identificação não seja seguida à risca. A quarta coluna traz o tempo (aproximado pelo computador) que o apresentador vai ler determinada *cabeça* ou nota. A coluna seguinte traz o tempo do PO em cima, isto é, segundos ou minutos da matéria. A sétima coluna traz a soma desses dois tempos (*cabeça* + *PO*).

Além de um nome na *retranca*, a matéria também é identificada por um número, ou *story*, cujos dois primeiros algarismos fazem referência à hora do telejornal. Assim, no ***Em Cima da Hora*** das 17h, os *stories*, que têm sempre quatro algarismos, começarão por 17. O que indica também a primeira vez que aquela matéria foi ao ar. Quando não há imagens, isto é, quando é uma *nota*, não há *story*. Nesse lugar, o editor escreve apenas “*nota*”.

Depois da coluna do *story*, a coluna “modi” registra a última pessoa que mexeu em determinada *retranca*, com o nome que cada funcionário tem registrado no sistema interno de jornalismo da TV Globo, também conhecido como *inews*. A coluna ao lado é utilizada apenas pelos *editores-chefes* e *executivos* e tem duas cores: amarela e verde. A primeira significa que a *cabeça* ainda não foi aprovada, a segunda, que já está pronta para ser lida pelo apresentador. Para mudar de cor, basta que o responsável pelo jornal clique em cima da *retranca* APV (aprovada).

O último tempo, da esquerda para a direita é soma de todos os tempos do que vai ao ar e serve para o *coordenador* e o *editor-chefe* do jornal saberem quanto tempo tem a *edição* inteira do telejornal. A penúltima coluna não é utilizada. E a última identifica o *editor* responsável por aquela *retranca*.

Na horizontal, têm-se também algumas bases, que aparecem em todas as edições do ***Em Cima da*** Hora e, além de darem informações diferenciadas, servem para separar os blocos de matérias por assunto. A *retranca* 9, por exemplo, é a base ouro: uma arte com a cotação atualizada do preço do ouro. A *retranca* 10 é uma das bases de previsão do tempo no mundo, onde aparece, numa arte, a temperatura atualizada⁸² de capitais de países de todos os continentes. A base poupança também é uma arte com o rendimento atualizado da poupança. Assim como a base “bolsas internacionais” (*retranca* 34), que mostra quanto as principais bolsas de valores do mundo estão subindo ou descendo naquele momento. Por fim, tudo o que está abaixo do *stand by* é tudo o que está à disposição do *editor-chefe*, mas não foi ao ar.

⁸² A atualização da previsão do tempo – do Brasil e do mundo – é feita pelos próprios editores, duas vezes por dia, a partir do material enviado, por e-mail ou fax, pelo INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

Ilustração 1

PAG	NOTAS	RETRANCA	LOC	tCAB	tVT	tMAT	FITA	MODI	APV	TEMPO	OK	EDI
	QUARTA	MH-17 - 04/02/2009		0:00	0:20	0:20		cesa		0:00	GU	
	PO TEAS	PO DILMA		0:00	0:04	0:04	1751	cesa		0:20	OK	roq
	PO/TEAS	NC TEASER OBAMA		0:00	0:00	0:00	1514	cesa		0:24	OK	pal
00A	31 min	ESCALADA	AGU	0:34	0:00	0:34		pomp		0:24	OK	mar
01	NOTA 17	NT SPO CHUVA	AGU	0:25	0:00	0:25	NOTA	cesa pom		0:58	OK	MA/
02	PO/ 16	PO NC SPO TELHADO	AGU	0:15	0:00	0:15	1666	cesa pom		1:23	OK	MA/
03	PO/ 16	PO OPERAÇÃO FAVELA	AGU	0:14	0:21	0:35	1669	wats she		1:38	OK	CRI
04	PO/ 17	PO SPO PARAISÓPOLI	AGU	0:22	0:48	1:10	1767	cesa pom		2:13	GU	brl
05	NOTA 16	NT FORÇA NACIONAL	AGU	0:26	0:00	0:26	NOTA	cesa pom		3:23	OK	mor
07	PO/ 16	BSB PO ACIDENTE ÔNIBUS			AGU 0:07	0:11	0:18	1522	pomp pom		3:49-	
08	PONCJH	GNA PO NC VAQUEIRO			AGU 0:36	0:00	0:36	1515	cesa pom		4:07-	
09	VEUR ##	VT - Base Euro	AGU	0:07	0:00	0:07		fran		4:43	OK	NE
10	V30 ###	Vinh-1 TEMPO/MUNDO		0:00	0:10	0:10		cesa rsi		4:50	OK	RAF
11	PO/ 17	PO PAC VIVIANE	AGU	0:15	2:12	2:27	1752	wats wat		5:00	GU	ces
12	PO/ 15	PO BSA CAMILA	AGU	0:13	0:38	0:51	1599	wats wat		7:27	OK	roq
13	NOTA PÉ	NT PÉ CAMILA	AGU	0:07	0:00	0:07	NOTA	wats wat		8:18	OK	roq
14	PO/ 16	PO LULA SARNEY	AGU	0:07	0:18	0:25	1660	wats wat		8:25	GU	MO
15	NOTA 17	NT BATTISTI	AGU	0:27	0:00	0:27	NOTA	wats wat		8:50	OK	L/r
16	V14 ###	VT - Base Poupança	AGU	0:05	0:00	0:05		fran		9:17	OK	
17	V30 ###	Vinh-3 TEMPO/MUNDO		0:00	0:10	0:10		cesa		9:22	OK	RAF
18	NT/T 15	NT EUA TORTURA	AGU	0:31	0:00	0:31	NOTA	cesa		9:32	OK	raj
19	PO/T 17	PO A.DANIELA GAZA	AGU	0:27	1:31	1:58	1512	cesa		10:03	OK	raj
20	NOTA	NT ONU INVESTIGA	AGU	0:18	0:00	0:18	NOTA	cesa		12:01	OK	LBP
21	PO/ 17	PO EUA BASE AEREA	AGU	0:17	0:33	0:50	1320	cesa		12:19	OK	L/r
22	NOTA 12	NT EUA AFEGANISTÃO	AGU	0:31	0:00	0:31	NOTA	lbar		13:09	OK	raj
23	PO/ 16	PO BARBIE 50 ANOS	AGU	0:12	0:49	1:01	1670	wats		13:40	OK	pal
24	PO/ 16	PO TOM CRUISE	AGU	0:06	0:23	0:29	1217	cesa cec		14:41	OK	CRI
25	V13 ###	VT - Base Ouro	AGU	0:06	0:00	0:06		cesa		15:10	OK	can
26	V40 ###	VIN-NOR Tempo/BRAS	AGU	0:04	0:10	0:14		cesa		15:16	GU	BAF
27	PO/ CC1	PO SPO VENDA CARRO	AGU	0:11	1:13	1:24	1665	pomp pom		15:30	OK	PE/
28	PO/ 15	PO BSA CONSÓRCIOS	AGU	0:13	1:27	1:40	1511	pomp pom		16:54	OK	MOF
29	PO/ 15	PO A.EDGARD OBAMA	AGU	0:21	1:38	1:59	1516	cesa pom		18:34	OK	pal
30	VEHM ##	VINHETA M.FINANCEI		0:00	0:06	0:06		cesa		20:33	OK	dar
31	POT CC1	PO A.JADER MERCADO	AGU	0:23	1:03	1:26	1520	lbar wat		20:39	OK	S/F
32	PO/T NC	PO NC NYC MERCADOS	AGU	1:02	0:00	1:02	1315	mter pom		22:05	OK	fil
33	NET 17	NET SPO BM&F	AGU	0:14	2:00	2:14	NET	cesa pom		23:07	OK	DAM
34	V16 ###	VT - Bolsas Intern	AGU	0:05	0:20	0:25		cesa		25:21	OK	NE
35	PO/ JH	BSB PO TECNOLOGIA	GB		AGU 0:09	1:46	1:55	1525	cesa pom		25:46-	
36	NOTA PÉ	BSB NT PÉ TECNOLOGIA			AGU 0:05	0:00	0:05	NTPÉ	cesa pom		27:41-	
36B	PO/ JH	BSB PO DPVAT	MF		SAM 0:13	1:32	1:45	1523	wats ter		27:46-	
37	V40 ###	VIN-CEN Tempo/BRAS	AGU	0:04	0:10	0:14		cesa		29:31	GU	BAF
38	V40 ###	VIN-SUD Tempo/BRAS	AGU	0:03	0:10	0:13		cesa		29:45	GU	BAF
99	NOTA	NOTA ENCERRAMENTO	AGU	0:28	0:00	0:28	NOTA	agui		29:58	OK	dar
		**** STAND BY ****		0:00	0:00	0:00		paul		30:26	OK	dar
	crawl	crawl		0:00	0:00	0:00	?	wats		30:26	OK	wat
	PO/TEAS	NC TEASER OPERAÇÃO		0:00	0:00	0:00	1317	dani		30:26	OK	CRI
	PO/ JH	RJO PO PESQUISA CÂNCER	TN		AGU 0:10	2:24	2:34	1318	cesa ter		30:26-	
	PO 16	PO ADÍLSON MORRE	SAM	0:09	0:00	0:09	1316	cesa afo		33:00	OK	CRI

Numa primeira análise, é possível perceber que essa edição das 17h do dia 4 de fevereiro de 2009 estava organizada da seguinte forma: o primeiro bloco (*retrancas* 1 a 8) é de notícias gerais; o segundo (*retrancas* 11 a 15) é um bloco de política; o terceiro (*retrancas* 18 a 24) de notícias internacionais; o quarto (*retrancas* 27 a 29) é um bloco de economia, assim como o quinto bloco (*retrancas* 31 e 32) – esse último mais ligado aos mercados financeiros. E, por fim, o último bloco (*retrancas* 35 a 36B) são notícias gerais mais ligadas ao consumidor.

Como se pode observar ainda, pelo horário da primeira vez que determinada notícia foi ao ar (coluna “notas”), é possível identificar o que há de novidade nesta edição e o que é uma repetição de edições anteriores. Assim, além da ordem de importância estabelecida pelo *editor-chefe* ou pelo *editor-executivo* para ordenar as notícias no telejornal, muitas vezes a notícia nova ganha prioridade na paginação do telejornal – como foi o caso da *nota* (sem imagens) lida pelos apresentadores sentados na bancada, sobre a chuva em São Paulo, que abre essa edição do *Em Cima da Hora*.

Sérgio Aguiar: Chove em alguns bairros de São Paulo, principalmente nas zonas leste e norte. Sete regiões estão em estado de atenção: norte, centro, sudeste, leste, oeste e as marginais Tietê e Pinheiros. Por causa da chuva, o aeroporto de Congonhas opera por instrumentos, desde as duas e meia da tarde. Na rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo a Belo Horizonte, chove forte na altura de Guarulhos, onde há um ponto de alagamento. (Câmera fechada no apresentador)

Samantha Mendes: Em Santo André, no ABC paulista, três pessoas ficaram feridas num acidente numa loja de materiais de construção. Um vendaval arrancou parte do telhado da loja. Segundo informações do corpo de bombeiros, as três pessoas foram levadas para o hospital com ferimentos leves.⁸³ (Câmera fechada na apresentadora)

Outra notícia inédita é matéria fechada pela repórter de Brasília Viviane Basile sobre a liberação de mais R\$ 142 bilhões para o Programa de Aceleração do Crescimento, até 2010. Nesse caso, a novidade não é a notícia em si da injeção de recursos no PAC, já que, durante o dia, ela já tinha sido dada de várias outras formas: com entradas *ao vivo* da mesma repórter enquanto o anúncio era feito, no Palácio do Planalto e em forma de *sonoras* com trechos das falas de alguns ministros que participaram desse encontro. A novidade dessa versão do *Em Cima da Hora* das 17h (*retranca* 11) foi a edição do conteúdo, isto é, a matéria foi escrita pela repórter e montada pelo *editor* com *OFF*, *passagem* e *sonoras* dos ministros Paulo Bernardo, do Planejamento, e Dilma Rousseff, da Casa Civil.

O terceiro conteúdo inédito do jornal das 17h é a nota sobre o caso do italiano Cesare Battisti⁸⁴ (*retranca* 15).

Sérgio Aguiar: O ministro das Relações Exteriores da Itália, Franco Frattini, afirmou que não é o momento de falar em represália diplomática contra o Brasil, por causa da concessão de refúgio político ao ex-ativista Cesare Battisti. O governo italiano está esperando uma decisão final do

⁸³ *Em Cima da Hora* das 17h do dia 4 de fevereiro de 2009.

⁸⁴ Condenado à prisão perpétua na Itália pelo assassinato de quatro pessoas, no fim da década de 1970, o ex-militante de esquerda, Cesare Battisti, foi preso no Brasil, em 2007, e, em janeiro de 2009, foi considerado refugiado político – o que impede a extradição para a Itália – pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. A decisão do governo brasileiro contrariou as autoridades italianas, que brigam pela extradição de Battisti.

*Supremo Tribunal Federal sobre o caso. Frattini acredita que o STF vai rever a decisão do ministro da Justiça, Tarso Genro. Battisti foi condenado à prisão perpétua na Itália por quatro homicídios cometidos nos anos setenta*⁸⁵. (Câmera fechada no apresentador)

O *áudio* sobre confrontos na Faixa de Gaza, gravado pela correspondente da **Globo News** em Israel, Daniela Kresch (*retranca* 19), coberto por imagens de agências internacionais daquele mesmo dia, é outra notícia inédita desta *edição* e foi chamado com a seguinte *cabeça*:

Sérgio Aguiar: A ONU acusou no Hamas de confiscar parte da ajuda humanitária internacional para as vítimas do conflito na Faixa de Gaza. A ação seria uma represália porque as Nações Unidas não permitiram que o grupo radical organizasse a ajuda. (Câmera fechada no apresentador)

*Samantha Mendes: Na Europa, o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, afirmou que está na hora de a comunidade internacional assumir a sua responsabilidade legal, política e moral para estabelecer um acordo de paz no Oriente Médio. De Tel Aviv, Daniela Kresch.*⁸⁶ (Câmera fechada na apresentadora)

A quinta *retranca* inédita desta *edição* é o “PO EUA BASE AÉREA” (*retranca* 21). E por fim, a entrada *ao vivo* da repórter Eliana Marques da Bolsa de Mercadorias e Futuros de São Paulo sendo o último conteúdo inédito deste *Em Cima da Hora*.

Das 23 *retrancas* de notícias desta *edição* do *Em Cima da Hora*, apenas seis são conteúdos novos, demonstrando a limitação do telejornal no que se refere à atualização das informações. Para dar um exemplo, na *edição* analisada, a *nota* “EUA Afeganistão” estava sendo veiculada desde o *Em Cima da Hora* das 12h.

Essa repetição se deve a vários fatores: embora a dinâmica da circulação e o volume de informações nos vários veículos sejam cada vez mais rápidos no mundo contemporâneo, ainda assim não há uma quantidade de notícias novas suficiente para montar um *Em Cima da Hora* diferente a cada hora; soma-se a isso à limitação da estrutura do **Globo News**, que conta com um número de funcionários menor do que o necessário para manter a agilidade do canal.

Há que se destacar que essa repetição de notícias ao longo das edições do *Em Cima da Hora* é uma das críticas dos assinantes. Uma percepção que aumenta ainda mais porque, muitas vezes, a **Globo News** utiliza matérias de *jornais locais* e de *rede* da TV Globo, que atinge um público infinitamente maior do que o número de assinantes de

⁸⁵ *Em Cima da Hora* das 17h do dia 4 de fevereiro de 2009.

⁸⁶ *Idem*.

TV a cabo. Assim, é comum o telespectador assistir a uma matéria num telejornal da TV aberta (Globo) e voltar a assisti-la o ***Em Cima da Hora***.

Embora a maioria dos profissionais do canal reconheça essa limitação, a ideia central do ***Em Cima da Hora*** é, a cada *edição*, apresentar um resumo do que está acontecendo de mais importante no Brasil e no mundo, naquele momento. Em outras palavras, as edições são encaradas pelos editores e produtores da **Globo News** como se fossem únicas, embora esteja claro que se o telespectador assistir à duas ou mais edições seguidas vai reparar de forma mais nítida a repetição de informações.

*Qualquer pessoa que quer saber o que está acontecendo, se ela ligar na Globo News ela sabe que vai ter essa resposta. Se existe um boato que na cidade morreu alguém, tá pegando fogo não sei o que, caiu não sei o que, ela liga na Globo News que certamente ela vai ter essa resposta.*⁸⁷

A opinião do chefe de redação do canal é partilhada por um dos editores-chefes do ***Em Cima da Hora***, Eduardo Marotta:

Geralmente quando você sabe de alguma notícia, de um acidente, você já liga na **Globo News** para saber se está *no ar*, se tem alguma coisa, então, eu definiria a **Globo News** com o papel de agência de notícias que ela tem, mais do que de um jornal. Ela tem que informar o tempo todo. A pessoa tem que ligar e tem que ter informação naquela hora⁸⁸

⁸⁷ ANGELA LINDENBERG, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, fita lado A, 2008. Íntegra: ANEXO 4.

⁸⁸ EDUARDO MAROTTA, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, fita lado B, 2008. Íntegra: ANEXO 6.

Ilustração 2

PAG	NOTAS	RETRANCA	LOC	tCAB	tVT	tMAT	FITA	MODI	APV	TEMPO	OK	EDI
	QUARTA	MH-18 - 04/02/2009		0:00	0:20	0:20		pomp		0:00	GU	
	PO/TEAS	NC TEASER OBAMA		0:00	0:00	0:00	1514	cesa		0:20	OK	pat
	PO	TEAS PO DILMA		0:00	0:04	0:04	1751	cesa		0:20	OK	roç
	PO/TEAS	NC TEASER OPERAÇÃO		0:00	0:00	0:00	1317	dani		0:24	OK	CRJ
00A	30 min	ESCALADA	AGU	0:40	0:00	0:40		pomp		0:24	OK	mai
01	PO/ 15	PO A.EDGARD OBAMA	AGU	0:21	1:38	1:59	1516	rsim pom		1:04	OK	pat
02	PO/ CC1	PO SPO VENDA CARRO	AGU	0:11	1:13	1:24	1665	rsim pom		3:03	OK	PE/
03	PO/ 15	PO BSA CONSÓRCIOS	AGU	0:13	1:27	1:40	1511	rsim pom		4:27	OK	MOF
04	V40 ###	VIN-NOR Tempo/BRAS	AGU	0:04	0:10	0:14		rsim		6:07	GU	BAI
05	PO/ GNO	PO OPERAÇÃO POLICI	AGU	0:19	0:25	0:44	1889	rsim wat		6:21	OK	PL
06	PO/ GNO	PO PARAISÓPOLIS CM	AGU	0:12	0:35	0:47	1867	rsim pom		7:05	OK	brt
07	NOTA GN	NT FORÇA NACIONAL	AGU	0:25	0:00	0:25	NOTA	rsim pom		7:52	OK	GIS
08	PO/ 18	PO PRISÃO PIAUÍ	AGU	0:06	0:28	0:34	1890	rsim pom		8:17	GU	PLJ
09	PO/ 18	PO GNA VAQUEIRO	AGU	0:15	1:42	1:57	1866	rsim pom		8:51	OK	DAM
10	VEUR ##	VT - Base Euro	AGU	0:07	0:00	0:07		rsim		10:48	OK	NE
11	PO/ GNO	PO NC TREM DESCARR	FAT	0:19	0:00	0:19	1884	rsim pom		10:55	OK	DAM
13	PO/ 16	PO NC SPO TELHADO	AGU	0:18	0:00	0:18	1666	wats pom		11:14	OK	MAJ
14	PO/ 16	BSB PO ACIDENTE ÔNIBUS	AGU	0:07	0:11	0:18	1522	pomp pom		11:32		
15	V30 ###	Vinh-1 TEMPO/MUNDO		0:00	0:10	0:10		rsim rsi		11:50	OK	RAI
16	PO/ 17	PO PAC VIVIANE	AGU	0:14	2:12	2:26	1752	rsim wat		12:00	GU	ces
17	PO/ 15	PO BSA CAMILA	AGU	0:13	0:38	0:51	1599	rsim wat		14:26	OK	roç
18	NOTA PÊ	NT PÊ CAMILA	AGU	0:07	0:00	0:07	NOTA	rsim wat		15:17	OK	roç
19	PO/ 16	PO LULA SARNEY	AGU	0:11	0:18	0:29	1660	rsim wat		15:24	GU	MO
20	NOTA 17	NT BATTISTI	AGU	0:27	0:00	0:27	NOTA	rsim wat		15:53	OK	L/p
30	VEHM ##	VINHETA M. FINANCEI		0:00	0:06	0:06		rsim		16:20	OK	dar
31	PO/T CC	PO A.JADER MERCADO	AGU	0:23	1:03	1:26	1520	rsim wat		16:26	OK	S/I
32	PO/ T N	PO NC NYC MERCADOS	AGU	1:02	0:00	1:02	1315	rsim pom		17:52	OK	fil
33	NET 18	NET SPO BM&F	AGU	0:18	3:15	3:33	NET	rsim pom		18:54	OK	DAM
34	V16 ###	VT - Bolsas Intern	AGU	0:05	0:20	0:25		rsim		22:27	OK	NE
23	PO/ 1	PO AUSTRÁLIA ENCHE	AGU	0:12	0:17	0:29	1885	rsim		22:52	OK	mtc
24	PO/	PO COLOMBIA RESGAT	AGU	0:09	1:03	1:12	1868	rsim pom		23:21	OK	LBZ
25	PO/ T 1	PO A.DANIELA GAZA	AGU	0:27	1:31	1:58	1512	rsim		24:33	OK	raç
28	PO/ 17	PO EUA BASE AEREA	AGU	0:17	0:33	0:50	1320	rsim		26:31	OK	L/1
21	V14 ###	VT - Base Poupança	AGU	0:05	0:00	0:05		rsim		27:21	OK	
22	V30 ###	Vinh-3 TEMPO/MUNDO		0:00	0:10	0:10		rsim		27:26	OK	RAI
35	PO/ 16	PO BARBIE 50 ANOS	AGU	0:12	0:49	1:01	1670	rsim		27:36	OK	pat
36	PO/ 16	PO TOM CRUISE	AGU	0:06	0:23	0:29	1217	rsim cec		28:37	OK	CRJ
37	V40 ###	VIN-CEN Tempo/BRAS	AGU	0:04	0:10	0:14		rsim		29:06	GU	BAI
38	PO/ GNO	PO NC SPO FUVEST		0:31	0:02	0:33	1883	rsim pom		29:20	OK	GIS
39	V40 ###	VIN-SUD Tempo/BRAS	AGU	0:03	0:10	0:13		rsim		29:53	GU	BAI
40	NOTA	NOTA ENCERRAMENTO	AGU	0:29	0:00	0:29	NOTA	rsim		30:06	OK	dar
41		**** STAND BY ****		0:00	0:00	0:00		rsim		30:35	OK	dar

A *escalada* da *edição* das 18h demonstra, mais uma vez, que a maioria dos assuntos iria se repetir. Apenas uma *manchete*, sobre um tiroteio entre a polícia e traficantes, no Rio de Janeiro, não estava na *escalada* da *edição* anterior. Desta vez, o recurso utilizado pelo *editor-chefe* para “maquiar” a repetição foi mudar a ordem das *manchetes*.

Samantha Mendes: Boa noite. Seis horas pelo horário de Brasília. (Câmara aberta nos dois apresentadores)

Sérgio Aguiar: O presidente {{TEASER OBAMA}} Barack Obama limita o salário dos executivos que recebem ajuda do governo para enfrentar a crise. (Câmara fechada no apresentador)

Samantha Mendes: O ministro da Fazenda garante que a economia brasileira não vai entrar em recessão. (Câmera fechada na apresentadora)

Sérgio Aguiar: O Programa de Aceleração do Crescimento ganha o reforço de cento e quarenta e dois bilhões de reais até dois mil e dez. (Câmera fechada no apresentador)

Samantha Mendes: E a ministra Dilma Rousseff – a mãe do PAC – como chama o presidente Lula, respondeu com bom humor se quer ser Presidente da República. (Câmera fechada na apresentadora)

{{RODA PO TEASER DILMA // ABRE SOM DO PO //

DEIXA: ... NÃO TIRA DE MIM NEM AMARRADA.}}

Sérgio Aguiar: Confrontos **{{TEASER OPERAÇÃO** (imagens de policiais com coletes à prova de bala empunhando armas na entrada de uma favela)**}}** entre traficantes em quatro favelas do Rio acabam em dez mortes.

Samantha Mendes: Eu sou Samantha Mendes. (Câmera fechada na apresentadora)

Sérgio Aguiar: E eu, Sérgio Aguiar. Você está na Globo News.⁸⁹ (Câmera fechada no apresentador)

Assim como na *escalada*, o recurso da mudança de ordem dos blocos e *retrancas* de uma edição para outra é muito utilizado pelos *editores-chefes* para dar uma cara mais nova ao telejornal, como pode ser visto nesta edição das 18h do **Em Cima da Hora**.

Ilustração 3

	17h	18h
1º bloco	<p>Geral (1 a 8):</p> <p>NOTA SPO⁹⁰ CHUVA</p> <p>N/C SPO TELHADO</p> <p>PO OPERAÇÃO NAVALHA</p> <p>PO SPO PARAISÓPOLIS</p> <p>NOTA FORÇA NACIONAL</p> <p>PO BSA⁹¹ ACIDENTE</p> <p>ÔNIBUS</p> <p>N/C GNA⁹² VAQUEIRO</p>	<p>Economia (5 a 9):</p> <p>PO A. EDGARD OBAMA</p> <p>PO SPO VENDA CARRO</p> <p>PO BSA CONSÓRCIOS</p>
	Política (11 a 15):	Geral (5 a 9):

⁸⁹ *Em Cima da Hora* das 18h do dia 4 de fevereiro de 2009.

⁹⁰ Abreviação de São Paulo utilizada pela Globo News.

⁹¹ Abreviação de Brasília utilizada pela Globo News.

⁹² Abreviação de Goiânia utilizada pela Globo News.

2º bloco	PO PAC VIVIANE PO BSA CAMILA PO LULA SARNEY NOTA BATTISTI	PO OPERAÇÃO POLICIAL PO PARAISÓPOLIS NOTA FORÇA NACIONAL POR PRISÃO PIAUÍ PO GNA VAQUEIRO
3º bloco	Internacional (18 a 24): NOTA EUA TORTURA PO A. DANIELA GAZA NOTA ONU INVESTIGA PO EUA BASE AÉREA NOTA EUA AFGANISTÃO PO BARBIE 50 ANOS PO TOM CRUISE	Geral / acidentes (11 a 14): N/C TREM DESCARRILA N/C SPO TELHADO PO BSA ACIDENTE ÔNIBUS
4º bloco	Economia (27 a 29): PO SPO VENDA CARRO PO BSA CONSÓRCIOS PO A. EDGARD OBAMA	Política (16 a 20): PO PAC VIVIANE PO BSA CAMILA PO LULA SARNEY NOTA BATTISTI
5º bloco	Mercado financeiro (31 e 33): PO. A. JADER MERCADO N/C NYC ⁹³ MERCADOS NET SPO BM&F	Mercado financeiro (31 a 33): PO. A. JADER MERCADO N/C NYC MERCADOS NET SPO BM&F
6º bloco	Geral (35 a 36 B): PO BSB TECNOLOGIA PO DPVAT	Internacional (23 a 28)⁹⁴: PO AUSTRÁLIA ENCHENTE PO COLÔMBIA RESGATE PO A. DANIELA GAZA NOTA EUA BASE AÉREA
7º bloco	-	Inter. / celebridades (35 e 36): PO BARBIE 50 ANOS PO TOM CRUISE

⁹³ Abreviação de Nova Iorque utilizada pela Globo News.

⁹⁴ Por um descuido do coordenador, as páginas (retrancas) desta edição do *Em Cima da Hora* não foram numeradas na ordem crescente.

8º bloco	-	Geral (38): N/C SPO FUVEST
----------	---	---------------------------------------

Como se pode observar pelo quadro, se no *Em Cima da Hora* das 17h existiam seis *retrancas* novas, na *edição* das 18h esse número aumentou para oito (em negrito). Isso não quer dizer, entretanto, que todas essas notícias sejam novas, porque algumas delas já tinham sido veiculadas na *edição* anterior, o que mudou foi a forma. Ex: O “PO SPO PARAISÓPOLIS”, que era uma *nota coberta* (imagens dos policiais na favela de São Paulo, sem repórter) na *edição* das 17h se transformou em *flash* (repórter e imagens da favela), reproduzido do Globo Notícia⁹⁵, na *edição* das 18h.

Todos esses artifícios usados para atualizar as notícias, embora não sejam uma prerrogativa do *Em Cima da Hora*, na medida em que são comuns na prática do telejornalismo, exibem a fragilidade de um canal de notícias 24 horas *no ar*. Embora o objetivo seja sempre trazer a notícia mais nova o mais rápido possível, as edições ainda se repetem muito no que se refere ao conteúdo veiculado durante os 30 minutos do telejornal.

⁹⁵ O Globo Notícia é um telejornal de cinco minutos, que vai ao ar, *ao vivo*, duas vezes por dia (manhã e tarde) na TV Globo com o resumo do aconteceu de mais importante no dia no Brasil e no mundo.

Ilustração 4

PAG	NOTAS	RETRANCA	LOC	tCAB	tVT	tMAT	FITA	MODI	APV	TEMPO	OK	EDI
	QUARTA	MH-19	-	0	0:00	0:00		rsim		0:00	GU	
	PO TEAS	PO DILMA			0:00	0:00	1751	rsim		0:00	OK	roj
	PO/TEAS	NC TEASER OBAMA			0:00	0:00	1514	cesa		0:00	OK	pat
	PO/TEAS	NC TEASER OPERAÇÃO			0:00	0:00	1317	dani		0:00	OK	CR1
00A	24 minu	ESCALADA	AGU		0:39	0:00	0:39	leil		0:00	OK	ma
01	PO/ 17	PO PAC VIVIANE	AGU		0:14	2:12	2:26	1752	rsim	wat	0:39	GU ces
02	PO/ 15	PO BSA CAMILA	AGU		0:13	0:38	0:51	1599	rsim	wat	3:05	OK roj
03	NOTA PÉ	NT PÉ CAMILA	AGU		0:10	0:00	0:10	NOTA	rsim	wat	3:56	OK roj
04	PO/ 15	PO A.EDGARD OBAMA	AGU		0:21	1:38	1:59	1516	rsim	pom	4:06	OK pat
05	VEHM ##	VINHETA M.FINANCEI	AGU		0:00	0:06	0:06		rsim		6:05	OK dar
06	PO/ T N	PO NC NYC MERCADOS	AGU		1:03	0:00	1:03	1315	pomp	pom	6:11	OK fim
07	PO/ 19	PO SPO BM&F	AGU		0:12	1:30	1:42	1985	rsim	pom	7:14	OK DAM
08	V16 ####	VT - Bolsas Intern	AGU		0:05	0:10	0:15		rsim		8:56	OK NE
09	PO/ 19	PO VATICANO BISPO	AGU		0:16	0:52	1:08	1988	wats	wat	9:11	OK ant
10	PO/	PO COLOMBIA RESGAT	AGU		0:09	1:03	1:12	1868	rsim	pom	10:19	OK LB2
11	PO/ T 1	PO A.DANIELA GAZA	AGU		0:27	1:31	1:58	1512	rsim		11:31	OK raj
12	PO/ 1	PO AUSTRÁLIA ENCHE	AGU		0:12	0:17	0:29	1885	rsim	wat	13:29	OK mte
13	V14 ####	VT - Base Poupança	AGU		0:05	0:00	0:05		rsim		13:58	OK
14	V40 ####	VIN-NOR Tempo/BRAS	AGU		0:04	0:10	0:14		rsim		14:03	GU BAF
15	PO/ GNO	PO NC SPO FUVES	AGU		0:26	0:02	0:28	1883	rsim	pom	14:17	OK GIS
16	PO/ 19	PO BSA LULA BASQUE	AGU		0:09	0:29	0:38	1989	rsim	wat	14:45	OK gis
16A	PO/ CC1	PO SPO VENDA CARRO	AGU		0:11	1:13	1:24	1665	rsim	pom	15:23	OK PE,
16B	PO/ 15	PO BSA CONSÓRCIOS	AGU		0:13	1:27	1:40	1511	rsim	pom	16:47	OK MOI
17	VEUR ##	VT - Base Euro	AGU		0:07	0:00	0:07		rsim		18:27	OK NE
17A	PO/ GNO	PO NC TREM DESCARR	AGU		0:19	0:00	0:19	1884	rsim	pom	18:34	OK DAM
17B	PO/ 16	BSB PO ACIDENTE ÔNIBUS	AGU		0:07	0:11	0:18	1522	rsim	pom	18:53-	
18	NOTA GN	NT FORÇA NACIONAL	AGU		0:25	0:00	0:25	NOTA	rsim	pom	19:11	OK GIS
19	PO/ GNO	PO PARAISÓPOLIS CM	AGU		0:12	0:35	0:47	1867	wats	pom	19:36	OK bri
19A	PO/ 18	PO GNA VAQUEIRO	AGU		0:15	1:42	1:57	1866	rsim	pom	20:23	OK DAM
19B	V13 ####	VT - Base Ouro	AGU		0:06	0:00	0:06		rsim		22:20	OK car
19C	V40 ####	VIN-CEN Tempo/BRAS	AGU		0:04	0:10	0:14		rsim		22:26	GU BAF
20	PO/ RJ	PO CORÉIA-OPERAÇÃO	LEI		0:08	2:00	2:08	1960	rsim	pom	22:40	OK PL
21	NOTA	PÉ-CORÉIA	LEI		0:09	0:00	0:09	NOTA	rsim	pom	24:48	OK PLJ
	HIBRIDA	HIB BSA PAGAMENTO			0:17	1:00	1:17	HIBR	wats	pom	24:57	OK dar
26	V40 ####	VIN-SUD Tempo/BRAS	AGU		0:03	0:10	0:13		rsim		26:14	GU BAF
27	NOTA	NOTA ENCERRAMENTO	AGU		0:16	0:00	0:16	NOTA	rsim		26:27	OK dar
28		**** STAND BY ****			0:00	0:00	0:00		rsim		26:43	OK dar

A escalada do *Em Cima da Hora* das 19h, cujos apresentadores passam a ser Eduardo Grillo e Leila Sterenberg, não tem nenhuma *manchete* nova em relação à edição anterior.

Eduardo Grillo: Boa noite. Sete horas pelo horário de Brasília. (Câmera aberta nos dois apresentadores)

Leila Sterenberg: Um reforço para as obras do Programa de Aceleração do Crescimento: cento e quarenta e dois bilhões de reais. (Câmera fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: E a mãe do PAC apelou pro bom humor ao falar da sucessão ao presidente Lula. A ministra Dilma Rousseff respondeu se quer ser candidata a Presidente da República. (Câmera fechada no apresentador)

{{ // RODA PO TEASER DILMA // ABRE SOM DO PO //

DEIXA: ... NÃO TIRA DE MIM NEM AMARRADA.^{96}}}

Leila Sterenberg: *O ministro da Fazenda garante que a economia brasileira não vai entrar em recessão.* (Câmera fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: *O presidente {{ TEASER OBAMA }} Barack Obama limita o salário dos executivos que recebem ajuda do governo para enfrentar a crise econômica.*

Leila Sterenberg: *Confrontos {{TEASER OPERAÇÃO}} entre a polícia e traficantes em quatro favelas do Rio acabam em dez mortes.*

Eduardo Grillo: *Eu sou Eduardo Grillo.* (Câmera fechada no apresentador)

Leila Sterenberg: *E eu Leila Sterenberg e você está na Globo News.⁹⁷* (Câmera fechada na apresentadora)

Como se pode perceber, mais uma vez as *manchetes* foram trocadas de lugar e duas delas foram modificadas na forma, e não no conteúdo. Na *edição* das 18h, a *manchete* sobre o PAC é “O Programa de Aceleração do Crescimento ganha o reforço de cento e quarenta e dois bilhões de reais até dois mil e dez”. Já na *edição* das 19h é “Um reforço para as obras do Programa de Aceleração do Crescimento: cento e quarenta e dois bilhões de reais”. Da mesma forma, na *edição* das 18h a outra *manchete* era “E a ministra Dilma Rousseff – a mãe do PAC – como chama o presidente Lula, respondeu com bom humor se quer ser Presidente da República”. No *Em Cima da Hora* das 19h a *manchete* sofre uma pequena alteração para “E a mãe do PAC apelou pro bom humor ao falar da sucessão ao presidente Lula. A ministra Dilma Rousseff respondeu se quer ser candidata a Presidente da República.”

⁹⁶ Como explicado anteriormente, essa é uma indicação técnica conhecida como *deixa*, ou seja, a última frase da *sonora* da ministra Dilma Rousseff para os apresentadores saberem onde a *sonora* termina e continuarem a *escalada*.

⁹⁷ *Em Cima da Hora* das 19h do dia 4 de fevereiro de 2009.

Ilustração 5

	18h	19h
1º bloco	Economia (5 a 9): PO A. EDGARD OBAMA PO SPO VENDA CARRO PO BSA CONSÓRCIOS	Política / Economia (1 a 4) PO PAC VIVIANE PO BSA CAMILA PO A. EDGARD OBAMA
2º bloco	Geral (5 a 9): PO OPERAÇÃO POLICIAL PO PARAISÓPOLIS NOTA FORÇA NACIONAL POR PRISÃO PIAUÍ PO GNA VAQUEIRO	Mercado financeiro (6 e 7): N/C NYC MERCADOS PO SPO BM&F
3º bloco	Geral / acidentes (11 a 14): N/C TREM DESCARRILA N/C SPO TELHADO PO BSA ACIDENTE ÔNIBUS	Internacional (9 a 12): PO VATICANO BISPO PO COLÔMBIA RESGATE PO A. DANIELA GAZA PO AUSTRÁLIA ENCHENTE
4º bloco	Política (16 a 20): PO PAC VIVIANE PO BSA CAMILA PO LULA SARNEY NOTA BATTISTI	Geral (15 a 16B): N/C SPO FUVEST PO BSA LULA BASQUETE PO SPO VENDA CARRO PO BSA CONSÓRCIOS
5º bloco	Mercado financeiro (31 a 33): PO. A. JADER MERCADO N/C NYC MERCADOS NET SPO BM&F	Geral (17A a 19A): N/C TREM DESCARRILA NOTA FORÇA NACIONAL PO PARAISÓPOLIS PO GNA VAQUEIRO
6º bloco	Internacional (23 a 28)⁹⁸: PO AUSTRÁLIA ENCHENTE PO COLÔMBIA RESGATE PO A. DANIELA GAZA NOTA EUA BASE AÉREA	Geral (20 e 21) PO CORÉIA OPERAÇÃO HÍBRIDA BSA PAGAMENTO

⁹⁸ Por um descuido do *coordenador*, as páginas (*retrancas*) desta edição do *Em Cima da Hora* não foram numeradas na ordem crescente.

7º bloco	Inter. / celebridades (35 e 36): PO BARBIE 50 ANOS PO TOM CRUISE	-
8º bloco	Geral (38): N/C SPO FUVEST	-

O número de notícias novas no *Em Cima da Hora* das 19h em relação à edição das 18h é ainda menor do que a comparação anterior: apenas cinco *retrancas* novas. Sendo que duas delas (SPO BM&F e CORÉIA OPERAÇÃO) já haviam sido noticiadas na edição anterior, apenas foram atualizadas. A primeira deixou de ser entrada *ao vivo* do repórter para ser tornar *flash* e a segunda deixou de ser *nota coberta* para ser uma matéria, fechada por um repórter, do RJTV.

Ilustração 6

PAG	NOTAS	RETRANCA	LOC	tCAB	tVT	tMAT	FITA	MODI	APV	TEMPO	OK	E	
	QUARTA	MH-20	-	04/02	0:00	0:00		rsim		0:00	GU		
	PO/TEAS	NC TEASER	OPERAÇÃO		0:00	0:00	1317	dani		0:00	OK	C	
	PO TEAS	PO DILMA			0:00	0:00	1751	rsim		0:00	OK	x	
00A		ESCALADA			GRI	0:15	0:00	0:15	rsim		0:00	OK	n
01	PO/ RJ	PO CORÉIA-OPERAÇÃO			GRI	0:07	2:00	2:07	1960	rsim pom	0:15	OK	F
02	NOTA	PÉ-CORÉIA			GRI	0:08	0:00	0:08	NOTA	rsim pom	2:22	OK	F
03	PO/ SP2	PO SPO OPERAÇÃO/SA			GRI	0:16	1:25	1:41	2052	rsim pom	2:30	OK	k
04	NOTA SP	PÉ SATURAÇÃO			GRI	0:15		0:15	NOTA	pomp pom	4:11	OK	k
05	PO/ SP2	PO TEMPORAL			GRI	0:10	0:51	1:01	2068	rsim pom	4:26	OK	F
06	V40 ###	VIN-NOR Tempo/BRAS			GRI	0:04	0:10	0:14		rsim	5:27	GU	E
13	PO/ SP2	PO DESEMPREGO/SP			GRI	0:09	2:16	2:25	2064	rsim pom	5:41	OK	F
14	NOTA SP	PÉ DESEMPREGO			GRI	0:06		0:06	NOTA	rsim pom	8:06	OK	F
07	PO/ 17	PO PAC VIVIANE			GRI	0:14	2:12	2:26	1752	leil wat	8:12	GU	c
07B	PO/ 20	PO BSA LULA			GRI	0:10	1:50	2:00	2067	pomp wat	10:38	GU	G
08	PO/ 15	PO A.EDGARD OBAMA			GRI	0:20	1:38	1:58	1516	rsim pom	12:38	OK	g
09	VEHM ##	VINHETA M.FINANCEI			GRI	0:00	0:06	0:06		rsim	14:36	OK	c
10	PO/ 20	PO NYC MERCADOS			AGU	0:09	0:50	0:59	2070	rsim pom	14:42	OK	f
11	PO/ 19	PO SPO BM&F			GRI	0:12	1:30	1:42	1985	rsim pom	15:41	OK	F
12	V16 ###	VT - Bolsas Intern			GRI	0:05	0:20	0:25		rsim	17:23	OK	N
21	PO/ 20	PO BSA PAGAMENTO			GRI	0:10	0:57	1:07	2001	rsim pom	17:48	OK	F
15	V40 ###	VIN-SUD Tempo/BRAS			GRI	0:03	0:10	0:13		rsim	18:55	GU	E
15B	NOTA 20	NOTA RCE CURA RAIV			GRI	0:32	0:00	0:32	NOTA	pomp wat	19:08	OK	k
16	PO/ SP2	PO FUVEST/APROVADO			GRI	0:06	1:39	1:45	2053	rsim	19:40	OK	F
17	NT SP2	NT PÉ FUVEST/INTER			GRI	0:04		0:04	NOTA	rsim	21:25	OK	F
18	PO/ SP2	PO SPOESCOLA/GOLPE			GRI	0:11	2:08	2:19	1901	rsim pom	21:29	OK	k
19	NTA SP2	NOTA PÉ SPO ESCOLA			GRI	0:30		0:30	NOTA	rsim pom	23:48	OK	k
22	V40 ###	VIN-CEN Tempo/BRAS			GRI	0:04	0:10	0:14		rsim	24:18	GU	E
24	NOTA	NOTA ENCERRAMENTO			GRI	0:43		0:43	NOTA	rsim	24:32	OK	c
25		**** STAND BY ****				0:00	0:00	0:00		rsim	25:15	OK	c

A escalada do *Em Cima da Hora* das 20h só traz uma *manchete* nova, em relação à *edição* anterior: sobre pedido de seguro-desemprego em São Paulo.

Leila Sterenberg: Boa noite. Oito horas pelo horário de Brasília.

Eduardo Grillo: Confrontos {{TEASER OPERAÇÃO}} entre a polícia e traficantes em quatro favelas do Rio acabam em dez mortes. (Imagens de policiais armados e com coletes à prova de bala subindo a favela)

Leila Sterenberg: Mais um impacto da crise mundial no Brasil: os pedidos de seguro-desemprego dobraram na capital paulista.

Eduardo Grillo: O ministro da Fazenda garante que a economia brasileira não vai entrar em recessão.

Leila Sterenberg: As obras do PAC ganham um reforço de cento e quarenta e dois bilhões de reais.

Eduardo Grillo: E a mãe do PAC apelou pro bom humor ao falar da sucessão ao presidente Lula. A ministra Dilma Rousseff respondeu se quer ser candidata a Presidente da República.

{{ // RODA PO TEASER DILMA // ABRE SOM DO PO //

DEIXA: ... NÃO TIRA DE MIM NEM AMARRADA.}} (Dilma Rousseff sentada no evento de lançamento de dois anos do Programa de Aceleração do Crescimento, no Palácio do Planalto)

Leila Sterenberg: Eu sou Leila Sterenberg.

Eduardo Grillo: E eu, Eduardo Grillo, você está na Globo News.⁹⁹

Mais uma vez, a ordem das *manchetes* é alterada e o texto sobre a liberação de R\$ 142 milhões para as obras do PAC também sofre uma pequena modificação: de “Um reforço para as obras do Programa de Aceleração do Crescimento: cento e quarenta e dois bilhões de reais” passa para “As obras do PAC ganham um reforço de cento e quarenta e dois bilhões de reais”.

⁹⁹ *Em Cima da Hora* das 20h do dia 4 de fevereiro de 2009.

Ilustração 7

	19h	20h
1º bloco	Política/Economia (1 a 4) PO PAC VIVIANE PO BSA CAMILA PO A. EDGARD OBAMA	Geral (1 a 5) PO CORÉIA OPERAÇÃO SPO OPERAÇÃO S.A. PO SPO TEMPORAL
2º bloco	Mercado financeiro (6 e 7): N/C NYC MERCADOS PO SPO BM&F	Política/Economia (13, 14, 7, 7B, 8)¹⁰⁰: PO DESEMPREGO SP PO PAC VIVIANE PO BSA LULA PO A. EDGARD OBAMA
3º bloco	Internacional (9 a 12): PO VATICANO BISPO PO COLÔMBIA RESGATE PO A. DANIELA GAZA PO AUSTRÁLIA ENCHENTE	Mercado Financeiro (10 e 11): PO NYC MERCADOS PO SPO BM&F
4º bloco	Geral (15 a 16B): N/C SPO FUVEST PO BSA LULA BASQUETE PO SPO VENDA CARRO PO BSA CONSÓRCIOS	Economia (21): PO BSA PAGAMENTO
5º bloco	Geral (17A a 19A): N/C TREM DESCARRILA NOTA FORÇA NACIONAL PO PARAISÓPOLIS PO GNA VAQUEIRO	Geral (15B a 19): NOTA RCE¹⁰¹ CURA RAIVA PO FUVEST APROVADOS SPO ESCOLA GOLPE
6º bloco	Geral (20 e 21) PO CORÉIA OPERAÇÃO HÍBRIDA BSA PAGAMENTO	-

¹⁰⁰ Por um descuido do *coordenador*, as páginas (*retrancas*) desta edição do *Em Cima da Hora* não foram numeradas na ordem crescente.

¹⁰¹ Abreviação de Recife utilizada pela Globo News.

Geralmente, o *Em Cima da Hora* das 20h tende a ter um pouco mais de conteúdos novos, porque aproveita muitas matérias exibidas nos jornais locais da TV Globo, tais como SPTV2¹⁰², RTV2¹⁰³, entre outros, que vão ao ar, nas respectivas cidades, às 19h15. Assim, uma mesma notícia que vem sendo veiculada pelas edições da tarde do *Em Cima da Hora* sofrem uma “recauchutagem” quando exibidas em forma de matérias fechadas por repórteres.

Como se pode observar no quadro acima (ilustração 7), esta edição das 20h apresentou oito novidades, sendo cinco delas matérias exibidas no SPTV2 e uma nota sobre raiva em Recife. Outras duas (NYC MERCADOS e BSA PAGAMENTOS) mudaram apenas a forma, já que o conteúdo havia sido transmitido na edição anterior.

Outro recurso muito usado é a atualização da *cabeça* de um mesmo assunto de um jornal para o outro. Por exemplo, na edição das 19h, o *flash* sobre a ocupação da polícia na favela de Paraisópolis, em São Paulo era chamado pela seguinte *cabeça*:

*Eduardo Grillo: A polícia militar reforçou a ocupação na favela de Paraisópolis, na zona sul de São Paulo. Na segunda-feira, houve confrontos entre moradores e policiais, depois que grupos armados com paus e pedras destruíram carros e saquearam lojas.*¹⁰⁴ (Câmera fechada no apresentador)

Na edição das 20h, a *cabeça* desde mesmo assunto, que passa a ser matéria do SPTV2, muda para:

*Eduardo Grillo: Moradores da favela de Paraisópolis, na zona sul de São Paulo estão satisfeitos com o policiamento ostensivo na comunidade. Hoje, a operação foi reforçada e, agora, tem quatrocentos homens. A ocupação começou há dois dias, depois que grupos armados com paus e pedras destruíram carros e saquearam lojas.*¹⁰⁵ (Câmera fechada no apresentador)

Além do número de policiais envolvidos na ocupação, o recurso da atualização utilizado nesta *cabeça* está na primeira frase, na medida em que traz a repercussão da operação policial para os moradores da favela. Isto não deixa, de apenas informar que existe uma ocupação na comunidade, e inclui o que os moradores acham disso. Uma forma de mudar a “cara” da notícia sem ter que mexer necessariamente no conteúdo.

¹⁰² Segunda edição do telejornal local da Rede Globo, em São Paulo, que vai ao ar por volta das 19h.

¹⁰³ Segunda edição do telejornal local da Rede Globo, no Rio de Janeiro, que vai ao ar por volta das 19h.

¹⁰⁴ *Em Cima da Hora* das 20h do dia 4 de fevereiro de 2009.

¹⁰⁵ Idem.

Ilustração 8

PAG	NOTAS	RETRANÇA	LOC	tcAB	tvt	tMAT	FITA	MODI	APV	TEMPO	OK	ED
	QUARTA	MH-21 - 04/02		0:00		0:00		rsim		0:00	GU	
	PO/TEAS	NC TEASER OBAMA		0:00	0:00	0:00	1514	cesa		0:00	OK	pai
	PO/TEAS	NC TEASER OPERAÇÃO		0:00	0:00	0:00	1317	dani		0:00	OK	CR
00A		ESCALADA	GRI	0:29	0:00	0:29		pomp		0:00	OK	ma
01	PO/ JN	BSA PO BSA MEDIDAS			GRI 0:23	1:38	2:01	2168	rsim	pom		0:29
02	PO/ 20	PO BSA LULA	GRI	0:27	1:50	2:17	2067	rsim	pom		2:30	GU GI
03	NOTA	NT LULA OBAMA	GRI	0:30	0:00	0:30	NOTA	pomp	pom		4:47	OK LB
04	PO JN	BSA PO CONSÓRCIO DÚVID	CS	GRI 0:08	2:20	2:28	2124	wats	pom		5:17	
05	VEUR ##	VT - Base Euro	GRI	0:07	0:00	0:07		rsim			7:45	OK NE
06	PO/ JN	RJO PO RJO OPERAÇÃO PO	ET	GRI 0:09	1:17	1:26	2167	rsim	pom		7:52	
07	NOTA JN	RJO NOTA RJO OPERAÇÃO			GRI 0:08	0:00	0:08	NOTA	rsim	pom		9:18
08	PO/ SP2	PO SPO OPERAÇÃO/SA	GRI	0:16	1:25	1:41	2052	rsim	pom		9:26	OK bri
09	NOTA SP	PÉ SATURAÇÃO	GRI	0:15		0:15	NOTA	rsim	pom		11:07	OK bri
10	PO/ SP2	PO FUVEST/APROVADO	GRI	0:06	1:39	1:45	2053	rsim	pom		11:22	OK PL
11	NT SP2	NT PÉ FUVEST/INTER	GRI	0:04		0:04	NOTA	rsim	pom		13:07	OK PL
12	V14 ###	VT - Base Poupança	GRI	0:05	0:00	0:05		rsim			13:11	OK
13	V40 ###	VIN-NOR Tempo/BRAS	GRI	0:04	0:10	0:14		rsim			13:16	GU BAI
14	PO JN	SPO PO* AUTOMOBILÍSTIC	FT	GRI 0:11	1:39	1:50	2126	wats	wat		13:30	
15	PO/ JN	SPO PO SPO CRISE CONTR	JRB	GRI 0:12	2:29	2:41	2129	rsim	wat		15:20	
16	PO/ SP2	PO DESEMPREGO/SP	GRI	0:09	2:16	2:25	2064	wats	pom		18:01	OK DAF
17	NOTA SP	PÉ DESEMPREGO	GRI	0:06		0:06	NOTA	rsim	pom		20:26	OK DAF
18	PO/ 20	PO BSA MANTEGA	GRI	0:10	2:08	2:18	2050	rsim	wat		20:32	OK PL
19	PO/ 20	PO NYC MERCADOS	GRI	0:09	0:50	0:59	2070	rsim	pom		22:50	OK fil
20	NOTA JN	SPO NT MERCADO			GRI 0:17	0:00	0:17	NOTA	wats	wat		23:49
21	V16 ###	VT - Bolsas Intern	GRI	0:05	0:20	0:25		rsim			24:06	OK NE
22	PO/ J	NYC PO* OBAMA MEA CULP	GM	GRI 0:17	1:40	1:57	2120	rsim	wat		24:31	
23	PO/	ROM PO TRADICIONALISTA	IS	GRI 0:09	1:04	1:13	2122	rsim	wat		26:28	
24	V40 ###	VIN-CEN Tempo/BRAS	GRI	0:04	0:10	0:14		rsim			27:41	GU BAI
25	PO/ JN	CBA PO VISTORIA FIFA			GRI 0:09	0:43	0:52	21'2	wats	wat		27:55
26	V40 ###	VIN-SUD Tempo/BRAS	GRI	0:03	0:10	0:13		rsim			28:47	GU BAI
27	NOTA	NOTA ENCERRAMENTO	GRI	0:30	0:30	1:00	NOTA	rsim			29:00	OK dai
28		**** STAND BY ****		0:00	0:00	0:00		rsim			30:00	OK dai

A *escalada* desta edição das 21h não traz nenhuma notícia nova em relação à edição anterior. As *manchetes* mudam de ordem, mas o conteúdo continua o mesmo: liberação de dinheiro para o PAC, opinião do ministro da Fazenda sobre o impacto da crise financeira no Brasil, e medida do presidente dos EUA, Barack Obama, para conter os gastos e o confronto entre polícia e traficantes, no Rio de Janeiro:

Eduardo Grillo: Boa noite. Nove horas pelo horário de Brasília. (Câmera aberta nos dois apresentadores na bancada)

Leila Sterenberg: As obras do PAC ganham um reforço de cento e quarenta e dois bilhões de reais. (Câmera fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: O ministro da Fazenda garante que a economia brasileira não vai entrar em recessão. (Câmera fechada no apresentador)

Leila Sterenberg: Nos Estados Unidos, **{ TEASER OBAMA }** o presidente Barack Obama limita o salário dos executivos que recebem ajuda do governo para enfrentar a crise. (Câmera fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: Podem chegar {{TEASER OPERAÇÃO}} a dez os mortos nos confrontos entre a polícia e traficantes de quatro favelas do Rio.

Leila Sterenberg: Eu sou Leila Sterenberg. (Câmera fechada na apresentadora)

Eduardo Grillo: E eu, Eduardo Grillo, você está na Globo News.¹⁰⁶ (Câmera fechada no apresentador)

Diariamente, nesta *edição*, a “renovação” das notícias na *edição* das 21h do *Em Cima da Hora* se dá, principalmente, através das matérias do Jornal Nacional, que vai ao ar às 20h15 ou 20h30, dependendo do período do ano, como se pode observar no quadro abaixo:

Ilustração 9

	20h	21h
1º bloco	<p>Geral (1 a 5) PO CORÉIA OPERAÇÃO SPO OPERAÇÃO S.A. PO TEMPORAL</p>	<p>Economia (1 a 4): PO BSA MEDIDAS PO BSA LULA NOTA LULA OBAMA PO BSA CONSÓRCIO</p>
2º bloco	<p>Política/Economia (13, 14, 7, 7B, 8): PO DESEMPREGO SP PO PAC VIVIANE PO BSA LULA PO A. EDGARD OBAMA</p>	<p>Geral (6 a 11): PO RJO¹⁰⁷ OPERAÇÃO SPO OPERAÇÃO PO FUVEST APROVADOS</p>
3º bloco	<p>Mercado Financeiro (10 e 11): PO NYC MERCADOS PO SPO BM&F</p>	<p>Economia (14 a 20): PO SPO AUTOMOBILÍSTICA PO SPO CRISE PO DESEMPREGO SP PO BSA MANTEGA PO NYC MERCADOS NOTA SPO MERCADO</p>
	Economia (21):	Internacional (22 e 23):

¹⁰⁶ *Em Cima da Hora* das 21h do dia 4 de fevereiro de 2009.

¹⁰⁷ Abreviação de Rio de Janeiro utilizada pela Globo News.

4º bloco	PO BSA PAGAMENTO	PO NYC OBAMA MEA CULPA PO TRADICIONALISTA
5º bloco	Geral (15B a 19): NOTA RCE CURA RAIVA PO FUVEST APROVADOS SPO ESCOLA GOLPE	Esporte (25): PO CBA¹⁰⁸ VISTORIA FIFA

Das nove “novidades” desta *edição*, sete são matérias do Jornal Nacional. Apenas o “BSA MANTEGA” (*sonora*) e a “NOTA SPO MERCADO (*flash* da Bolsa que foi transformado em *nota*)” foram produzidos exclusivamente para o *Em Cima da Hora*.

Essa análise descritiva é importante porque redimensiona a quantidade de informações novas veiculadas, de hora em hora, por um canal de jornalismo 24 horas *no ar*. Observando os *espelhos* dessas quatro edições do dia 4 de fevereiro de 2009, percebe-se que a atualização das notícias não passa somente pela exibição de informações novas, mas também pela mudança na ordem das matérias num telejornal e no texto das *cabeças* ou *notas*.

Ao mesmo tempo, é visível a diferença de um dia como o da saída do ministro Antonio Palocci – em que não se deu mais nenhuma notícia a não ser essa nas edições de 17, 18h, 19h, 20h e 21h – e um dia “normal”, isto é, em que não há uma notícia suficientemente grandiosa capaz de alterar a paginação dos telejornais. Assim, no dia 4 de fevereiro, como uma única notícia não monopoliza o espaço no telejornal, a variedade de informações fica mais evidente:

Para o diretor do canal, Luiz Cláudio Latgé, esse volume de notícias diferentes está diretamente relacionado ao contexto de país emergente no qual a **Globo News** está inserida:

Em economias mais estáveis, em sociedades mais desenvolvidas, você não tem a quantidade de fatos relevantes, de emergência, de tragédias, de crimes, de corrupção, de denúncias, que a gente tem aqui. Às vezes não dá tempo de você sair de um escândalo e começar outro. Você vê a quantidade de notícia que você gerou. Notícias espetaculares, em pouquíssimo tempo: a gente tem o caso Isabella, a gente tem o banqueiro na prisão, a gente tem extradição, desastres, têm crimes horrórosos, a polícia que matou um menino de três anos, que fuzilou um carro, você tem a alta incrível do petróleo, você tem 113 crianças mortas numa maternidade. É um escândalo atrás do outro. Uma notícia trágica a cada dia, e aí você perdeu o tempo de maturação da notícia¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Abreviação de Curitiba utilizada pela Globo News.

¹⁰⁹ LUIZ CLÁUDIO LATGÉ, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, fita lado B, 2008. Íntegra: ANEXO7.

Em outras palavras, essa avalanche de notícias é um dos motivos para a falta de continuidade ou acompanhamento, por parte da imprensa, de muitos fatos – o que é criticado por muitos setores da sociedade. Com um volume de informação cada vez maior, uma notícia mais “quente” acaba suplantando outra e o recurso da *suíte* é muito menos usado do que poderia, principalmente num canal de jornalismo 24 horas *no ar* como a **Globo News**:

Houve um vazamento de óleo numa estrada, vários carros bateram. No dia seguinte, e aí? A estrada já está liberada. É o que a gente chama de *suíte*, complementar: o que foi feito depois? Isso às vezes é esquecido, é deixado de lado, e às vezes se perde a notícia com isso também. Porque o volume é muito grande de notícia. Essas coisas se perdem um pouco¹¹⁰.

Esse parece ser um problema de difícil solução na televisão e, principalmente, num canal como a **Globo News**. Um dos recursos muito usados para aprofundar determinados assuntos considerados mais relevantes dentro de um universo tão plural contemplado numa única *edição* do *Em Cima da Hora*, são as entrevistas, com especialistas no estúdio e *ao vivo* nos *links* dos repórteres, a produção de *VTs* que contextualizem determinados fatos, de forma a mostrar começo, meio e fim de uma notícia. No entanto, com o passar do tempo, que pode ser um dia ou um pouco mais, muito provavelmente o telejornal não vai tocar mais no assunto ou vai diminuir muito a *cobertura* do fato.

Esta prática comum no telejornalismo, que ocorre em função da grande quantidade de notícias com as quais os jornalistas têm que lidar todos os dias, está relacionada à construção da memória. Diante de um fluxo constante de acontecimentos, a pergunta que se faz é até que ponto o profissional da imprensa escreve para o esquecimento. Mais do que isso, no caso específico do telejornalismo, há que se questionar se a televisão tem condição de ser um espaço de aprofundamento dos assuntos.

Em comparação com a TV aberta, a **Globo News** tenta preencher essa lacuna, mas ainda assim esbarra em limites que estão na origem da própria concepção do canal como agência de notícias. Com o objetivo de informar tudo o que acontece de mais importante no Brasil e no mundo, é impossível conseguir abrir discussões aprofundadas para todos os assuntos. Não se quer, com isso, fazer uma defesa ou uma crítica à dinâmica desse canal de jornalismo 24 horas *no ar*, mas problematizar a cobrança que

¹¹⁰ EDUARDO MAROTTA, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, fita lado B, 2008. Íntegra: ANEXO 6.

diversos setores da sociedade fazem em relação à imprensa no que se refere à *cobertura* “superficial” dos fatos.

Sem negar a monetização do jornalismo na sociedade contemporânea, já que a audiência e os espaços publicitários são partes integrantes da veiculação da notícia, o jornalismo não pode deixar de lado o seu caráter de serviço público. Os veículos de comunicação devem ser um espaço de discussão democrática das questões vivenciadas pelas pessoas e, para isso, têm que dar voz aos diferentes pontos de vistas.

É preciso ter em mente que a atividade jornalística é apenas mais um e não o único canal de expressão de numa sociedade. Apenas mais uma forma de construção da memória. Sem deixar de lado o poder imenso que a imprensa tem de selecionar o que deve ou não ser lembrado diariamente, diante de uma quantidade avassaladora de informações produzidas pelo diferentes atores sociais.

Capítulo 4: A construção da memória

Cada vez mais, há um crescente interesse pela memória no mundo ocidental contemporâneo, que coexiste e se reforça com a valorização do efêmero e do ritmo rápido dos acontecimentos. Imerso na nossa contemporaneidade, decorando ambientes, integrando coleções ou institucionalizados no museu, o objeto antigo tem todos os seus significados, usos e funções anteriores drenados e se recicla, aqui e agora, essencialmente, como objeto-portador de sentido. Assim, por exemplo, todo o eventual valor de uso subsistente converte-se em valor cognitivo o que, por sua vez, pode alimentar outros valores que o passado acentua ou legitima. Longe, pois, de representar a sobrevivência, ainda que fragmentada, de uma ordem tradicional, é do presente que ele tira sua existência. O presente refuncionaliza o objeto do passado. Da mesma forma a memória o faz com o tempo passado.

Nesse contexto, do qual o *Em Cima da Hora* é um dos representantes, a informação exerce um papel fundamental: o de dar sentido à experiência social através de uma narrativa temporalizada, na qual o passado, o presente e o futuro estão intrinsecamente ligados. A operação de produzir notícias em tempo real, proposta pelo *Em Cima da Hora*, coloca a necessidade da atualização constante, evidenciando que o tempo não para de correr.

Nesse mundo marcado pelo imediatismo da veiculação dos acontecimentos, a memória pode ser vista como uma resposta, ou uma reação, às mudanças rápidas e a uma vida cujas raízes já não são tão facilmente identificadas. Neste sentido, a memória é um mecanismo cultural que fortalece a acepção de pertencimento; é um elemento chave nos processos de construção e reconstrução das identidades individuais e coletivas das sociedades. Em outros termos, a memória é um espaço de luta política.

A discussão sobre a relação entre História e memória é um dos grandes debates teóricos que atravessa várias gerações de historiadores, pois envolve os objetivos e fundamentos do trabalho histórico. Atualmente, muitos autores concordam que a memória não⁹ pode ser vista simplesmente como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, de importância secundária para as ciências humanas. Trata-se da

construção de referenciais sobre o passado e o presente de diferentes grupos sociais intimamente associados a mudanças culturais.

Um dos expoentes do estudo da memória é o francês Pierre Nora, que cunhou o termo “lugares de memória” (NORA, Pierre, 1993). Esses lugares podem ser entendidos como pontos de condensação, de sentido material, simbólico e funcional da memória. Na verdade, a visão de Nora é mais cética e limitada, já que, para ele a sociedade forjou lugares de memória porque já não existem meios de memória onde ela é vivenciada. A rigor, ainda conforme Nora, a reprodução paroxística de lugares de memória, a que estamos assistindo deve ser considerada uma patologia da sociedade contemporânea.

Nora enfatiza, no entanto, a fermentação contemporânea da memória, isto é, o esfacelamento das memórias coletivas, a proliferação dos meios de comunicação e a reificação do passado. Um quadro apocalíptico que deve ser matizado e analisado levando em consideração duas direções bem diversas. A primeira é conservadora, vale-se da fetichização, quer para transformar a memória em mercadoria, quer para utilizá-la como instrumento de legitimação potenciada pelo valor *cultural*. A segunda, ao inverso, é uma resposta, precisamente, às alienações provocadas pela expropriação da memória e representa pelo menos, a emergência de uma consciência política.

Tendo em vista que a contemporaneidade se caracteriza pelo duplo processo de diferenciação e concatenação entre passado, presente e futuro, no contexto de produção social do tempo e da ordem social, a memória se coloca na vinculação entre esses três tempos. Dessa forma, memória e esquecimento são construções sociais, isto é, são peças da construção e da reprodução da ordem social (RICOEUR, Paul. 2007)

Seguindo as ideias de Norbert Lechner e Pedro Güell, em *Construcción social de las memorias en la transición chilena*, a memória é uma forma de distinguir e associar o passado em relação ao presente e ao futuro, isto é, analisar os fatos passados através da perspectiva do significado que eles têm no presente e no futuro. Dessa maneira, a memória é sempre um ato do presente, porque os fatos passados não fechados em si, são resignificados de acordo com o contexto social presente e a subjetividade do indivíduo que os analisam. Mais do que isso, a memória faz parte de uma relação intersubjetiva elaborada na comunicação com os “outros”, isto é, com o entorno social, logo, só existe no plural. Nas palavras dos autores citados:

Pasado, presente y futuro, siendo diferentes, sólo adquieren significado en su relación recíproca. (...) no existe una determinación unívoca del ‘antes’ sobre el ‘después’, ni del ‘mañana’ sobre el ‘hoy’. El pasado no define automáticamente las decisiones del presente ni éstas preterminan el desarrollo del futuro. De la misma manera el futuro no ofrece una dirección absoluta a partir de la

cuales definir las decisiones sobre el presente. (...) la relación entre pasado, presente y futuro representa una construcción problemática. (...) Y de esa delicada trama depende finalmente la construcción del orden social y su sentido. Nuestro modo de vivir el orden social tiene que ver con la forma en que situamos al presente en la tensión entre pasado, presente y futuro.¹¹¹

A instrumentalização da memória passa pela seleção do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido¹¹². Nesse sentido, diariamente, os jornalistas em geral e, especificamente, os profissionais do *Em Cima da Hora*, numa micro-escala, atuam de forma a escolher o que merece ser noticiado, repetido e aprofundamento ao longo das edições do telejornal ou o que não merece ser informado.

Dessa forma, a memória também pode ser analisada a partir de escalas temporais diferentes. Os fatos noticiados a cada hora são escolhidos em detrimento de outros considerados menos importantes do ponto de vista nacional. No fim de um dia, é possível perceber as notícias que se desenvolveram, ganharam destaque e, por isso, aprofundamento, e as que simplesmente deixaram de ser informadas ao longo das edições do *Em Cima da Hora*.

Numa escala temporal mais ampla, o *Em Cima da Hora*, como produto principal de um canal de jornalismo 24 horas *no ar*, é um veículo de transmissão da memória. Vários fatos que se tornaram conhecidos e emblemáticos no mundo inteiro foram noticiados, seguindo a metodologia da narrativa jornalística, pelo *Em Cima da Hora*, nos seus dez anos de existência. Da mesma forma, num futuro próximo os historiadores ou qualquer outro profissional que se interesse pelo assunto, vão poder identificar como fatos que ficaram para a memória foram transmitidos. Nas palavras de Elizabeth Jelin:

Las interpretaciones y explicaciones del pasado, como manifestaciones de posturas y luchas políticas por la memoria, no pueden ser transmitidas automáticamente de una generación para otra, de un período a otro. Para hacerlo hay al menos dos requisitos: el primero, crear las bases para un proceso de identificación, para una aplicación inter-generacional del “nosotros”. El segundo, dejar abierta la posibilidad de que quienes ‘reciben’ le den su propio sentido, reinterpreten, resignifiquen – y no que repitan o memoricen. De hecho, em cuando se incorpora en nivel de la subjetividad, no hay manera de obturar reinterpretaciones, resignificaciones, relecturas. Porque la “misma” historia, la “misma” verdad, cobra sentidos diversos en contextos diferentes. Y la sucesión de cohortes o generaciones implica, irremediabilmente, la creación de nuevos contextos.¹¹³

¹¹¹ LECHNER, Norbert y GÜELL, Pedro. “Construcción social de las memorias en la transición chilena.” In: JELIN, Elizabeth y KAUFMAN, Susana. (comps). *Subjetividad y figuras de la memoria*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006. pág. 19/20.

¹¹² RICOEUR, Paul. “La memoria herida y la historia”. In: *La lectura del tiempo pasado: memoria y esquecimiento*. Madrid: Arrecife Producciones, 1999. pág. 39/40.

¹¹³ JELIN, Elizabeth. “Memorias en conflictos”. In: *Puentes*, nº 1, Agosto de 2000, pág.8.

Ao ter em mente a questão da transmissão da memória e da forma como ela é percebida em diferentes contextos históricos, não se pode esquecer que os meios de comunicação aproximam os interesses de gerações diferentes, na medida em que são intermediários entre a memória erudita e o conhecimento popular. E, uma análise crítica revela que muitos meios de comunicação se contentam em transmitir alguns lugares comuns, isto é, em propagar ideias consagradas sobre determinados fatos. Embora muitos ergam a bandeira da imparcialidade, a transmissão das informações é carregada de interesses e ideologias que, se não percebidos pela sociedade, ganham ar de verdade incontestável.

Nesse ponto, faz-se necessário levantar a questão da verdade, já que, segundo René Rémond (RÉMOND, René. 2002), para que a transmissão da memória possa colaborar para a construção da história, tem que vencer dois problemas: a comunicação, visto que a transmissão não só exige uma ação positiva inicial, mas também uma recepção, isto é, a vontade de compreender o passado; e, em segundo lugar, a sua relação com a verdade.

Mais que verdade é essa? O conceito de verdade deve ser posto em questão, visto que é muito utilizado pelos jornalistas acompanhando a bandeira da imparcialidade¹¹⁴. No entanto, é sabido que o jornalismo é, antes de tudo, uma profissão que lida com a escolha e, embora obedeça a critérios como relevância do fato para a sociedade, raio de abrangência, atualidade e grau de extraordinariedade, narra os fatos também incluindo a subjetividade dos seus profissionais. Se isso não bastasse, ainda devem ser levados em consideração os interesses externos que norteiam essas escolhas como, os da instituição para a qual esses jornalistas trabalham. Essa constatação, no entanto, não deve ser encarada sem um olhar crítico, pois, embora seja uma realidade, o ponto de vista dos detentores dos veículos de comunicação funciona como um filtro da construção de uma memória, que, por sua vez, já é construída num espaço de lutas políticas.

O senso comum costuma definir a imprensa de muitas maneiras: quarto poder, manipuladora, produtora (e reprodutora) de um discurso hegemônico, entre outros. De fato, todos esses “adjetivos” podem ser utilizados quando se analisa os veículos de comunicação em geral, mas é preciso prestar atenção aos limites de sua

¹¹⁴ O conceito de verdade abordado neste trabalho é apenas o ponto de vista presente nos debates sobre informação e imparcialidade. Não se pretende, com isso, esgotar o tema tão profundo filosoficamente.

operacionalização e, principalmente, à complexidade do trabalho realizado pelos profissionais desses meios: os jornalistas. E uma análise dos conceitos trabalhados por Gramsci levanta questões que podem ser trabalhadas numa crítica aos meios de comunicação – definidos pelo autor italiano como *aparelhos privados de hegemonia* –, sem repetir as interpretações amplamente divulgadas sobre o tema.

Antes de tudo, faz-se necessário definir um dos conceitos mais conhecidos de Gramsci e que perpassa a análise sobre a imprensa: o conceito de hegemonia. Este polêmico conceito, construído a partir de Marx, possui uma relação dialética com o conceito de dominação, na medida em que a função de liderança econômica, social, intelectual e moral da(s) classe(s) hegemônica(s) forma ou constitui um consenso (a partir dos valores dessas classes) que é, na visão de Gramsci, um modo de dominação mais eficaz que a coerção. A hegemonia de uma classe, ou conjunto de classes, no poder, se manifestaria através do consentimento espontâneo dado pelas grandes massas à direção geral imposta à vida social pelo grupo dominante.

Para Gramsci, os *aparelhos privados de hegemonia* seriam as escolas, os partidos políticos, os sindicatos, a imprensa, entre outras instituições coletivas que elaboram e reproduzem as ideologias formando a consciência social. Em outras palavras, o conjunto desses *aparelhos*, que estabelecem a sua hegemonia não pela coerção, mas pelo consenso, constitui a sociedade civil. “O espaço da *sociedade civil* como o espaço do domínio da ideologia, portador material da hegemonia, é onde se encontra a possibilidade de legitimidade, de consenso, através dos *aparelhos privados de hegemonia* que se formam e divulgam valores e princípios ideológicos.”¹¹⁵

O francês Pierre Bourdieu vai além quando analisa as relações de comunicação como relações de poder efetivo, mas também simbólico. Como explica Marialva Barbosa, “para Bourdieu, o mundo social é percebido de maneira dialética entre estrutura estruturada (sociedade) e estrutura estruturante (sujeito em ação na sociedade).”¹¹⁶

Nesse sentido, para Bourdieu, nas relações de comunicação sempre existe uma função política, na qual a dominação é imposta ou legitimada. Dessa forma, os jornalistas – como detentores da palavra numa sociedade em que a televisão é na

¹¹⁵ BOTEGA, Leonardo da Rocha. Imprensa e História Política: Gramsci como alternativa teórico-metodológica. In: **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 71. Mensal – Ano VI. Abril de 2007, p. 3.

¹¹⁶ BARBOSA, Marialva Carlos. Pierre Bourdieu e os estudos da comunicação. In: **Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória**. Niterói: EdUFF, 2007, p. 28.

principal mediação cultural da contemporaneidade – têm o poder, também político, de transmitir os fatos e de contribuir para a construção mais ampla da memória.

Nesse contexto, é preciso diferenciar recuperação e utilização do passado. Isso porque a recuperação do passado nem sempre deixa claro o uso que se vai fazer dele posteriormente. Nas palavras de Tzvetan Todorov:

Como la memoria es una selección, ha sido preciso escoger entre todas las informaciones recibidas, en nombre de ciertos criterios; y esos criterios, hayan sido o no conscientes, servirán también, con toda probabilidad, para orientar la utilización que haremos del pasado.¹¹⁷

A relação entre o veículo de comunicação, a mensagem e o ritmo acelerado dos jornalistas também deve levar em conta a evolução da tecnologia. No que se refere à televisão e ao telejornalismo, a imagem é essencial. E, tendo em vista que a memória, composta de lembranças e esquecimentos, que dá ao homem a sensação de existência e pertencimento a uma sociedade, é sempre seletiva, ao escolher o que deve ser ou não informado, todos os dias, o *editor-chefe* de um telejornal acaba por selecionar o que deve ou não ser lembrado, como explica o diretor do canal, Latgé:

A Globo News, qual é a missão? É olhar o mundo o dia inteiro. Um canal 24 horas. (...) Eu tenho que estar o tempo inteiro atento e saber aquilo que está acontecendo de importante no mundo, e ajudar o telespectador a entender, a hierarquizar e a organizar essas informações. Tem um volume brutal de informações: o que é importante? O que é relevante? O que tem impacto na vida das pessoas? Como as coisas se relacionam? Por que o lançamento de míssil no Irã é preocupante? O que isso tem a ver com a nossa vida? Por que o preço do petróleo subiu tanto? Por que eu estou pagando conta de aumento de alimento no mundo porque os chineses estão comendo mais? Você tem que juntar essas coisas, contextualizar, ver a importância delas e ajudar realmente o telespectador a (...) organizar a informação, de um jeito que o cara tenha todas as informações ali e saiba pegar o que é mais importante para ele.¹¹⁸

Na medida em que o jornalista escolhe o que deve ser informado para aos telespectadores e a forma como essa notícia deve ser veiculada, ele também operacionaliza a memória dos fatos que são resignificados no momento em que entram nas casas das pessoas.

O que se continua exigindo do jornalista é que ele tenha conhecimento. Que ele domine uma gama de assuntos tais que ele possa ser realmente esse intermediário entre uma pessoa que está fazendo outras coisas mais quer se informar – porque na verdade é isso, você está servindo a um público que está fazendo mil outras coisas e você é o profissional que está ali: “olha, o que está

¹¹⁷ TODOROV, Tzvetan. “Los usos de la memoria”. Trad: Miguel Salazar. Barcelona: Editorial Paidós, 2000. Pág. 17.

¹¹⁸ LUÍS LATGÉ, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2008. Íntegra: ANEXO 7.

acontecendo é isso. Isso tem importância, isso não tem.” Você é um balizador para ele. De qualquer jeito, (...) na hora que você publica primeiro uma notícia do que a outra você já está dando para ele algum juízo de valor, algum parâmetro, alguma hierarquia.¹¹⁹

Mais do que isso, enquanto a memória dos grupos e indivíduos é marcada pela heterogeneidade e diversificação nas seleções, os dados informacionais estão dispostos de modo a permitir que ela se torne una, a partir da seleção dos que controlam as tecnologias de recepção e distribuição de informações. Essa diferenciação é importante porque significa reconhecer a informática não apenas como tecnologia, mas como capaz de acumular, homogeneizar e traduzir a memória social.

4.1. Armazenamento das informações

Na **Globo News**, a mudança para a *edição* não linear, em março de 2005, alterou a percepção sobre o arquivamento das informações. Nessa etapa, as *fitas betas* foram retiradas de circulação, para gravação e veiculação de matérias do *hard news*, e as reportagens passaram a ser editadas no computador e armazenadas em um servidor.

O servidor é uma máquina que permite o acesso simultâneo de diversos usuários a um mesmo fragmento de áudio e vídeo e é composto de: a) canais de entrada, usados para gravar sinais de áudio e vídeo; b) armazenamento de *áudio* e vídeo em discos rígidos; c) estações de pesquisa, que permitem localizar o material desejado; d) estações de *edição*; e) e canais de saída, usados para reproduzir as matérias. Com o servidor e, conseqüentemente, com a *edição* não linear, é permitido fazer operações que, em fita, seriam impossíveis. Por exemplo, ao mesmo tempo em que um sinal é gravado, é possível selecionar partes relevantes e exibi-las imediatamente. Também é possível que várias pessoas assistam ao um mesmo sinal que está sendo gravado, sem a necessidade de cópias ou filas de espera. Outro facilitador é fato de dois editores poderem editar o mesmo material bruto ao mesmo tempo.

Essa ausência do aspecto físico da fita e o volume de informações veiculadas diariamente pelo canal possibilitaram não só uma maior agilidade na *edição* das matérias como mudou a forma de armazenar as informações.

¹¹⁹ ROSA MAGALHÃES, depoimento. / ICHF / UFF, 2008. Íntegra: ANEXO 10.

Os *Em Cima da Hora* nunca foram armazenados pelo *Centro de Documentação da TV Globo* (que ainda arquivava todos os outros telejornais da Rede Globo), por causa da quantidade de jornais por dia. Atualmente, com o sistema digital, os jornais são armazenados durante três dias e depois apagados do *hard disk* de um computador central, o que faz com que o arquivamento para consulta seja extremamente prejudicado. Somente parte de transmissões de grande relevância são gravadas e arquivadas no *CEDOC*, como explica a pesquisadora-chefe do *CEDOC*, Rita Marques:

O que é importante para mim no *Em Cima da Hora*? É importante o *furo* que o *Em Cima da Hora* dá, é importante usar os vivos que o *Em Cima da Hora* dá, e, principalmente, a forma como ele dá. Porque a gente guarda os telejornais para ver a parte editorial: como que aquele jornal trata aquela notícia. Qual foi a *apuração* daquele jornal. (...) O que a *Globo News* começou a fazer? Ela (...) ao final do dia ela vai montar para a gente o que o *Em Cima da Hora* teve de novidade, de *furo*, o que só ele deu.¹²⁰

Como se pode perceber, embora obedeça a critérios técnicos no sentido da relevância, ineditismo e abordagem do fato, essa seleção também tem um caráter subjetivo.

O critério que a gente usa é: a importância da imagem em si – a gente tem um banco de imagens então, por exemplo, se o cinegrafista foi fazer uma matéria sobre chuva no Rio, se ele fez aspectos do Rio, a cidade do Rio de Janeiro, eu vou pegar essas imagens do Rio de Janeiro e vou montar um arquivo de cenas do Rio de Janeiro, que são cenas de apoio que vão servir em qualquer outra matéria. Além de eu ter a reportagem arquivada sobre a chuva no Rio de Janeiro eu posso guardar aspectos da cidade, que podem mostrar para mim como era tal rua um ano atrás, cinco anos atrás; e você tem a importância do assunto. Por exemplo, entrevistas relevantes, a gente arquivava todas. Arquivo bruto. (...) Então, esse volume para mim é o volume mais rico, porque você tem muitas imagens inéditas (...) é uma função história muito importante: além de você ter o fato jornalístico, você ter a notícia em cima da hora, você forma também um acervo histórico.

A seleção, como o próprio desenvolvimento tecnológico, também passou por mudanças, como lembra a pesquisadora:

A gente começou a guardar no *CEDOC* a partir de 77, quando surgiu o arquivo de imagem. (...) Hoje se arquivava tudo. Na época não. Na época era assim: os editores do jornal entregavam ao *CEDOC* o que eles achavam importante. (...) A gente só recebia, não tinha autonomia, não era o nosso trabalho, que a gente avaliava. A partir de 1980, a gente começou a selecionar. E aí a gente entrou no fluxo da empresa, ou seja, não há mídia gravada no jornalismo, que exista na empresa, sem entrar aqui no *CEDOC*. O *CEDOC* está dentro do fluxo. Não há nenhuma mídia que seja apagada do jornalismo que não passe pelo *CEDOC*. Quem apaga aquela reportagem, efetivamente, é o Centro de Documentação. A decisão é dele.¹²¹

¹²⁰ RITA MARQUES, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2009. Íntegra: ANEXO 9.

¹²¹ Idem.

Do ponto de vista técnico, ao receber o disco ótico com as imagens, os pesquisadores do *CEDOC* assiste as imagens e fazem uma reedição do material. Cada imagem é *decupada* e armazenada num outro disco ótico. A indexação é uma mistura de linguagem livre com termos-chaves, assuntos e identidades, como esclarece Rita Marques:

(...) isso faz com que a nossa busca seja exatamente o que você quer, ela responde ao seu pedido. Não é só uma busca livre, que se você colocar Lula vai sair o presidente, vai sair o animal e vai sair o cara que joga futebol. Se você quer o presidente, você vai ter só documentos com o presidente, porque é uma linguagem controlada na identidade¹²².

Pelo volume de imagens que chegam à emissora, todos os dias, já há uma preocupação com o futuro desse tipo de armazenamento no *CEDOC*. Aos poucos, as imagens estão sendo digitalizadas, mas a própria técnica de armazenamento do material já está sendo questionada pelos pesquisadores, cujo objetivo agora é agilizar o processo sem perder conteúdo.

Tendo em vista a forma como o conteúdo do *Em Cima da Hora* é arquivado pelo *CEDOC*, a análise da construção da memória em um canal de jornalismo 24 horas *no ar* ganha elementos mais concretos. Isto é, muitos fatos noticiados diariamente entram para um acervo de imagens e muitos outros sequer são armazenados. O que reforça a ideia de que o jornalista não escreve a história, apenas relata fatos vivenciados por diversos setores da sociedade, do ponto de vista jornalístico.

Como memória está diretamente ligada à seleção, no caso do telejornal analisado o que fica guardado para a pesquisa já passou por escolhas do que vai ser noticiado, dentro da redação, e, posteriormente, o que vai ser armazenado pelo *CEDOC*. Esses recortes do conteúdo que é guardado aumentam ainda mais a distância entre o fato em si e o que é utilizado pelo jornalismo.

Tendo em vista todos esses procedimentos técnicos de organização e arquivamento da experiência vivida, pode-se dizer que a mídia, atualmente, desempenha um papel fundamental em nossa sociedade. Ao valorizar o imediato e a informação, constrói a memória contemporânea e fornece sentido à História.

¹²² RITA MARQUES, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2009. Íntegra: ANEXO 9.

Conclusão

Diante do volume de informações cada vez maior e da maneira como os diversos veículos de comunicação se relacionam com ele, fica a pergunta: o que será do jornalismo daqui para frente? Não cabe ao historiador prever o futuro, mas a análise de uma tendência que já se configura como realidade atualmente pode enriquecer uma reflexão sobre o que pode ser daqui para frente.

No primeiro momento da internet, todas as possibilidades. Teoricamente, cada pessoa pode colocar *no ar* um canal de televisão. Antigamente não. Nós temos sete canais no Brasil e mais 50 de cabo. Eu posso ter um canal para cada pessoa, tecnicamente isso é possível, cada um com o seu próprio canal de televisão. Isso é uma super oferta de informação. (...) A informação segmenta, tem uma especialização muito grande e um acesso restrito. Os blogs, todo mundo dá informação. E aí começa uma segunda fase. É uma depuração disso. As pessoas começam a perceber que nem toda informação tem o mesmo valor. Que você não pode acreditar, indiscriminadamente, em tudo o que está *no ar*. Já começa a aparecer uma tendência de concentração nos sites dos grandes meios de comunicação. Nos Estados Unidos, quais são os campeões de acesso hoje? The New York Times, CNN. Os veículos de comunicação tradicionais assumem, claramente, o papel de líderes porque eles têm credibilidade e eles sabem exercitar os valores sociais do bom jornalismo.¹²³

Este ponto de vista deixa claro que nem sempre o futuro é irreversível. Em outras palavras, o desenvolvimento cada vez mais rápido da tecnologia não necessariamente vai acabar com a televisão, com o livro ou colocar a internet como o principal veículo de comunicação mundial. Depois de um “boom” de sites, atualmente o movimento é de concentração de acesso nos sites das grandes empresas de comunicação.

Organizar, hierarquizar, aprofundar, contextualizar, esse é o papel do jornalista. O acesso à informação vai ser universal, pela internet, pelos sites. De qualquer forma você vai ter acesso, agora, qual é a informação boa? Qual é a informação que está bem organizada? Por que você paga o New York Times e não um jornal sensacionalista? Porque você confia que o New York Times está mais capacitado para ver mais longe. Essa é uma tendência.¹²⁴

Embora seja um desafio bastante árduo, os jornalistas da **Globo News** têm a seu favor a credibilidade. Isto é, por mais alcance e investimento que tenham os sites de notícias (muitos deles ligados a jornais impressos ou a canais de televisão, como é o caso do G1, por exemplo, que é o portal de jornalismo da TV Globo), as notícias nos

¹²³ LUÍS LATGÉ, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2008. Íntegra: ANEXO 7.

¹²⁴ Idem.

telejornais são vistas com mais confiança do que na internet, onde um erro não tem o impacto que uma notícia transmitida pela televisão.

Outra grande diferença entre o telejornalismo e a internet é a imagem. Embora, cada vez mais os sites de notícias usem o recurso dos vídeos, o texto ainda é a principal ferramenta do jornalismo *online*, como lembra uma das apresentadoras do *Em Cima da Hora*, Raquel Novaes:

Eu acho que as pessoas querem ver as imagens, não só saber da notícia. Eu acho que essa é a diferença. A internet pode mostrar a imagem, mas precisa de algum repórter ou alguma câmera lá. Então, a internet leva mais rápido o assunto, mas eu acho que a televisão leva mais rápido a imagem, que eu acho que é isso que comove as pessoas. Elas verem o que aconteceu, o que está acontecendo. É diferente quando você lê. É muito mais frio você ler “um menino foi arrastado por sete quilômetros”, do que você ver uma imagem; a polícia perseguindo um bandido, eu acho que é mais forte a imagem e é o que as pessoas se sentem mais tocadas.¹²⁵

Em relação à TV, embora já seja possível assistir à televisão portátil, pelo celular, não necessariamente as pessoas vão aderir a essa prática. O sistema *HDTV* já garante à TV uma imagem de cinema, o que pode fazer com que as pessoas optem por se reunir em frente a um aparelho de tela plana para apreciar os benefícios da tecnologia.

A evolução tecnológica no jornalismo se torna ainda mais relevante, na medida em que muda a relação das pessoas, tanto dos próprios jornalistas quanto do público em geral, com o tempo da notícia. No caso da televisão, cada vez mais, a informação chega mais rápido ao telespectador, isto é, o tempo entre o acontecido e o exibido é encurtado dando a impressão de que é possível saber uma notícia quase em tempo real.

A tecnologia (...) é um desafio para nós, pessoas, mas é um desafio para o jornalismo como sistema de informação. Ele começa a ser mais ágil, mais prático (...) a notícia passa a ter outras características. Você ontem ficou *ao vivo* com um avião dez minutos depois que ele caiu no Rio Hudson (NY)¹²⁶. Isso antigamente era impensável. Até você ter o conhecimento do acontecimento, você passava por um tempo que você ficava completamente ignorante em relação àquilo. Então eu acho que a tecnologia mexe mais no sentido de cultura de trabalho do que na essência da profissão.¹²⁷

Entende-se por essência da profissão o papel de mediador do jornalista entre a notícia e a sociedade. Uma função baseada na técnica jornalística, que é exercida sempre

¹²⁵ RAQUEL NOVAES, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, fita lado A, 2008. Íntegra: ANEXO 8.

¹²⁶ No dia 15 de janeiro de 2009, Airbus dos US AIRWAYS, com 155 pessoas, fez um pouso de emergência no Rio Hudson, em Nova York, depois de sofrer uma pane. Todos os passageiros e tripulantes sobreviveram.

¹²⁷ VERA ÍRIS PATERNOSTRO, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2009. Íntegra: ANEXO 12.

com um nível de subjetividade, na credibilidade e na responsabilidade de prestar um serviço ao público.

A nossa função, como intermediário dessa informação, ela vai continuar. Agora, entendo também que hoje produzir notícia, estar perto da notícia é uma coisa que qualquer cidadão está. O celular permite que ele filme, que ele poste um acidente, que ele poste um flagrante legal, agora, aquele profissional qualificado que aponta tendências, que analisa, que te dá prioridades e te informa, esse cara vai ter que estar cada mais, mais, mais graduado.¹²⁸

A expectativa de que a evolução da tecnologia não signifique o fim da profissão do jornalista também é compartilhada pela Gerente de Desenvolvimento de Jornalistas, da TV Globo, Vera Íris Paternostro:

O jornalista, quando publica uma notícia, diferentemente de uma pessoa, vai ter algumas técnicas de *apuração*, de levantamento, de checagem de dados, de produção, de texto, de vários elementos que fazem com que aquela notícia que ele está passando, da forma como ele está passando, seja mais crível do que aquela outra de uma pessoa comum.¹²⁹

Poucos são os que arriscam traçar uma certeza sobre o futuro do jornalismo. Mas, independentemente das mudanças que aconteçam nos próximos anos ou décadas, a integração das novas mídias já é uma preocupação da TV Globo. Mais que isso, o objetivo é fazer com que o conteúdo jornalístico da televisão, da internet e do rádio chegue onde o público, entendimento como consumidor, estiver, como explica a Gerente de Desenvolvimento de Novas Mídias, Rosa Magalhães:

(...) a Globo hoje ela não é uma televisão só, ela é uma produtora de conteúdo. (...) O conteúdo Globo quer estar em que aparelho for, mas junto das pessoas – quem consome a marca Globo e tem confiança na marca Globo. (...) TV interativa, como é que a gente vai fazer mídia fora de casa, que são todos esses aparelhos onde você pode colocar notícia – em barca, metrô, supermercado, Shopping Center – a gente vai ver como é que entra nisso e o especificamente E toda interface que ele tem com a internet.¹³⁰

Com a integração cada vez maior entre a TV, o celular e a internet, o acesso à informação também tende a perder a limitação espacial. Necessariamente você não precisa estar em frente a uma televisão ou a um computador para ser informado do que acontece no Brasil e no mundo. Esse estreitamento da relação entre o público e a notícia

¹²⁸ ROSA MAGALHÃES, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2009. Íntegra: ANEXO 10.

¹²⁹ VERA ÍRIS PATERNOSTRO, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2009. Íntegra: ANEXO 12.

¹³⁰ ROSA MAGALHÃES, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2009. Íntegra: ANEXO 10.

interfere diretamente na cultura da atividade jornalística e na forma como esse profissional lida com as informações que são divulgadas para a sociedade.

O importante é que você saiba que você tem que estar em todas as plataformas e a gente vai ter que fazer outra coisa que é muito legal: que é pensar o seu produto em todas as plataformas. Você não está trabalhando só para o Jornal das Dez fechado naquele canal 40. Você daqui a pouco vai ter que pensar como é que ele vai estar na internet, como é que você quer falar com o seu telespectador no celular, como é que você vai estar em outros lugares, como é que você vai se relacionar, como é que você vai usar as outras mídias para estabelecer um relacionamento...

131

Todas essas possibilidades devem levar em conta, no entanto, a realidade brasileira de acesso à informação: de um universo de 184 milhões de habitantes, o acesso à internet, por exemplo, não atinge nem a metade da população. Mais precisamente, equivale a 22,5% dos brasileiros. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Ibope/NetRatings¹³², no primeiro trimestre de 2008, o Brasil ultrapassou pela primeira vez na história a marca de 40 milhões de pessoas com acesso à internet em qualquer ambiente, como casa, trabalho, escola, cybercafés e bibliotecas. No que se refere à televisão a cabo esse número é ainda muito menor. O Brasil tem apenas 5.334.083 domicílios assinantes.

Como mediadores, seja qual for a realidade que se apresente, historiadores e jornalistas têm que estar atentos às novas tendências, sem perder de vista o contexto histórico dos processos e usar os meios de comunicação como ferramentas não só para traduzir os fatos para sociedade: em permanente diálogo, sem deixar de lado as suas especificidades, o jornalismo e a História podem contribuir muito para uma reflexão crítica e transformadora da sociedade.

Tendo em vista que, na contemporaneidade, a mídia reflete e influencia a percepção que a sociedade tem do tempo - passado, presente e futuro tendem a ganhar novas dimensões diante da evolução da tecnologia. O velho e o novo não são mais medidos apenas por gerações, mas por dias, às vezes horas, quem sabe até por minutos.

¹³¹ ROSA MAGALHÃES, depoimento. LABHOI / ICHF / UFF, 2009. Íntegra: ANEXO 10.

¹³² ONLINE, Folha. **Internet no Brasil chega a mais de 40 milhões de pessoas.** 27/06/2008. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u416776.shtml>>

Afiladas: emissoras de TV que retransmitem a programação da emissora principal de uma rede de emissoras. Elas têm normas estabelecidas e seguem a programação original, mas podem, normalmente, produzir programação própria.

Ao vivo: transmissão de um acontecimento no exato momento em que ele ocorre. Pode ser externa ou do próprio estúdio da emissora.

Apresentador: jornalista que faz a locução, a apresentação dos telejornais.

Apuração: levantamento através de sistema de escuta de rádio e telefonia de uma editoria de notícias e checagem da notícia.

Assunto de rede: assunto de interesse nacional.

Audiência: universo e perfil do público que assiste a um determinado programa (ou programação) em horário específico. Medição realizada por institutos de pesquisa, com metodologias específicas para analisar várias tendências.

Áudio: termo técnico que indica o som da reportagem.

Áudio tape: fita de áudio, mas indica a gravação de um texto de um repórter/correspondente somente em forma de áudio, via telefone.

Barriga: Notícia errada que é veiculada por falha na *apuração*.

Beta: formato magnético de vídeo tape, que inclui desde a câmera até o próprio VT de edição.

¹³³ PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Bruta: material não editado

CEDOC: centro de documentação, composto pelo arquivo de imagens e pesquisa de texto.

Dados: informações de uma reportagem.

Cabeça da matéria: o lead. Na maioria das vezes é lida pelo apresentador e dá o gancho da matéria.

Cair um VT: Quando um VT, que estava espelhado para entrar no jornal, sai do espelho e fica no stand by. Isso pode acontecer por vários motivos: porque o jornal está com o tempo de produção estourado, porque a matéria não ficou pronta ou porque apresentou algum problema técnico ou editorial.

Chefe de reportagem: jornalista encarregado de coordenar o trabalho dos repórteres.

Cobertura: os vários enfoques de um acontecimento importante. Exemplo: a reportagem sobre um fato, suas consequências e análises.

Coordenador de telejornal: profissional que acompanha a edição e a exibição de um telejornal. Estabelece o *deadline* para as reportagens, verifica horários de gerações via satélite, faz a contagem do tempo de produção do programa e a ligação da área técnica com o jornalismo.

Crédito: identificação (o nome) de repórteres, entrevistados, cidades, estados ou país. É usado também para a relação de nomes dos profissionais que trabalham no telejornal e que aparece no final do programa.

Deadline: prazo final para o repórter retornar à emissora com uma reportagem a tempo de entrar *no ar*. É usado também no prazo de fechamento do telejornal: prazo final de entrega das matérias prontas para o jornal ir ao ar. O *deadline* permite ao editor-chefe ter segurança do que ele tem nas mãos minutos antes do jornal ir ao ar.

Decupar: é o mesmo que transcrever. Assistir ao material gravado pelo cinegrafista e marcar a minutagem, isto é, em quais minutos estão as melhores cenas, as entrevistas, as passagens do repórter, etc. Serve para o editor localizar com mais facilidade e rapidez as imagens e sons que ele deseja na hora de editar uma matéria.

Delay: Pequena diferença de tempo entre o fato e a transmissão dele pela televisão.

Diretor de TV (ou diretor de imagem): profissional que comanda a operação técnica das câmeras no momento em que o telejornal está *no ar*.

Diretora de redação: profissional responsável por coordenar todos os jornalistas dentro de uma redação.

Duplicar: Copiar a paginação do jornal para servir de base para o jornal seguinte. Ou apenas uma *retranca* caso o editor faça alguma alteração.

Edição: montagem de áudio e vídeo de uma reportagem. Produto final, o que vai ao ar.

Editor-chefe: jornalista responsável pelo telejornal.

Editor-executivo: jornalista que é o braço direito do editor-chefe. Desempenha as mesmas funções ajudando o editor-chefe na condução do jornal.

Editor de imagens: técnico que monta as imagens da reportagem seguindo o roteiro prévio estabelecido com o editor de texto.

Editor de texto: jornalista que elabora a edição final de uma matéria, responsável pelo texto e imagem.

ENG: sigla que significa em inglês *Electronic News Gathering*, ou a captação eletrônica de notícias. Identifica o equipamento (*UPJ*) e o sistema utilizado nas reportagens em televisão.

Entrevista coletiva: repórteres de jornais, rádios e TVs participam da mesma entrevista com uma personalidade ou autoridade.

Escalada: frases de impacto sobre assuntos o telejornal que abrem o programa. O mesmo que manchetes. Com frases curtas, uma escalada bem elaborada deve prender a atenção do telespectador, do começo ao fim do telejornal.

Espelho: é a relação e a ordem de entrada das matérias no telejornal, sua divisão por blocos, a previsão dos comerciais, chamadas e encerramento. Como a própria palavra indica, reflete o jornal. É feito pelo editor-chefe, e todas as pessoas envolvidas na operação do telejornal recebem uma cópia do espelho. As matérias colocadas no espelho são identificadas por retrancas.

Flash: o repórter grava um resumo das informações de uma notícia. É o mesmo que boletim.

Furo: notícia transmitida em primeira mão.

Gerador de caracteres: espécie de máquina de escrever eletrônica. É usado para inserir título, créditos, legendas sobre a imagem.

Grade: conjunto de programas e intervalos comerciais distribuídos de forma específica que define a programação de uma emissora.

Hard news: se refere a uma notícia quente, séria, importante.

Híbrida: entrada, ao vivo, do repórter, comentarista ou entrevistado, por telefone.

Ilha de edição: sala onde estão os equipamentos para edição de uma reportagem.

Lead: abertura da matéria. É o mais importante da matéria que dá o gancho para o apresentador chamar a reportagem.

Link: é a ligação entre dois ou mais pontos para transmissão de sinais de imagem e som. Essa linha de transmissão é composta de antenas parabólicas, ou pelo sistema digital.

Manchete: uma frase de impacto que contém uma informação forte. É usada na escalada.

Matéria: o que é publicado ou se destina a ser publicado em qualquer veículo de comunicação. É usado como sinônimo de reportagem.

Matéria bruta: reportagem gravada na rua e ainda não editada.

No ar: quando o telejornal está sendo exibido.

Nota (pelada ou ao vivo): notícia lida pelo apresentador do telejornal sem qualquer imagem de ilustração.

Nota coberta: matéria escrita pelo editor, sem repórter, coberta com imagens.

Notícia: acontecimento, fato de interesse de uma sociedade. Em televisão, a imagem pode determinar ou priorizar o que é notícia.

OFF: texto de uma matéria.

Operador de áudio: profissional técnico que trabalha com o equipamento de áudio do telejornal.

Paginação: ordem das matérias espelhadas para serem exibidas no telejornal.

Passagem: gravação feita pelo repórter no local do acontecimento para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento. O repórter pode fazer uma passagem ao lado do entrevistado, já encaminhando para a entrevista.

Pauta: previsão de assunto de interesse jornalístico. É o roteiro dos temas que vão ser cobertos pela reportagem.

Pejoteiro: Técnico que acompanha a equipe de reportagem para auxiliar o operador de áudio e o cinegrafista.

Perfil: matéria biográfica de uma personalidade. Pode-se usar pesquisa de texto, de imagens de arquivo, entrevistas antigas e fotos. É usado para uma personalidade que morreu ou quando deixa algum cargo profissional.

Plantão: abertura de um espaço na programação normal da emissora para anunciar um fato que acaba de acontecer.

Ponto eletrônico: receptor de áudio colocado dentro do ouvido do apresentador que serve para comunicação direta com o editor-chefe ou diretor de programa.

Produção: organização e coordenação do trabalho prévio para reportagem: pesquisa, imagem de arquivo, horários marcados, levantamento de material, etc. No caso, especificamente, da Globo News, existem duas produções separadas fisicamente: a *produção nacional*, que é responsável por todos os estados do Brasil, menos o Rio de Janeiro, e a *produção Rio*, que é responsável pelos fatos que ocorrem no Rio de Janeiro.

Produtor: profissional responsável pelas tarefas de produção. Produtor jornalístico.

Redação: local onde trabalham os jornalistas de um determinado veículo de comunicação.

Repórter: jornalista que apura e redige informações. Em telejornalismo, ele faz parte da equipe de reportagem ao lado do repórter cinematográfico e dos técnicos que operam a *UPJ* – Unidade portátil de Jornalismo.

Repórter cinematográfico: o cinegrafista (câmera man) que no trabalho com a equipe de reportagem busca as informações através da imagem.

Retranca: identificação da matéria. É pela retranca que a matéria é identificada em todos os momentos do telejornal, desde a saída para a reportagem, a edição, no espelho e quando ela vai ao ar. É imprescindível retranca clara, precisa, e deve ser a mesma usada por todos os que trabalham naquela matéria. Possui características especiais e espaços para as marcações técnicas que devem ser obedecidas na operação do telejornal. Em emissoras informatizadas, o mesmo formato de script foi criado nos terminais para serem escritos textos e matérias.

Santinho: recurso visual, criado pelo departamento de Arte, que consiste em uma imagem congelada do repórter ao telefone, localizada sobre o mapa da cidade onde ele está no momento, e serve para ilustrar um áudio tape.

Sonora: termo que se usa para designar uma fala da entrevista. Exemplo: cortar uma sonora (escolher uma determinada fala)

Suíte: sequência que se dá a um assunto quando a notícia continua a despertar interesse nos telespectadores. A suíte deve sempre conter elementos que a atualizem.

Switcher: sala de controle onde ficam o editor-chefe, o diretor de TV, o sonoplasta, o responsável pelos caracteres e o coordenador de telejornais.

Tarja: recurso visual usado para destacar o assunto principal da matéria. Na Globo News, a tarja é escrita pelos editores e ilustra toda a matéria de forma que o telespectador saiba sobre o que está sendo falado, mesmo que a televisão esteja sem som.

Teaser: pequena chamada sobre uma notícia que é colocada na escalada de um telejornal. Pode ser gravada ou ao vivo feita por um repórter, ser um trecho de uma sonora ou até mesmo ser imagem, quando esta se justifica por ser exclusiva ou “quente”. O objetivo do *teaser* é chamar a atenção do telespectador.

Telejornal local: Telejornal que vai ao ar para uma cidade. Ex: Bom Dia Rio, RJTV.

Telejornal de rede: Telejornal que tem alcance nacional. Vai ao ar para o Brasil inteiro. Ex: Jornal Nacional.

Teleprompter ou TP: aparelho que permite a reprodução do script sobre a câmera, facilitando a leitura do apresentador. Ele não precisa decorar o texto ou baixar os olhos para ler no papel, e, portanto, olha diretamente para o telespectador.

Tráfego de fitas: Local onde as fitas (ou discos óticos) ficam armazenadas quando chegam da rua com a reportagem. No tráfego, elas são identificadas e depois de serem usadas pelo editor para editar a matéria, são liberadas para outras gravações. Para o CEDOC só vão às matérias já editadas, não o material bruto que chega da rua.

Transmissão: transmissão de um fato ou evento no momento exato em que ele acontece.

TV a cabo: sistema de distribuição de sinais de áudio e vídeo que liga uma central de emissão (emissora) a diversos terminais através de cabos, normalmente utilizando linhas terrestres.

Unidade Portátil de Jornalismo ou UPJ: é o equipamento do vídeo - tape completo – câmera, gravadora, iluminação e antena parabólica – usado para reportagens externas no dia-a-dia do telejornalismo. Normalmente usada para transmissões por link e entradas *ao vivo* dos repórteres nos telejornais.

Vídeo tape ou VT: equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera. Acoplados, um ou mais vídeo tapes são usados na edição de matérias na ilha de edição.

Vinheta: marca a abertura, o intervalo ou o plantão de um telejornal. Normalmente é composta de imagem e música característica, trabalhadas com efeitos especiais. Em eventos especiais, é criada a *vinheta* específica para o assunto. Ex: visita do Papa ao Brasil, Carnaval, etc.

Lista de entrevistas

- Alice-Maria. Rio, 8/05/06.

- Angela Lindenberg. Rio, 9/07/08. LABHOI

- Daniel Rochester. Rio, 7/07/08. LABHOI.

- Eduardo Marotta. Rio, 9/07/08. LABHOI.

- Luiz Cláudio Latgé. Rio, 11/07/08. LABHOI.

- Raquel Novaes. Rio, 7/07/08. LABHOI.

- Rita Marques. Rio, 15/01/09. LABHOI.

- Rosa Magalhães. Rio, 13/01/09. LABHOI.

- Vera Íris Paternostro. Rio, 2/05/06. LABHOI.

- Vera Íris Paternostro. Rio, 16/01/09. LABHOI.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. Fontes Orais. In: PRISK, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História**. Bauru: Edusc, 2007
- BARBOSA, Marialva Carlos. **Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória**. Niterói: EdUFF, 2007.
- _____. Televisão, narrativa e restos do passado. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. <<https://www.compos.com.br/e-compos/>>. Acesso em: abril, 2007
- BARRET-DUCROQ, Françoise (dir.). Vários autores. Por qué recordar?. **Foro Internacional Memoria e História**. UNESCO/SORBONNE. Buenos Aires: Granica, 2002. Capítulo I: La memoria contra el olvido.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício do historiador**. Tradução por André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001
- BOTEGA, Leonardo da Rocha. Imprensa e História Política: Gramsci como alternativa teórico-metodológica. In: **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 71. Mensal – Ano VI. Abril de 2007.
- BRAUDEL, Fernand, 1958. O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo à época de Felipe II. In: **Escritos sobre História**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BURGUIÈRE, André (org.). Método histórico. In: **Dicionário das Ciências Históricas**. Tradução por Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução por Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica: Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Um historiador fala de teoria e metodologia – Ensaios**. São Paulo: EDUSC, 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Pérez. A evolução recente da ciência histórica: etapas, correntes e campos de estudo. In: **Os métodos da História**. Tradução por João Maia. 6ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002

- CHAVEAU, A. & TÉTARD, P. (org.) **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FERRÉ, Marcela. Desafíos de los programas informativos en la neotelevisión. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: abril, 2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. O jornalismo e reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. In: **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, UERJ. São Paulo: Intercom, 2005.
- FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAVEAU, A. & TÉTARD, P. (org.) **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. <<https://www.compos.com.br/e-compos>>. Acesso em: abril, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Vol. 2. **Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. Cadernos do Cárcere. Vol. 3. **Maquiavel Notas sobre o estado e a Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. Tradução por Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Ibope Media WorkStation, 6 mercados, perfil adh Globo News – indivíduos com pay total do dia – média do ano de 2007.
- Ipsos Marplan. SISEM Suíte. Nove Mercados. Filtro: Ambos os sexos - 13 e + anos. Quem declara ter assistido a Globo News nos últimos 30 dias. Período: Outubro/06 a Setembro/07.
- JELIN, Elizabeth. Memórias en conflictos. In: **Puentes**, nº 1, Agosto de 2000.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro do Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução por Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006
- LACOUTURE, Jean, 1976. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- LECHNER, Norbert y GÜELL, Pedro. Construcción social de las memorias en la transición chilena. In: JELIN, Elizabeth y KAUFMAN, Susana. (comps). **Subjetividad y figuras de la memoria**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **Reflexões sobre a História**. Lisboa: Ed. 70, 1990.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PRISK, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MACHADO, Arlindo e VÉLEZ, Marta Lúcia. Questões metodológicas relacionadas com a análise de televisão. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. <<https://www.compos.com.br/e-compos>>. Acesso em: abril, 2007.
- MARX, Karl. Tercer Manuscrito. In: **Manuscritos**. Tradução por Francisco Rubio Llorente. Barcelona: Ediciones Altaya, 1993.
- MARX, Karl e Engels. O materialismo histórico e as superestruturas ideológicas. In: **Sobre literatura e arte**. Lisboa: Editorial Estampa 1974.
- McLUHAN, Marshal. O meio é a mensagem. In: **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução por Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: *Revista Projeto Histórica*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1993.
- _____. O retorno do fato. In: Le GOFF, J. e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- ONLINE, Folha. **Internet no Brasil chega a mais de 40 milhões de pessoas**. 27/06/2008.
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u416776.shtml>>
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- _____. (coord.). **Globo News: 10 anos, 24 horas no ar**. São Paulo: Globo, 2006.
- PROUST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- PTS (Pay Tv Survey) Dez 2007 – Jan 2008.
- RÉNE, Rémond (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- RICOEUR, Paul. La memoria herida y la historia. In: **La lectura del tiempo pasado: memória y esquecimento**. Madrid: Arrecife Producciones, 1999.

-
- _____ . **A memória, a história, o esquecimento.** Parte 3. Trad.: Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.
- SEMERARO, Giovanni. Da sociedade de massa à sociedade civil: a concepção da subjetividade em Gramsci. Texto apresentado no **Congresso Internacional. “Antonio Gramsci: da un secolo all’altro”**, organizado pela Internacional Gramsci Society, no Instituto Italiano per gli Studi Filosofici. Nápoles: 1997
- SOIHET, Rachel. Introdução. ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (org). In: **Ensino de História. Conceitos, temáticas e metodologias.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Faperj, 2003
- TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria.** Tradução por Miguel Salazar. Barcelona: Editorial Paidós, 2000.
- VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro. **Domínios da História.** Rio de Janeiro; Campus, 1997.
- WILLIAMS, Raymond. Television. In: **Technology and Cultural Form**, 2^a ed. Londres: Routledge, 1997.

*Anexo I**Íntegra da carta de demissão de Antonio Palocci*

"Senhor Presidente e amigo,

Peço a Vossa Excelência meu afastamento, nesta data, do cargo de Ministro de Estado da Fazenda.

Desde 1º de janeiro de 2003, trabalhei incansavelmente para corresponder à confiança com que Vossa Excelência me honrou ao escolher-me para servir ao seu lado como executor da política econômica de seu governo. Dei o melhor de mim, sem medir esforços.

Estou convencido, porém, de que minha permanência no Ministério da Fazenda, neste momento de exacerbado conflito político, e quando sou alvo de todo tipo de maldades e acusações, não mais contribui para o avanço da obra do governo de Vossa Excelência, nem serve ao melhor interesse do Brasil.

Desde agosto do ano passado, iniciou-se um movimento sistemático para lançar dúvidas e suspeitas sobre o meu trabalho e a minha pessoa. Durante todo o final de 2005, procurei, por meio da imprensa e de três visitas sucessivas ao Congresso Nacional, esclarecer toda sorte de questões lançadas a meu respeito. No início deste ano, compareci perante comissão parlamentar de inquérito do Senado Federal, antes mesmo de ser convocado, para prestar esclarecimento amplo e direto sobre todas essas questões.

Julguei haver refutado, naquele momento, em termos objetivos, a inconsistência das acusações e ter restabelecido as condições de trabalho deste Ministério. Entretanto, Senhor Presidente, a luta política se exacerbou nas últimas semanas e questões já superadas foram trazidas novamente à pauta. Tenho lidado com esta situação procurando sempre preservar a economia dos efeitos da luta política, assim como todo o trabalho do nosso Ministério. Entretanto, tornou-se cada vez mais difícil manter esta conduta, pois, em momentos de tal turbulência, os argumentos, as explicações e as ponderações perdem valor diante de acusações descabidas e conclusões apressadas.

Mais recentemente, episódio na Caixa Econômica Federal trouxe novamente a este Ministério pressões que tornaram impossível a continuidade regular do meu trabalho. Quero esclarecer, Senhor Presidente, que não tive nenhuma participação, nem de mando, nem operacional, no que se refere à quebra do sigilo bancário de quem quer que seja. Reafirmo ainda que não divulguei nem autorizei nenhuma divulgação sobre informações sigilosas da Caixa Econômica Federal. Sou consciente das leis e da responsabilidade do meu cargo. Sou consciente das regras da democracia e do Estado de Direito.

Foi com esta postura que realizamos um trabalho forte de estabilização da economia brasileira. Durante estes três anos e três meses, não houve lugar para malfeitos de

qualquer ordem. Digo isto em meu nome e, tenho certeza, no nome de todos os secretários que comigo conduziram este trabalho.

Tenho orgulho de haver colaborado para a implementação da exitosa política econômica de Vossa Excelência, que tanto contribuiu para a estabilidade de nossa economia, com claros benefícios para as parcelas mais pobres de nosso povo.

O controle definitivo da inflação, os números recordes de geração de emprego, a evolução do crédito, a boa administração da dívida pública e, particularmente, o espetacular desempenho das contas externas do País são conquistas do Brasil para as quais muitos governos colaboraram e seu governo consolidou. Estou extremamente feliz por haver contribuído para alcançar esses resultados. O Brasil está mais forte, mais preparado e maduro, para, sob a liderança de Vossa Excelência, seguir adiante trilhando esta política, no caminho do desenvolvimento econômico e social.

Tomo a decisão de pedir o meu afastamento com tranquilidade. A consistência do trabalho feito e a solidez da economia brasileira me dão a certeza de que a estabilidade do país e de suas instituições não depende da pessoa do Ministro da Fazenda e sim das políticas definidas por Vossa Excelência. Sempre servi ao governo de Vossa Excelência sem personalismos nem ambições pessoais. Minha dedicação e minha energia sempre estiveram voltadas para o progresso do Brasil e de seu povo. Esta é a mesma convicção da honrada equipe do Ministério da Fazenda e, tenho certeza, do próximo ministro que Vossa Excelência escolherá.

Respeitosamente, e com toda a gratidão.

Antonio Palocci Filho”

Anexo 2***Nota oficial da Federação das Indústrias de São Paulo (27/03/06)***

Com respeito ao pedido de demissão feito ao presidente da República, na tarde de hoje (27/03), pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci Filho, e a nomeação de Guido Mantega para a pasta, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP, atendendo às solicitações da Imprensa, informa:

1. O cargo pertence ao presidente da República que, a seu critério, aceitou o pedido de demissão feito pelo ministro Antonio Palocci Filho.
2. Da mesma forma, o presidente da República, no exercício do poder, nomeou o novo ministro da Fazenda, Guido Mantega.
3. Para a entidade, seja quem for o ministro, será mantido o diálogo hoje existente e prevalecerão, sempre, os interesses do Brasil. O ministro Mantega, desde a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), tem excelente relacionamento com a FIESP.
4. Não cabe à entidade opinar sobre a saída do ministro, e nem mesmo sobre a escolha do seu substituto.

Para o presidente da FIESP, Paulo Skaf, "Seja qual for o quadro futuro, o Brasil está maduro para receber as modificações no Governo e seguir em busca do desenvolvimento. A economia, como já vem acontecendo, não deverá ser abalada".

Anexo3**Entrevista: Alice-Maria****Diretora-Geral da Globo News****08/05/2006****1) Como começou a sua carreira na televisão e qual foi o caminho que você percorreu até hoje profissionalmente?**

Comecei como estagiária da TV Globo, fui contratada e, na década de 90, passei a exercer o cargo de Diretora-Executiva da Central Globo de Jornalismo. Passei pela TV Manchete, trabalhei na minha produtora e depois voltei para a TV Globo para criar a **Globo News**.

Fui uma das criadoras do Jornal Nacional, ao lado do Armando Nogueira, em 1969, quando não havia no Brasil nenhum telejornal em rede nacional. Naquela época, nem a Embratel tinha experiência técnica para transmissão em rede nacional (foi a primeira experiência da Embratel nesse sentido). A Embratel só operava no Cone Sul. Por isso, no início, o Jornal Nacional só era transmitido para o Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre.

Dos anos 70 para 2000, a televisão passou por grandes transformações graças ao auxílio da tecnologia. Nos anos 70, colocar um “vivo” no ar era uma grande emoção, com o passar do tempo, passou a ser algo mais rotineiro e os profissionais passaram a prestar mais atenção na segurança da operação. O risco passou a ser mais calculado.

2) Em relação à criação da Globo News. Como se deu esse processo?

Nossa primeira preocupação foi reunir jovens recém saídos da universidade que dominavam todas as etapas da televisão, como edição, produção e reportagem, e profissionais mais experientes (com 20 anos ou mais de jornalismo) que além de terem mais conteúdo, não tinham medo de correr riscos. Isso porque não bastava serem profissionais com conteúdo, era preciso que eles fossem experientes na operação do telejornalismo. Nesse sentido, quando a **Globo News** começou não nos interessava profissionais do jornalismo impresso.

3) Como você vê a relação do telespectador com a notícia?

A missão da **Globo News** é colocar a notícia no ar o mais rápido possível a partir da informação confirmada. Digo isso porque é melhor tomar um furo do que dar uma barriga. O furo é ruim, mas depois você ainda consegue recuperar com uma boa repercussão, mas uma barriga fica marcada na história de qualquer veículo de comunicação, interfere na credibilidade do canal.

E, por ser um canal de jornalismo 24 horas no ar, o público da **Globo News** consome notícia. Para esse público, informação é vital.

4) Qual a importância do telejornalismo na construção da história?

O jornalismo, seja impresso ou na televisão, é fundamental para construção da história porque, diariamente, não só conta como também registra os fatos que fazem parte da história. O jornalismo é testemunha e sujeito da história.

Anexo 4**Entrevista: Angela Lindenberg****Chefe de redação da Globo News****09/07/2008****1) Resumo da trajetória profissional**

Eu ainda estava na faculdade quando entrei como estagiária na TV Globo, toda vida eu trabalhei aqui, eu nunca trabalhei em outro emprego. Como estagiária, percorri todo o processo, passo a passo. Comecei fazendo apuração, aí depois eu fazia produção também, aos poucos fui me tornando repórter, fui repórter durante 18 anos, depois fui ser editora de texto, depois virei editora-chefe, chefe de reportagem, depois eu fiz um trabalho de treinamento em todos os jornais locais das afiliadas da TV Globo do Brasil, aí depois vim trabalhar aqui na Globo News onde sou chefe de redação.

E qual é a função de um chefe de redação?

A função primordial dele é montar a redação de modo que ela funcione bem, que ela tenha condições de cobrir o que tiver acontecendo com o que for preciso. E também a minha função é conversar com os editores-chefes, discutir com eles de que forma nós vamos conduzir as coberturas e o nosso dia a dia.

2) O que um assunto tem que ter para ser notícia?

Notícia é uma coisa bem subjetiva, mas tem que ter um monte de coisas: tem que ser novidade, ou então tem que ser inusitado, tem que intervir na vida do país, interferir na vida das pessoas, é subjetivo, mas é uma coisa que você sente que é notícia e pronto.

3) Quando ou porque uma notícia fica velha? Existe um tempo pré-determinado para essa notícia envelhecer?

Outra pergunta subjetiva, mas na verdade eu acho que é o seguinte: a notícia fica velha quando ela é suplantada por outra. Quando chega outra mais quente, mais nova, e aí a anterior já começa perder a sua importância, todo mundo já sabe, e a gente está sempre atrás do novo, do que está acontecendo. Eu acho que é uma renovação constante, a gente está renovando o tempo todo.

4) Como é que você definiria a Globo News? Qual é a importância desse canal de jornalismo 24 horas para uma sociedade que cada vez mais está buscando a notícia online, se informar cada vez mais rápido.

A **Globo News** funciona como uma agência de notícias. Qualquer pessoa que quer saber o que está acontecendo, se ela ligar na **Globo News** ela sabe que vai ter essa resposta. Se existe um boato que na cidade morreu alguém, “tá” pegando fogo não sei o que, caiu não sei o que, ela liga na **Globo News** que certamente ela vai ter essa resposta. Então é um papel muito importante que a gente tem que exercer com muita responsabilidade, muita seriedade, porque a gente conta com a confiança das pessoas.

5) Você acha que a mídia pauta o real? Além de ser pautada por ele, ela é capaz de influenciar, de aumentar ou diminuir a dimensão de um fato?

Isso acontece sim. A gente, evidentemente, é pautado pelo real, mas todo mundo que é jornalista tem no seu currículo uma história de uma coisa que não tinha importância nenhuma e, de repente, entra no jornal. Eu mesma, tem uma história que aconteceu comigo há muitos anos de uma pessoa que está voando de asa delta em volta do Cristo – parece que tem uma proximidade que é proibida – e uma pessoa que entende disso viu. Nós corremos atrás do rapaz, e aí a historinha dele, que tinha ficado fora do Brasil muito tempo, era um apaixonado pela cidade, que “tava’ matando as saudades, acabou entrando no jornal. Porque ficou todo mundo olhando. O pessoal que estava no Cristo em vez de olhar para o Cristo ficou também olhando para o rapaz e aquilo que era uma coisa aparentemente sem a menor importância acabou entrando no jornal. Então às vezes uma pequena coisa, tratada de uma forma curiosa, vira uma “cronicasinha” da cidade, vira uma coisa curiosa.

6) Qual é a relação do jornalismo com a história?

A gente escreve a história. Cada matéria que a gente cobre, cada fato, é um registro, é um documento da história, do que aconteceu. Daqui a cem anos vão chegar lá e vão dizer assim: “é, houve um dia e isso aconteceu” e está ali registrado. O nosso trabalho é registrar a história minuto a minuto.

Anexo 5**Entrevista: Daniel Rochester****Coordenador de telejornais da Globo News****07/07/2008****1) Resumo da trajetória profissional**

Eu trabalhava como office boy, numa empresa de contabilidade, que não tem nada a ver com a TV Globo, quando recebi um convite para tentar uma entrevista. Eu vim, fui aprovado, passei para ser auxiliar de tráfego de fitas – que é um arquivinho de imagens temporárias, não como o *CEDOC*. Eu tinha o propósito de fazer a faculdade de advocacia, comecei a fazer e depois que eu entrei aqui não fui muito feliz e me simpatizei com o jornalismo e comecei a fazer faculdade de jornalismo, três períodos depois da faculdade de direito. Aí fui fazendo, fui gostando cada vez mais, quando surgiu uma promoção para mim de coordenador de telejornais e é no que eu estou até hoje.

Quando que você começou a ser coordenador aqui na Globo News?

Eu entrei aqui em 99. Fiquei quase um ano de auxiliar de tráfego e passei para coordenador em setembro de 2000 e estou até hoje.

2) Qual é a função do coordenador de telejornais?

A nossa função é ser um braço direito do editor-chefe e do executivo. Por quê? Eles paginam o jornal eles batem o papo deles com os editores, dizem o que eles querem e a gente fica nessa cobrança de “está faltando um VT”, “falta tanto tempo”, “você ainda tem 5 minutos para editar”, a gente fica negociando, eu falo com o editor-chefe, ele baixa ou sobe. Aí é uma conversa entre nós. Eu também coordeno os vivos. Vai ter um vivo de Brasília, de São Paulo, eu falo com a repórter, ou então falo com a produtora. E a gente vai articulando isso sempre com o editor-chefe dando o aval positivo ou negativo. Mas, tem hora que não dá e tem que cair. Mas é basicamente é

isso, a gente fica controlando o tempo do jornal e as coisas, se estão chegando ou não, tudo com o editor-chefe.

3) O que acontece dentro do *switcher*, que é o lugar que fica o coordenador, o editor-chefe, o que acontece quando chega uma notícia de grande repercussão? Que seja dentro da grade do jornal, ou seja, que ela tenha acontecido enquanto o jornal está no ar, ou fora da grade, que a gente tem que dar plantão, ou qualquer coisa do tipo. Qual é o movimento que se dá dentro do *switcher*?

Quando está dentro da grade, tem coisas que são previstas. Não sabe quando vai acontecer, mas já tem uma previsão, no caso que você estava conversando comigo antes, da queda do Palocci. A gente vinha esperando, então a gente está atenta o tempo inteiro, pode acontecer a qualquer momento. A gente fica sempre lá, todo mundo, não pode sair, esquema de plantão – vinheta alinhada, interrompe a programação a qualquer hora – ou, se tiver dentro do jornal, interrompe o que está e segue. E um plantão imprevisto a gente está sempre por aqui, não pode sair daqui. Acabou o jornal, meia hora mais ou menos, a gente fica por aqui por perto e é aquela correria: chama o operador de áudio, chama o diretor de TV, chama o mestre de exibição, vai interromper, alinha a vinheta. Normalmente não é assim, a gente vai seguindo uma rotinha legal, jornalzinho todo fechado. Quando acontece isso é aquela confusão. Ninguém sabe o que vai acontecer.

4) Como é que você definiria a importância do jornalismo hoje para a sociedade? A gente que faz jornalismo 24 horas, a gente que está o tempo inteiro com a notícia *no ar*, o que você acha que a gente pode contribuir para a sociedade com isso?

A gente pode contribuir com muita coisa. O jornalismo é uma prestação de serviço. Então a gente vai buscando informação do que for e cada um tem um interesse, internacional, dessa forma a gente vai contribuindo, vai informando o telespectador, o assinante, da melhor maneira possível como é feito aqui, sempre buscando atualizar. Eu acho que a função mais importante é essa.

5) Como você definiria a Globo News? Se você tivesse que descrever como é trabalhar aqui ou quais são as características do canal?

A **Globo News**, como eu falei, eu entrei aqui em 99, gostei muito do pessoal, é uma equipe bem unida, o pessoal é bem unido. Para trabalhar aqui precisa ter espírito de equipe. Porque, você trabalha com a gente sabe disso que é uma correria diária. E acerta uma tarja, acerta uma cabeça, e aí tem que duplicar para outro jornal, está o tempo inteiro todo mundo correndo atrás. Você que está editando sabe, às vezes deixa passar uma parada e eu fui e vi “pô Juliana, acertei essa parada”, e você, “tá bom”,.. E você faz mesma coisa comigo: “Daniel, esqueceu de botar um negócio aqui”. Um tem que ajudar o outro. Ainda mais na **Globo News**, que a gente está o tempo inteiro. Se não tiver esse espírito de equipe, não funciona.

Anexo 6**Entrevista: Eduardo Marotta****Editor-chefe do Em Cima da Hora****09/07/2008****1) Resumo da trajetória profissional**

Depois que eu me formei, eu fiz assessoria (de imprensa) na própria faculdade, como funcionário, depois eu trabalhei em jornal, eu fiz uns meses de O Globo e Tribuna da Imprensa. Em 89 eu comecei na TV Manchete, eu fiz um curso que era para recrutar talentos, como tem aqui na Globo, de edição, aí passei nesse curso para editor. Quando eu comecei a fazer o curso eu vi logo que era isso que eu queria. Edição. E aí na Manchete eu fui contratado. Eu entrei em 88, na verdade, desculpe, eu entrei em 88 primeiro, passei nesse curso em 88, não tinha vaga para edição. Eu comecei a fazer produção de retrospectiva. Fiquei na produção um tempo, depois que surgiu uma vaga na edição – porque eu forcei a barra, senão eu ia ficar na produção até hoje – iam me botar em pauta; logo no início, eu falei que não queria. Eu não estava nem contratado ainda, eu falei que não queria e aí depois eu fui para edição cobrir férias e acabei sendo contratado. Fiquei na Manchete até 98, então foram quase dez anos, só que nesse meio tempo, em 96, eu fui para a *France Press* – porque a Manchete não estava bem – eu arranjei um emprego na *France Press*, que é um trabalho em agência de notícias, totalmente diferente. Desculpe, fiquei lá de 93 a 96, fiquei com dois empregos: de manhã eu ia para a *France Press* e à tarde eu ia para a Manchete – era de 5h até 12h, depois de 17h até 22h, no Jornal da Manchete, que era o jornal que eu fazia. Aí eu consegui mais um terceiro emprego, que era na Bandeirantes, um programa na Bandeirantes, que era diário, chamado Rio Online, um programa de variedades, era editor-chefe. Então eu acordava, ia para a *France Press*, saía 11h30, ia para a Bandeirantes adiantava o programa, saía às 14h30, ia para a Manchete, da Manchete eu saía 21h30, ia para a produtora que fazia o programa da Bandeirantes e ficava até 24h. Ou seja, foi a época que eu mais trabalhei.

Aí depois, em 96, eu larguei a *France Press* para vir para a **Globo News**. A **Globo News** estava começando.

Na Globo News você fez o que?

Na **Globo News** eu comecei como editor mesmo. Fiquei dois anos como editor e depois virei editor-executivo. E eu continuei **Globo News** e Manchete até 98, até que a Manchete... a Manchete virou Rede TV e eu saí fora. Fiquei como editor-executivo até 2008, agora, neste momento, sou editor-chefe, há duas semanas.

2) Qual é a função do editor e a do editor-chefe num telejornal?

Bom, a função do editor-chefe é priorizar os assuntos, hierarquizar, ver o que ele quer dar de destaque no jornal, pensar o jornal, paginar o jornal, ver *pauta*, ver o que vale, o que ele quer, o que ele não quer, o que está sendo oferecido. Então ele faz meio que uma triagem para o jornal dele. E vai descartando o que acha que não rende ou então pequenas coisas, que de repente podem virar uma boa notícia. Então o papel do editor-chefe mais é essa coordenação. Pensar o jornal, os assuntos que você quer explorar e dar destaque.

Eu acho que o papel do editor não é simplesmente chegar e pegar uma matéria bruta que vem da rua. Ele tem que ir muito além. Lê o que tem já na pauta, o editor tem que discutir, antes de o repórter sair, o ideal é isso, conversar como pode ser, pensar para onde pode ir a matéria – claro que isso também é discutido na reunião de pauta, mas o editor ajuda muito o repórter nesse aspecto. Na hora de fechar o texto com o repórter, o ideal é isso também, estar sempre em contato – isso o repórter de TV, “né”, que eu estou falando. Tem que ter essa dobradinha de repórter e editor, para se montar o texto, ver onde está o destaque, ver para onde pode puxar a matéria – que já foi discutida até com o editor-chefe também-, mas o editor pode ver um outro lado. O repórter que está na rua com uma pauta, de repente surge uma coisa muito melhor do que quando ele saiu da redação, aí ele passa isso para o editor, o editor vai e dá destaque a isso na cabeça. Quer dizer, é aquela velha história, quem se guia por pauta é maestro. É uma brincadeira que as pessoas fazem. Na verdade com repórter na rua é que a notícia cresce e aí ele tem que estar em contato direto com o editor na redação para isso.

E no Em Cima da Hora, especificamente no Em Cima da Hora, que o editor não “pega” tanta matéria bruta, como você definiria a função do editor?

Para mim o bom editor, no caso da **Globo News**, que é uma coisa muito diferente, ele tem que pensar o que ele pode extrair de alguns assuntos, bolar entrevistas, o que ele pode extrair de determinada matéria, uma imagem que seja – vamos explorar esse tipo de coisa, vamos chamar alguém para comentar – eu acho que o bom editor é aquele que não traz só problema, é aquele que traz a sugestão para o chefe. Eu sempre vi, quando eu editava uma matéria, às vezes o editor (chefe) estava achando que a notícia era uma e eu falava “olha, o legal é você puxar isso assim, assim”. Você tem que dar o retorno para o editor-chefe até em questão de escalada. “Olha, é legal você puxar para esse lado”. Não é que você esteja sendo arrogante, é o trabalho do editor. Uma sonora que você ouviu, você que está na ilha, você está escutando uma sonora que está chegando, então você tem que destacar os pontos e falar “olha, o presidente falou sobre determinado assunto, mas ele deu uma alfinetada em fulano. Vamos explorar esse assunto?” Esse retorno para o editor-chefe é fundamental, e tem editor que não faz isso.

3) O que um assunto tem que ter para ser considerado notícia? Porque nem todo assunto é notícia.

A gente tem que dividir: assunto local e assunto de rede. Vou falar de rede, que é o que eu trabalho. Porque o local é o assunto que interessa a comunidade, à cidade especificamente. Agora, o nacional, o jornal que vai para o país inteiro, você tem que pensar: o que a pessoa que está em outro lugar se interessaria em saber sobre determinado assunto? Caso Isabella¹³⁴. É um caso que mexeu com o país? É óbvio. Greve dos Correios é um assunto nacional. Vou dar um exemplo da importância de uma greve. Por exemplo, greve de transportes em São Paulo, o que isso interessaria alguém de outro lugar? Simplesmente porque São Paulo é a maior cidade do país. Então, muita coisa que acontece em São Paulo é notícia e uma greve de transporte numa cidade do interior, não precisa nem ser pequena, mas assim, cidade como Juiz de Fora, por

¹³⁴ O caso Isabella Nardoni chocou o Brasil, no dia 29 de março de 2008. A menina, de 5 anos, foi encontrada morta no jardim do prédio, em São Paulo, depois de cair da janela do apartamento no sexto andar. O pai e a madrasta da menina, acusados de matar a criança, foram indiciados por homicídio doloso triplamente qualificado.

exemplo, pode não entrar num jornal de rede. E não é uma cidade pequena, é uma cidade grande, mas é cidade do interior. Então tem essa dimensão também. Os reflexos que causam uma greve desse porte em São Paulo, que tem milhões de pessoas, e que acarretam milhões de pessoas que moram até em outras cidades perto de São Paulo.

O assunto tem que ser novo? Pergunto isso porque no dia seguinte, às vezes um assunto não é novo, mas o jornal continua falando naquele assunto. No jornalismo é a atualização ou a repercussão daquele assunto. Então não necessariamente aquele assunto é novo, mas ele continua sendo notícia.

É o que a gente chama de suíte. A suíte é importante quando um assunto... Por sinal muitas matérias dão para fazer suíte e a gente não faz. A gente esquece a matéria. Então a suíte é fundamental. Por exemplo, morte de bebês. Como é que está a situação? No dia seguinte, alguém foi na clínica? Foi ver o que está acontecendo.

Aí entra um pouco a prestação de serviço do jornalismo?

Também. Um jornal local, por exemplo, um acidente. Houve um vazamento de óleo numa estrada, vários carros bateram. No dia seguinte, e aí? A estrada já está liberada. É o que a gente chama de suíte, complementar: o que foi feito depois? Isso às vezes é esquecido, é deixado de lado, e às vezes se perde a notícia com isso também. Porque o volume é muito grande de notícia. Essas coisas se perdem um pouco. Em questão de dar prosseguimento ao assunto.

Agora, na **Globo News** a gente tem um ritmo que só quem trabalha aqui sabe como é. Quando a gente tem uma notícia, por exemplo: foram presos o investidor Naji Nahas, o Daniel Dantas e o Celso Pitta¹³⁵. Isso é a notícia que a gente deu de manhã. Ao meio dia, o advogado já entrou com o *habeas corpus*, então para a gente a notícia não é mais que eles foram presos, e sim que o advogado entrou com o *habeas corpus*. No final da tarde, vamos supor que esse *habeas corpus* foi concedido, mas eles ainda estão presos. Então a notícia vai mudando a cara de hora em hora. Aí você vai e liga no Jornal Nacional e eles falam: foram presos hoje... Por quê? Porque é o principal da notícia para

¹³⁵ No dia 8 de julho de 2008, a Polícia Federal deflagrou a **Operação Satiagraha**, que investigava um esquema ilegal de investimentos no exterior e também uma tentativa de suborno a um delegado da Polícia Federal para conter as investigações. Entre os 17 presos na operação estavam o banqueiro Daniel Dantas, o doleiro Naji Nahas e o ex-prefeito de São Paulo, Celso Pitta.

um jornal que quem está chegando somente à noite vai assistir. Pode até ser que tenham entrado com pedido de *habeas corpus*, mas não está na cabeça, de repente está dentro da matéria isso. Não está com destaque. A notícia fica muito mais velha na **Globo News** muito mais rápido.

4) Como é que você definiria a Globo News? Qual é a importância de um canal de jornalismo 24 horas no ar, para uma sociedade que cada vez mais está buscando – e a Globo News concorre com a *internet* – informações o mais rápido possível. Como é que você definiria esse canal, ou como é que é trabalhar nesse canal?

A **Globo News**, para mim, ela deveria ser só notícia, eu acho que não deveria ter nenhum programa. Geralmente quando a pessoa sabe de alguma coisa vai na *internet*. A **Globo News** tem isso também. Geralmente quando você sabe de alguma notícia, de um acidente, você já liga na **Globo News** para saber se está no ar, se tem alguma coisa, então, eu definiria a **Globo News** com o papel de agência de notícias que ela tem, mais do que de um jornal. Ela tem que informar o tempo todo. A pessoa tem que ligar e tem que ter informação naquela hora. Ah está repetindo. Está repetindo porque tem realmente que repetir. Não precisa repetir com as mesmas palavras, mas você pode dar a notícia de outra forma e quem está assistindo, que ligou o que está chegando, tem que lembrar, como a gente fica com uma transmissão muito grande. Você tem que lembrar o assunto: “você está vendo aí um avião que acabou de cair.” A gente tem que estar sempre contando a notícia, lembrando, porque as pessoas zapeiam muito, como trocam de *site* o tempo todo. Então, a **Globo News** tem esse papel.

5) Qual seria a diferença entre a Globo News e um *site* de notícia? A questão da credibilidade entra aí? A Globo News está concorrendo – embora sejam veículos de comunicação diferentes – a Globo News está concorrendo com as notícias online, de alguma forma. A Raquel, apresentadora, levantou a questão da imagem, que embora a *internet*, cada vez mais, esteja viabilizando vídeos, a *internet* ainda tem a maior parte no texto e a principal diferença da televisão seria o impacto que a imagem tem em relação à *internet*.

Mas eu acho que a *internet* ainda vai chegar lá. Eu acho que a *internet* ainda vai ter só imagens. A vantagem que a *internet* tem é que a pessoa vai direto ao assunto que

ela quer ver. Você vê, localiza onde está, você clica, se tiver um vídeo você assiste. Eu acho que vai ter uma hora que você vai ter disponibilidade de qualquer vídeo, de qualquer matéria. O que a TV ganha da *internet* é só na hora do vivo. Por isso que eu gosto muito de vivo. Porque dali pode sair alguma informação que vai para a *internet*. Então eu acho muito importante, mais do que as matérias, mas do que notas cobertas, mais que tudo, o repórter estar ao vivo em algum lugar. Claro que ele tem coisas que já está levando com ele, que ele apurou, e tem coisas que ele apura no local, que ele consegue no local. Eu acho que é aí que a TV ganha, no vivo. Meu sonho é ter um jornal só de vivo.

6) O jornalismo é pautado pelo real, ou seja, as notícias não são inventadas. Mas você acha que existe o caminho inverso? De o jornalismo pautar o real.

Eu vou te contar uma história. Teve uma matéria que veio num jornal local que eu estava assistindo, era no interior de São Paulo. As pessoas que moravam naquela cidade estavam fazendo uma vigília em frente à casa de uma mulher, que no vidro da janela dela tinha uma mancha e essa mancha parecia a mancha da Nossa Senhora, parecia a mancha da Santa. E cada dia que passava mais gente ficava na porta dessa casa. E eu fiquei impressionado com aquilo. Ninguém estava falando dessa história. De repente eu falei: “gente, isso vale um Jornal Nacional”. Isso foi de manhã. E eu dei destaque nessa matéria: fiéis vão... E realmente parecia a imagem. Não interessa se a mulher passou o detergente na janela e ficou aquela marca, não interessa... O negócio tomou uma proporção gigantesca. Foi para o Jornal Nacional, Jornal da Globo, vivo no dia seguinte, no Bom Dia Brasil. Isso foi um fato criado pela mídia. Já existia, mas tomou uma proporção gigantesca. E foram religiosos no local para analisar o que realmente era aquela marca. Foi um exemplo de como o negócio pode ser aumentado pela imprensa. Como uma coisa pequena – claro, tem apuração também. Fatos que você apura, descobre, e aí... Um furo de reportagem -, mas tem coisas que ganham importância.

Se não tivesse ido ao ar no Jornal Nacional...

Ninguém ia dar bola. Não ia nem para o jornal escrito, nem nada.

Anexo 7**Entrevista: Luiz Cláudio Latgé****Diretor da Globo News****11/07/2008****1) Resumo da trajetória profissional**

Minha carreira começou há muitos anos. Eu me formei em 80, fui aluno da UFRJ, Escola de Comunicação, fui trabalhar como estagiário no Jornal do Brasil, fui repórter, fui correspondente na América Latina, em Buenos Aires, para cobrir a América Latina. Cobri coisas muito velhinhas tipo guerra das Malvinas, governo Pinochet, protestos, redemocratização da América Latina. Depois voltei para o Rio, fui editor de uma coluna de economia, fui repórter de política e vim para a TV Globo em 85. Comecei em 80, fiquei no JB até 85 e vim para a TV Globo, e aqui na TV Globo eu fiz tudo, literalmente: eu vim como repórter, não me adaptei muito à função de repórter – tinha muita gente trabalhando junto: *cinigrafista, pejoteiro, operador de áudio, editor*. E eu estava acostumado com jornal, onde você fazia tudo sozinho. Mas eu gostei muito da televisão, me encantou muito a televisão, e eu virei editor. Fui editor dos jornais locais. Eu fui editor-chefe do RJ3 que existia, perto do Jornal da Globo, do RJ2, depois eu criei o Bom Dia Rio – porque antigamente o Rio não tinha o Bom Dia Rio, tinha o Bom Dia Brasil que era repetido duas vezes: primeira edição e quando entrava o Bom Dia São Paulo o Rio repetia o Bom Dia Brasil. Aí eu fui chefe de redação da editoria Rio, fui editor-chefe do Fantástico onde trabalhei muitos anos, depois fui editor-executivo do Jornal Nacional. E eu fui para Brasília, como diretor da sucursal de Brasília, isso deve ter sido ano 2000, e depois fui para São Paulo, como diretor da sucursal de São Paulo e fiquei lá seis anos. E agora estou na **Globo News**.

2) Quería que você falasse um pouquinho desse tempo da notícia ou o tempo da mídia. Que tempo é esse?

A gente está vivendo um momento em que o tempo da notícia está encurtando, “né”? É o tempo da sociedade moderna. Alguns filósofos – e se puder recomendar eu

recomendo um livro que se chama “A Era da Informação” – ele atribui características e esse processo que nós estamos vivendo que faz com que esse tempo seja chamado de “era da informação”. É um momento especial da vida da sociedade que você tem facilidade de acesso tecnológico, de acesso pela *internet*, que fazem com que a informação seja o artigo dominante da vida moderna no estágio que a gente está. O que acontece com a notícia nesse cenário? Você antes tinha a frequência de um jornal, de um dia para o outro, depois você passou a ter os jornais de televisão, as emissões de rádio, que podiam entrar a qualquer momento, criando a ideia do *plantão*, a televisão, que mais ou menos manteve a frequência do rádio, com horários para telejornalismo – aí você passou a ter um jornal da manhã, um jornal à tarde, um jornal da noite e a possibilidade de plantões. Com a *TV a cabo*, você teve uma segmentação, e a possibilidade de um canal de notícias 24 horas, e por *internet* você tem jornal a cada minuto. A cada minuto tem alguém dando uma notícia nova. É uma primeira página a cada minuto. Porque, de fato, o que acontece é isso. O tempo de duração da notícia passa a ser determinado por essa escala de produção industrial, que oferece um acervo de informação a cada minuto. Então o tempo da notícia está sendo determinado por isso.

Tem um outro tempo da notícia que está mudando também. E no Brasil isso tem sido muito forte. Em economias mais estáveis, em sociedades mais desenvolvidas, você não tem a quantidade de fatos relevantes, de emergência, de tragédias, de crimes, de corrupção, de denúncias, que a gente tem aqui. Às vezes não dá tempo de você sair de um escândalo e começar outro. Você vê a quantidade de notícia que você gerou. Notícias espetaculares, em pouquíssimo tempo: a gente tem o caso Isabella, a gente tem o banqueiro na prisão, a gente tem extradição, desastres, tem crimes horrorosos, a polícia que matou um menino de três anos, que fuzilou um carro, você tem a alta incrível do petróleo, você tem 113 crianças mortas numa maternidade¹³⁶. É um escândalo atrás do outro. Uma notícia trágica a cada dia, e aí você perdeu o tempo de maturação da notícia.

Ela envelhece mais rápido? A gente pode dizer isso?

Ela envelhece mais rápido. Ela some da agenda do noticiário mais rápido. Você não faz tanta suíte, você não tem como acompanhar o desdobramento de tudo. Salvo o

¹³⁶ De maio a julho de 2008, a Santa Casa de Belém, no Pará, registrou a morte de 113 bebês na maternidade do hospital.

caso da Isabella, que foi até o final, mas ainda falta o julgamento, tem uma hora que ele some. Ele é atropelado por outras notícias mais quentes, mais novas. Então, a gente perde aquela continuidade de início, meio e fim. A suíte não dá tanto tempo. Você tem notícias espetaculares: caiu o metrô de São Paulo¹³⁷. E aquilo se perde de vista o que aconteceu. Some do noticiário e daqui a um belo dia aparece a notícia “a perícia concluiu que foi tal coisa”, ou “um ano depois”, e tal. Tem um descolamento do tempo da notícia, que é cada vez mais rápido, e do tempo que as instituições precisam para acompanhar o seu ritual. A justiça tem um ritual que é: instruir o processo, formalizar a denúncia e fazer julgamento. Isso tem um tempo de duração. Até no Brasil é uma vergonha, porque se estica esses tempos indefinidamente, mas mesmo que funcionasse bem, tem um tempo de duração, que não é o mesmo tempo dos meios de comunicação. Então, você tem uma defasagem. E acaba que, de certa forma, o jornalismo se apropria das outras atividades. Você tem uma ansiedade enorme de saber qual é a conclusão do caso da Isabella, mas o julgamento vai levar um ano, dois, três.

E o jornalismo encurta esse tempo?

O jornalismo acaba... Aí é uma coisa perigosa, porque ele assume o papel de outros poderes, e ele não tem os ritos, ele não é o fórum adequado para julgar. E a gente faz isso com tudo. Por exemplo: o desfile de carnaval você inicia o primeiro dia dizendo qual é a escola favorita, mas o resultado do desfile não é dado por uma votação popular. São juízes que obedecem a determinados critérios. Mas a gente tem necessidade de dar a resposta rápida para o público. Então você faz uma enquete e diz “a escola preferida do público”. Nunca coincide. Até porque tem interferência de quem ligou, de quem liga mais, a torcida da Mangueira é maior, e tal. Mas você vê o jornalismo tentando antecipar coisas. A eleição vai levar até novembro para acabar a eleição. Então o que você faz? Você faz pesquisa. Pesquisa, o que é? É uma maneira de antecipar. E aí às vezes o jornalismo acaba entrando numa armadilha, que é se arvorar, decidir, resolver coisas que a sociedade não resolveu, porque não houve tempo desses processos se resolverem.

¹³⁷ No dia 12 de janeiro de 2007, o desmoronamento do canteiro de obras da expansão do metrô de São Paulo provocou a morte de sete pessoas, no bairro de Pinheiros. A cratera de 80 metros de diâmetro arrastou carros, pessoas e um micro-ônibus que passava pelo local.

3) Eu queria fazer duas perguntas: uma qual é o papel do jornalista hoje, na sociedade contemporânea. E a segunda, qual é o papel da Globo News?

O jornalista tem que estar muito atento a tudo o que acontece. Ele tem que ter uma consciência, cada vez maior, do papel dele como agente social. Por que eu estou dando uma notícia no ar? Eu estou porque eu tenho uma delegação da sociedade para ficar numa posição privilegiada: me deixam entrar no estádio para ver um jogo de futebol, me deixam cobrir um julgamento, me deixam ver o show dos Rolling Stones, por que? Eu tenho uma posição privilegiada, que a sociedade me confere, para está olhando o que acontece no mundo. Na verdade o meu papel, dentro da minha comunidade, eu represento a comunidade, eu tenho que ter atenção. A minha missão é ver o que acontece, o que é relevante, que pode afetar a vida das pessoas. Então o meu compromisso é esse: eu tenho um patrão. Esse patrão é o público, é a sociedade que eu represento. Tem um cara que te paga o salário dentro da sua empresa, mas você trabalha, na verdade, para esse compromisso com a sua sociedade. Então você tem que ter isso acima de tudo, até porque na sua vida profissional você vai passar por situações difíceis. Vai ter uma hora que o seu patrão vai te pedir uma coisa que não está afinada com os seus valores profissionais e você vai ter que embora. Porque os seus valores são a única coisa que você tem e vai levar com você. São o seu registro profissional e o valor que você agrega ao seu nome profissional, as suas convicções, a precisão da informação. E o jornalismo tem valores muito claros, de isenção, critérios de *cobertura*, critérios morais muito rigorosos. Esse é o primeiro ponto.

Depois tem que ter uma visão de como o mundo funciona. Eu vejo muita gente questionar curso de comunicação porque perde tempo falando de psicologia, sociologia, política. Tem que ter essa visão. Tem que ter. Se você não souber como o mundo se organiza, como as coisas se relacionam você não vai poder desempenhar o seu papel direito, porque você não compreende a sociedade em que você está inserida. A técnica de fazer lead e sub-lead você aprende em três meses em qualquer estágio. Você não precisa de quatro anos de faculdade, cinco anos, para aprender isso. Você vai aprender numa redação. Eu acho que o tempo que você tem na faculdade você tem que usar realmente para aprender isso. Você tem que ter uma visão da sociedade, de como ela se organiza, de como funciona. Porque aí você está mais capacitado para colaborar, a dar conta da sua tarefa diária. Em qualquer coisa, é fácil ver isso. Se você for cobrir transportes, trânsito, você tem que conhecer leis de trânsito, você tem que conhecer

pesquisas de trânsito, tem que conhecer uma série de coisas, tem que ter uma bagagem. Se for jornalista econômico, você vai ter que saber o que é PIB, qual é o papel do Banco Central. Se você for cobrir política, ou qualquer coisa, você tem que saber quem tem um poder que decide tal coisa, que o presidente não faz tudo sozinho, tem uma série de coisas que você tem que saber. Então, você tem que se qualificar, se qualificar sempre mais. É um trabalho incessante, que não pode parar na sua vida. Porque você vai chegar à redação e vão te mandar falar de física quântica. A sua matéria vai ser “o brasileiro está na equipe que ganhou o prêmio Nobel de física quântica”. Você tem que saber se preparar, você vai ter que saber pesquisar. E essa sociedade da informação tem que, sobretudo, saber se mexer dentro dela. Saber pesquisar é fundamental, saber como as coisas se relacionam, ter a curiosidade de buscar, saber onde se busca e usar esses tentáculos que você passa a ter esses canais todos que a *internet* te oferece.

4) Voltando um pouquinho, quando você estava falando do papel do jornalista, eu queria fazer uma pergunta: o jornalista escreve a história?

O jornalista escreve notícia. Sinto muito, muitos dos nossos colegas gostariam de escrever a história. A história quem escreve é a sociedade, a maneira como as coisas se desenvolvem. O jornalista dá versões da história. Mas a história sabe consagrar e anular os fatos. Quem vai escrever a história vão ser os cientistas sociais, os políticos, os agentes da sociedade. O jornalista é um desses agentes, mas ele não fará nada sozinho.

Quando a gente faz essa hierarquização, ou essa organização, onde entra a subjetividade e onde entra a técnica jornalística ou os fundamentos que regem o jornalismo?

Na verdade, o conflito é: onde entra o jornalismo e onde entrar a audiência? Aí existe um conflito. Vai ser subjetivo sempre, e o que vai nortear são os valores jornalísticos. A gente tem um manual, um conjunto de princípios que fazem a técnica jornalística, as perguntinhas básicas de que em que medida as coisas interessam às pessoas – o noticiário local tende a gerar mais interesse, o noticiário internacional tende a ser mais abstrato – mas, acima de tudo você tem o dever de tentar traduzir o mundo, aprofundar um pouco a notícia, e como ela pode ter desdobramentos. Você acompanhar o preço do petróleo tem uma importância, mas não é uma curiosidade, não é que na

Bolsa de Valores estão ganhando dinheiro com o petróleo e os Estados Unidos estão preocupados com o aumento do petróleo. O aumento do petróleo vai chegar à sua vida, de uma forma ou de outra. Demorou a aumentar aqui, por alguma lógica de mercado, de condução de política econômica, mas isso vai ter um impacto na sua vida. Isso está fazendo os produtos ficarem mais caros. Está fazendo o alimento ficar mais caro. Está reduzindo o poder de compra das pessoas. O americano já está comprando menos. O que vai acontecer no Brasil? O Brasil vai vender menos para fora, o mercado vai desaquecer um pouco, aí é possível que as pessoas consumam menos, mas os preços dos alimentos subiram, vai ter menos dinheiro para o consumo. Então vai ter uma redução da atividade econômica. O especialista tem essa visão. A gente tem o papel de ouvir o especialista e te dizer, em casa, “olha, tá vendo essa notícia aqui do petróleo? Presta atenção. Isso aqui vai ter uma relevância na sua vida”. Estabelecer as relações. O Irã faz teste de mísseis, eles têm tecnologia nuclear. Isso é perto de casa? Eu não entendo direito de política internacional, mas por que isso está em todos os jornais? É o meu papel dizer: “olha, ali no Oriente, aquele negócio estava meio esquisito. Vive tendo briga ali, vive tendo guerra ali, pintou um negócio para complicar ainda mais. Tem iraniano dando sinal de que quer meter medo em Israel. Você tem que dizer para o seu leitor, telespectador, que aquilo ali tem uma relevância e que pode chegar na sua vida, porque vai ter um aumento do conflito, o petróleo vai subir ainda mais. E vai ter um dia em que o cara daqui para e perdeu o emprego e não entendeu direito o que aconteceu no mundo. Mas essas coisas têm implicação na vida dele.

5) Nesse volume todo de notícia, *internet*, um canal de jornalismo 24 horas, tem como traçar o que vai ser daqui para frente?

Tem. Mas quero acabar de te responder. O teu paralelo, o teu conflito vai ser com a audiência. Porque todos os nossos meios de comunicação são guiados por audiência e venda de espaço publicitário determinado pela sua capacidade de ter audiência. Então, a coisa que vende jornal e programa de televisão é a audiência. E aí a gente tem uma dúvida. O artista que estava bêbado na festa e beijou a mulher do outro é uma notícia muito saborosa, todo mundo lê e a *internet* vai ver campeã de acesso Britney Spears, qualquer escândalo de celebridade. Essa é uma notícia para a gente? Ou eu tenho que falar do petróleo, da crise do oriente e do preço dos alimentos? O meu compromisso é com o quê? E aí é muito sofrida a decisão, porque eu vou ter que falar

de déficit público, de coisas que o cara não quer ouvir falar, que não vão gerar audiência, mas é o meu compromisso jornalístico. Na origem da sua pergunta, o que vai guiar, sempre, é o compromisso jornalístico.

Dá para traçar o que vai ser no futuro?

Vai ser no futuro um acesso gigante à informação, na verdade você tem alguns sinais. No primeiro momento da *internet*, todas as possibilidades. Teoricamente, cada pessoa pode colocar no ar um canal de televisão. Antigamente não. Nós temos sete canais no Brasil e mais 50 de cabo. Eu posso ter um canal para cada pessoa, tecnicamente isso é possível, cada um com o seu próprio canal de televisão. Isso é uma super oferta de informação. A informação segmenta – você vai ouvir falar de segmentação – e aí vale outro livro: Chris Anderson -“Longa Cauda”, que traça um retrato do que acontece com os meios de comunicação com a segmentação. A informação segmenta, tem uma especialização muito grande e um acesso restrito. Os *blogs*, todo mundo dá informação. E aí começa uma segunda fase. É uma depuração disso. As pessoas começam a perceber que nem toda informação tem o mesmo valor. Que você não pode acreditar indiscriminadamente em tudo o que está no ar. Já começa a aparecer uma tendência de concentração nos *sites* dos grandes meios de comunicação. Nos Estados Unidos, quais são os campeões de acesso hoje? The New York Times, CNN. Os veículos de comunicação tradicionais assumem, claramente, o papel de líderes porque eles têm credibilidade e eles sabem exercitar os valores sociais do bom jornalismo. Tem uma tendência de depuração, que reforça aquilo que a gente falou. Qual é o papel do jornalista? Organizar, hierarquizar, aprofundar, contextualizar, esse é o papel do jornalista. O acesso à informação vai ser universal, pela *internet*, pelos sites, você vai ter acesso. De qualquer forma você vai ter acesso, agora, qual é a informação boa? Qual é a informação que está bem organizada? Por que você paga o New York Times e não um jornal sensacionalista? Porque você confia que o New York Times está mais capacitado para ver mais longe. Essa é uma tendência.

O jornalista tem que se qualificar. Até porque, o papel dele aumentou, ele não é mais o cara que “está acontecendo isso”. O mundo vai pedir que ele se posicione mais, que ele empreste a sua credibilidade, que ele opine e que ele tenha uma bagagem para acrescentar àquela notícia. Porque a notícia vai ser de acesso comum.

Anexo 8

Entrevista: Raquel Novaes
Apresentadora do Em Cima da Hora
07/07/2008

1) Resumo da trajetória profissional

Eu saí da faculdade em 98. No meio da faculdade, antes de me formar, fiz estágio na TV Globo, em São Paulo, na **Globo News**, e depois fui contratada – depois de seis meses do fim do estágio. Trabalhei como produtora, em São Paulo, aí eu vim para o Rio, trabalhei como produtora, editora e aí virei repórter e faz um ano que eu apresento o **Em Cima da Hora** de dia e um ano na madrugada. E, nesse meio tempo eu trabalhei em rádio e revista, em São Paulo, como repórter e locutora de rádio.

2)O que um assunto tem que ter para ser notícia? Ou como você definiria a notícia?

Eu acho que tem que ter uma relevância social, ou internacional, enfim, dependendo para onde essa notícia vai ser veiculada. Se for um jornal local, tem que ter uma importância para a cidade ou para as pessoas daquela região, uma importância que atinja a vida das pessoas, que mexa com o cotidiano delas de alguma maneira. E se for internacionais são sempre grandes assuntos que pautam a política internacional, a condução das negociações entre países. Eu acho que a importância é o que mexe com a vida das pessoas. Pode ser um assalto numa esquina, que matou uma pessoa, e pode ser alguma coisa internacional que não necessariamente afete a vida da pessoa aqui, mas afeta a história, o rumo da história, isso é que é importante.

3) Qual é a relação do jornalismo com o tempo presente? O Em Cima da Hora vive isso diariamente, mas para você o que o tempo presente tem a ver com o jornalismo?

A gente aqui faz um jornalismo muito de imediatismo. O que está acontecendo a gente bota no ar na hora. A nossa relação aqui com o tempo presente é fundamental, tanto que a gente faz entradas ao vivo e isso a gente está contando a história na hora que ela está acontecendo. Então para a gente é muito importante ter a mão esse tipo de recurso que dá a notícia na hora que ela acontece. Então assim, a relação da gente aqui com o tempo presente é fundamental para o tipo de jornalismo que a gente faz. O presente ele vai acontecendo e a gente vai dando na medida em que as coisas vão acontecendo.

4) Nessa linha, como é que você definiria a Globo News?

É um canal que se preocupa em mostrar o que está acontecendo na hora que está acontecendo. Então, tem um acidente, por exemplo, mostra o acidente, vai lá entrevista o policial, entrevista o bombeiro, daqui a pouco aumentou o número de feridos atualiza isso. A notícia vai crescendo, o assunto vai ganhando mais forma, mais corpo ao longo do dia, e a gente vai aprofundando o assunto.

5) Qual é a função ou a importância do jornalista para a sociedade contemporânea?

Eu acho que hoje em dia, não sei se sempre foi assim, mas hoje eu vejo esse jornalismo, por exemplo, investigativo, e eu acho que a gente tem a importância de denunciar as coisas que, muitas vezes, são encobertas pelo Estado, pela política, enfim, eu acho que o jornalista tem o poder de ir lá, dar uma fuçada e mostrar o que está acontecendo e que, muitas vezes, as outras pessoas, os outros órgãos, as outras entidades encobrem por motivos próprios. Eu acho que fundamental a posição do jornalista como a pessoa que denuncia o que está acontecendo.

6) Falando um pouquinho sobre os assuntos que vão ao ar, você acha que a mídia pauta o real?

Eu acho que sim, porque se tem um acontecimento pequeno e aí o jornalista vai lá e cobre aquilo, aquilo pode ganhar outra proporção, então eu acho que muitas atitudes de polícia, ou secretaria de segurança ou até de governo elas crescem à medida que esse

assunto é mostrado pela imprensa. Se a imprensa não mostra, um ou outro vai ficar sabendo disso, mas se é mostrado as pessoas fazem manifestações a respeito daquilo, que nem no Rio de Janeiro a morte do João Hélio, etc. As pessoas se mobilizam para isso. Então a polícia, a secretaria de segurança, ao governo do Estado são obrigados a fazerem alguma coisa, então eu acho que o jornalista pauta sim a conduta da sociedade, dos outros órgãos.

Pode aumentar a dimensão...

Pode aumentar a dimensão ou dar a dimensão real que aquilo tem. Que seria encoberto, por baixo do pano, se não fosse mostrado. Então eu acho que existe a mobilização de outros órgãos depois uma coisa é mostrada na imprensa.

7) Qual é o papel social do jornalismo? Existe o interesse econômico, das empresas privadas, mas independente disso, como é que o jornalismo se relaciona com a sociedade ou qual é a importância social do jornalismo?

Eu acho que isso fica mais evidente no jornalismo local. Por exemplo, é superimportante para as comunidades, por exemplo, locais, o jornal local, que vai lá e denuncia que um esgoto está vazando, que denuncia que tem falta de segurança em algum lugar. Eu acho que fica evidente o papel social da denúncia, nesse caso, mais local. Mais geral eu acho que é importante também. Eu acho que conduz um pouco. Eu acho que vai conduzindo a maneira como a política atua, até a econômica, como você falou. Se a gente dá uma notícia no *Em Cima da Hora* ou no Conta Corrente – uma notícia econômica – isso as pessoas estão vendo. Na Bolsa (de valores) em São Paulo, na BM&F, a gente tinha economista que falava: está acontecendo mais ou menos isso, mas não fala bem assim porque isso causa um impacto no mercado, então eu acho que essa via, essa mão dupla eu acho que ela acontece sim. E socialmente eu acho que acontece muito, é muito importante mais principalmente com assuntos menores.

8) E uma última pergunta: como é a relação de um canal de jornalismo 24 horas com a internet? Como que a Globo News lida com a velocidade que a internet traz as notícias já que o objetivo da gente também é colocar as notícias o mais rápido possível, o mais atualizado possível?

Eu acho que as pessoas querem ver as imagens, não só saber da notícia. Eu acho que essa é a diferença. A *internet* pode mostrar a imagem, mas precisa de algum repórter ou alguma câmera lá. Então, a *internet* leva mais rapidamente o assunto, mas eu acho que a televisão leva mais rapidamente a imagem, que eu acho que é isso que comove as pessoas. Elas verem o que aconteceu, o que está acontecendo. É diferente quando você lê. É muito mais frio você ler “um menino foi arrastado por sete quilômetros¹³⁸”, do que você ver uma imagem; a polícia perseguindo um bandido, eu acho que é mais forte a imagem e é o que as pessoas se sentem mais tocadas, eu acho. Eu acho que pode ter uma relação boa de *internet* com televisão se as imagens forem transmitidas pela *internet*. Eu acho que uma coisa não inviabiliza a outra. A gente não é texto só. A gente é imagem. A televisão é feita de imagem, e a *internet* dá rápido, mas ela dá a informação, ela não mostra a imagem. Pode mostrar uma foto, mas não é a mesma coisa do que uma imagem animada. As pessoas eu acho que ficam muito mais comovidas com uma imagem do que com uma foto, ou com um texto.

¹³⁸ No dia 7 de fevereiro de 2007, João Hélio Fernandes, de 7 anos, morreu ao ser arrastado por 7 quilômetros preso ao cinto de segurança do carro da mãe, que havia sido roubado, no subúrbio do Rio.

Anexo 9**Entrevista: Rita Marques****Pesquisadora chefe do CEDOC****15/01/2009****1) Resumo da trajetória profissional e o que faz atualmente no CEDOC.**

Eu estudei na PUC (Rio), me formei em jornalismo e aí comecei aqui no CEDOC como estagiária, eu trabalhava com filmes, eu montava filmes. Eu vi assistia a todos os filmes que a reportagem filmava e vi tudo que tinha importância de arquivo. Eu montava os filmes, dava os títulos e fazia uma sinopse. E isso era a ação inicial do arquivo de imagem, porque é com base na entrada da informação que toda a engrenagem anda. O que eu guardo aqui é o que a Vera (outra funcionária do CEDOC) faz a pesquisa. Então tudo se inicia aqui. A gente recebe todo o bruto que o jornalismo faz, na verdade, o bruto e o editado. O que vai ao ar, o que é exibido, a gente arquiva automaticamente e a parte bruta a gente seleciona e escolhe, em termos de imagem e assunto, o que é interessante a gente manter em arquivo. Então, esse volume para mim é o volume mais rico, porque você tem muitas imagens inéditas, porque quando você edita o vídeo, você põe um minuto no ar, trinta segundos, um minuto e dez, e você grava para aquilo dez minutos, oito minutos, quinze minutos. Então, isso para mim é uma função história muito importante: além de você ter o fato jornalístico, você ter a notícia em cima da hora, você forma também um acervo histórico. Você pode saber qual foi o primeiro discurso do Lula na primeira assembleia dos metalúrgicos em São Bernardo do Campo. Você pode saber como aquele ator começou. Você pode saber daquele modelo, qual foi o primeiro desfile que ele desfilou. Enfim, você tem história sobre vários aspectos: econômica, política, cultural.

2) Como é feita essa seleção? Qual é o critério que você usa para armazenar?

O critério que a gente usa é: a importância da imagem em si – a gente tem um banco de imagens então, por exemplo, se o cinegrafista foi fazer uma matéria sobre chuva no Rio, se ele fez aspectos do Rio, a cidade do Rio de Janeiro, eu vou pegar essas

imagens do Rio de Janeiro e vou montar um arquivo de cenas do Rio de Janeiro, que são cenas de apoio que vão servir em qualquer outra matéria. Além de eu ter a reportagem arquivada sobre a chuva no Rio de Janeiro eu posso guardar aspectos da cidade, que podem me mostrar como era tal rua um ano atrás, cinco anos atrás; e você tem a importância do assunto. Por exemplo, entrevistas relevantes, a gente arquiva todas. Arquivo bruto. Porque você tem aquela pessoa falando sobre vários temas. Eu vou usar um determinado tema para uma determinada notícia, mas eu vou ter aquilo para usar de muitas outras formas. Por exemplo, o programa *Arquivo N*¹³⁹ utiliza muita entrevista. Então você pode ter Gerchman¹⁴⁰ falando sobre o Hélio Oiticica. Quer dizer, quem foi lá ouvir o Gerchman não foi ouvir sobre o Hélio Oiticica, foi ouvir sobre a pintura dele. Mas ele acaba contando coisas sobre outros artistas, então isso para a gente vai servir numa outra possibilidade. Então esse critério é um critério subjetivo, não é um critério fechado.

É muito importante ser dito que aqui é um arquivo muito dinâmico, muito vivo. Porque quando você fala em arquivo você imagina uma coisa estática. O nosso arquivo é um arquivo pulsante, porque ele acontece todo dia, tem muitas utilizações, então por isso ele é muito subjetivo, e por isso ele é muito amplo. Eu posso dizer que o Centro de Documentação tem absolutamente tudo. Vai ser muito difícil para gente não ter alguma coisa, mesmo que seja uma imagem antiga. Porque a gente compra material, a gente permuta material, a gente troca material. O que ele tem de melhor é isso, ele é uma coisa muito dinâmica, muito viva.

3) E tecnicamente, como é que isso é feito?

Tecnicamente a gente recebe uma mídia, que hoje em dia é disco ótico – isso já foi filme de 16 milímetros, já foi *fita u-matic*, já foi a beta e agora a gente está no disco ótico, e a gente está caminhando para ter tudo no servidor num sistema digital, para a gente não ter mais a mídia fisicamente, esse é o nosso futuro. Então a gente recebe esse material, recebe essa mídia, assiste e faz uma reedição daquilo. Você copia para acervo aquilo que você acha importante do que está vendo. E aí é feita uma sinopse. Você

¹³⁹ Programa de 23 minutos da **Globo News** que utiliza imagens de arquivo e entrevistas atuais e inéditas para analisar a história de pessoas e fatos importantes do Brasil e do mundo.

¹⁴⁰ Rubens Gerchman, artista plástico brasileiro.

decupa, imagem por imagem, descreve aquilo que está acontecendo. Isso também é um sistema que agora a gente está revendo, porque é um volume muito grande. Porque eu não posso me dar ao luxo de ficar decupando cena por cena. Eu tenho que fazer uma coisa mais abrangente que é para eu poder ter aquilo indexado de alguma maneira. E a gente acha isso numa indexação que é uma mistura de linguagem livre com termos-chaves. Você tem assuntos e identidades. Então isso faz com que a nossa busca seja exatamente o que você quer, ela responde ao seu pedido. Não é só uma busca livre, que se você colocar Lula vai sair o presidente, vai sair o animal e vai sair o cara que joga futebol. Se você quer o presidente, você vai ter só documentos com o presidente, porque é uma linguagem controlada na identidade.

E você guarda isso em disco?

Guardamos em disco ótico, quer dizer, a gente tem um acervo enorme em filme 16 mm, nós temos a *fita u-matic* – que é a pior mídia que existe, é uma fita química, ela oxida, ela perde o som, a cor, pior arquivo que já existiu – a gente guarda... me perdi um pouco...

Só para entender. A TV Globo começa a armazenar em que década?

A gente começou a guardar no CEDOC a partir de 77, quando surgiu o arquivo de imagem. Na época, não era tudo. Hoje se arquiva tudo. Na época não. Na época era assim: os editores do jornal entregavam ao CEDOC o que eles achavam importante. As pessoas entregavam para a gente. A gente só recebia, não tinha autonomia, não era o nosso trabalho, que a gente avaliava. A partir de 1980, a gente começou a selecionar. E aí a gente entrou no fluxo da empresa, ou seja, não há mídia gravada no jornalismo, que exista na empresa, sem entrar aqui no CEDOC. O CEDOC está dentro do fluxo. Não há nenhuma mídia que seja apagada do jornalismo que não passe pelo CEDOC. Quem apaga aquela reportagem, efetivamente, é o Centro de Documentação. A decisão é dele.

4) Na questão do *Em Cima da Hora*, especificamente, que é um jornal impossível de você guardarem todas as edições por dia, como é que vocês encaram isso?

O que é importante para mim no *Em Cima da Hora*? É importante o furo que o *Em Cima da Hora* dá, é importante usar os vivos que o *Em Cima da Hora* dá, e, principalmente, a forma como ele dá. Porque a gente guarda os telejornais para ver a parte editorial: como que aquele jornal trata aquela notícia. Qual foi a apuração daquele jornal. Então isso para a gente é muito importante, porque o *Em Cima da Hora* está sempre dando um furo. Então, para mim, é superimportante ter o furo que ele deu, a primeira notícia, a primeira vez que aquela notícia foi ao ar provavelmente foi no *Em Cima da Hora*. É a função dele. Então para mim é superimportante manter isso. O que a Globo News começou a fazer? Ela começou a montar para gente. Por exemplo, hoje, dia 15, ao final do dia ela vai montar para a gente o que o *Em Cima da Hora* teve de novidade, de furo, o que só ele deu.

Quem faz isso? É alguém do CEDOC ou alguém da Globo News?

É alguém da **Globo News**. Isso é montado e entregue para a gente.

Diariamente?

Não é uma coisa diária. É uma coisa esporádica. Mas é uma coisa que ocorre e aí a gente arquiva o que é importante o que o *Em Cima da Hora* deu.

5) Como é que você vê o CEDOC no futuro?

Eu vejo o CEDOC no futuro como um lugar que vai criar o conteúdo também. Ele vai produzir conteúdo também. Ele vai analisar aquilo que ele está vendo e vai criar um produto a partir daquilo. É como a gente fez com o *Arquivo N*, que foi um produto criado a partir do que nós temos acervado. E ele até olha coisas novas. Ele não fala só sobre o passado. Esses dois últimos programas, por exemplo, a gente analisou a ONU, mas a gente saiu de um fato que aconteceu: os EUA se abstiveram de votar o cessar-fogo. A gente parte disso para discutir o que é a ONU? Qual é o papel da ONU? Então a gente mescla alguns temas antigos, como efemérides, com alguns temas atuais.

Ele vai ter que ser um arquivo mais dinâmico. Ele não vai poder ter essa decupagem que se faz hoje, porque a gente vai ter que usar as coisas novas que estão acontecendo. Outro tipo de sistema mais novo. E a gente vai partir mais para isso, para

criar coisas, para oferecer coisas na empresa. Um arquivo mais inteligente, não só uma coisa de armazenamento. Sobretudo de saída de informação.

6) E com cada vez mais imagem de celular, esses outros tipos de mídia que estão dialogando com o jornalismo, vocês também estão pensando em como armazenar essas imagens?

A gente não está pensando em armazenar isso, porque como acervo de imagem, a nossa imagem tem que ter conteúdo de vídeo, ela tem que ser boa tecnicamente. E as imagens que são feitas através de celulares, através de *mini-dvs* e mini câmeras são imagens que não são tão boas. E a gente está fazendo um acervo de imagens com qualidade técnica. A não ser que, obviamente, seja o furo do furo. Tudo que for uma imagem que seja um furo flagrante a gente vai acervar independente de ela ter sido gravada pelo *iphone*, mas a gente sempre prima por ter a qualidade.

7) Tecnicamente, como é que vai ser esse armazenamento no futuro?

A gente imagina que seja assim: um cinegrafista gravou a imagem no disco óptico. Quando ele chegar na empresa, vai “ingestar” (introduzir) aquela imagem num servidor geral. E, a partir da hora que ele “ingestar” essa imagem, o editor de texto, o editor de imagem, a pessoa que vai fazer o arquivo já vão poder acessar aquilo imediatamente e simultaneamente. Enquanto um está fazendo a edição do VT, eu já posso, aqui no *CEDOC*, estar vendo o que chegou e dizendo “essa imagem é importante, eu quero esse bruto”, e já vou guardá-lo com uma indexação. Eu já vou dizer o que está acontecendo ali. Porque isso também é um ponto muito importante: a entrada da informação, na emissora, é importante que ela entre acompanhada de uma informação, porque se ela entra só com uma retransmissão, você não tem como utilizar aquilo rapidamente. Então, o ideal é: a imagem entrou na emissora, ela é, imediatamente, identificada corretamente, ela tem uma informação.

E esse tipo de armazenamento demora ainda para acontecer? Porque na Globo News a gente já começa a não usar mais disco para editar.

Pois é, vocês já estão bem mais a frente nisso. Eu acho que, aqui na TV Globo ainda vai levar um tempo. É um processo muito complexo, muito amplo. Eu estou falando isso extra-oficialmente, estou falando isso da minha experiência do que eu vivo no dia-a-dia. Eu acho que é uma coisa que vai levar uns anos, mas eu acho que o caminho é esse, sem dúvida. É um caminho sem volta.

8) Diante dessa riqueza que a gente tem aqui no CEDOC, como é que vocês dialogam com a sociedade, com quem está fora da TV Globo?

Tem a filmoteca Global, que atende a parte de escolas e universidade...

Existe uma preocupação de disponibilizar isso?

Existe uma preocupação. Tem a área da Sílvia Fiúza, que faz o contato com as universidades, e tem o site onde ela coloca imagens nossa lá. Mas não é uma coisa da gente, do CEDOC. É uma área que não é nossa, mas se utiliza o que a gente tem como acervo. Seria ideal você entrevistá-la, ela é uma boa pessoa para completar isso. Porque ela faz essa parte de falar com o povo externo.

Anexo 10**Entrevista: Rosa Magalhães****Diretora de Desenvolvimento de Novas Mídias da TV Globo****13/01/2009****1) Resumo da trajetória profissional**

Meu nome profissional é Rosa Magalhães, meu nome de batismo é Rosa Maria Magalhães Gonçalves. Eu comecei na Globo como *trainee*, eu já tinha começado jornalismo na Rádio Tupi, fiz estágio lá. Depois larguei um pouco o jornalismo de mão, fiz *free lancer* e comecei a fazer História. Depois fui trabalhar na Fundação Getúlio Vargas, no Centro de Documentação – o CPDOC – como bolsista do CNPQ, na época, e já estava assim em dúvida se eu ia seguir jornalismo ou não, se eu ia continuar com a pesquisa histórica. Tem alguma coisa a ver ‘né’?

Tem mais do que a gente imagina...

Tem mais do que a gente imagina.

A tendência é separar, mas acho que tem mais do que a gente imagina...

É, tem mais do que a gente imagina, tanto que eu senti necessidade de fazer História quando acabei a faculdade de jornalismo. Vim para a Globo em 81, fiz um ano de curso de *trainee*, fui trabalhar em Salvador como repórter na afiliada da Globo na época, TV Aratu, agora não é mais. Fui para a Bandeirantes Bahia depois, aí fui para a edição, chefei jornal aí voltei para o Rio em 84 e estou aqui até agora. Já fiz tudo na Globo, acho que o único programa que eu não fiz foi o Globo Repórter. Foi o único programa que eu não fiz. Fui da editoria Rio 12 anos, fui editora-chefe do RJ1, RJ2, Rio Comunidade. Quer dizer, comecei ralando como todo mundo, a gente depois resume quando a gente chefia para dar um *plus* no currículo.

Tem dois projetos que eu acho que foram marcantes para mim, não que eu não gostasse de jornalismo local, eu adorei o jornalismo local, a gente desenvolveu o projeto quando do RJ1 voltou com um tempo maior. Na época era eu, Angela Lindenberg – que foi minha companheira na **Globo News** – e a Cláudia Turela também, que está na Globo News agora. Depois eu fui para o Bom Dia Brasil, participei da reformulação do Bom Dia Brasil – eu, Renato Machado, Sandra Moreira – que ele saiu de Brasília mais focado em política, para ser uma revista matinal – isso foi na virada de 95 para 96 – a gente estreou ele em abril de 96. Foi muito importante, uma oportunidade fantástica. E isso eu devo ao Evandro... Começamos o Bom Dia em abril, quando foi início de 97 ele me mandou para a **Globo News**. Fiquei meio tonta assim, porque é uma virada... Você está fechando um jornal e vai cuidar de um canal. E foi uma super escola. De outra fase, que é você não só está ligada na notícia, no produto, mas é você estar ligada também em fechar contas, administrar, em pessoas... Eu apanhei um bocado, mas acho que aprendi muito lá, nesses 11 anos que fiquei lá. Sai da **Globo News** em abril de 2008 e estou agora na área de novas mídias da Central Globo de Jornalismo, há pouquinho tempo. Aprendendo tudo de novo e começando a desenvolver os projetos de conteúdo Globo nessas novas plataformas.

2) Antes de a gente falar sobre as novas mídias, eu queria pedir para você definir a Globo News.

Eu acho assim. A **Globo News**, quando começou, a *internet* era uma coisa muito vaga. Então ela tinha muita função de estar fazendo *hard news* 24 horas. Então, hoje a *internet* é uma coisa muito forte, você tem notícia no celular, você tem notícia no *laptop*, você tem notícia no rádio, em tudo quanto é lugar. Eu acho que hoje a **Globo News** tem que – e isso para mim quando estava lá já era claro – qualificar muito a informação que ela está dando, ela tem que aprofundar cada vez mais o assunto. Além de dar *hard news* muito forte, competir com a *internet* violentamente, ela tem que aprofundar que é isso que a *internet* não faz. Ela tem um elenco muito forte de jornalista, ela tem excelentes correspondentes, tem programas excelentes e o grande diferencial dela, para mim, é ter esses programas jornalísticos de altíssima qualidade. E que abarca várias classes sociais, eu acho que não é só uma coisa de classe AA não. Eu acho que ela está aprimorando bastante a linguagem dela. É claro que é um canal

nichado, é um canal para quem curte informação e notícia do tempo todo, mas acho que ela não fecha a porta. Isso aí é uma concepção bem particular minha.

3) E o *Em Cima da Hora*?

O *Em Cima da Hora* é uma agência de notícia. Ele foi criado para isso. Ele está ali o tempo todo rodando. A grade da **Globo News**, o que eu acho de interessante nela, é não ficar o tempo todo só repetindo notícia. Ela tem um jornal... Agora tem uma edição maior... Desde que eu saí que tem uma edição maior de 10 horas da manhã... Mas eu acho que o interessante dele é está marcado para o cara que, naquela hora, tem um resumo das horas anteriores. Então cada hora cheia vai ter um resumo de meia hora para você. Isso aí é claro para as pessoas, foi bem vendido, está claro. Ele é um resumo dos fatos que estão acontecendo. Uma hora que acontece um fato relevante a gente entra em plantão e não sai mais. Eu costumo dizer que, em 2001, quando houve o ataque às torres gêmeas, a gente fez um plantão direto de 15 dias, a gente não parou. Não parava: programa ao vivo, jornalismo ao vivo, programas sendo fechados referentes ao tema, toda a repercussão do que significava aquele ataque em Nova York. Então eu acho que o *Em Cima da Hora* é isso, é um resumo. Você tem ali rapidinho o que aconteceu até agora. Agora, quando tem notícia relevante ele invade tudo, fica o tempo todo no ar.

4) O que você podia contar sobre o dia da queda do Palocci?

A gente já sabia que ele estava numa situação bastante crítica. “Tava” todo mundo ligado e quando descobriram a história da investigação, vamos chamar assim, do caseiro, ficou uma situação bem insustentável, a gente estava lá com repórter e com a comentarista de política da **Globo News**, Cristiana Lôbo. Assim que a gente soube que ele saiu, nós demos a notícia e começamos, enlouquecidamente, a tentar ver quem ia substituir. E tem aquelas coisas, quem sabe se posicionar se posiciona. Eu estava o tempo todo ligada com a Cristiana. E o interessante é que a Cristiana estava atrás de uma planta escondida para não ser expulsa.

Onde?

No Palácio (do Planalto). E ela viu entrar o assessor do (Guido) Mantega, que ela conhecia. O presidente chamou o Mantega aí quando ela acertou com o cara para dar a informação eu estava no telefone. E aí eu falei então eu vou te transferir. “Está segura disso?” “Estou segura”. Conferimos a informação, ela “pode bancar”. E a gente deu a informação em primeira mão. Não sei se a saída, a gente chegou a dar em primeira mão, não me lembro, mas o nome do Mantega sim, com certeza. Esse detalhe eu não lembro, porque quando começa aquela apuração ninguém checa nada. A gente nunca sabe. A única televisão que a gente vê se deu antes é a CNN, porque está ligada o tempo todo e o pessoal da inter (internacional) está ligado, e engraçado porque às vezes a gente dá antes deles.

Essa da planta eu não sabia...

É ela estava atrás de uma planta, se eu não me engano. É um lugar bom de repórter ficar, atrás de uma palmeira, até porque a gente não pode circular o tempo todo naquelas áreas. A gente tem credencial, mas tem área que a gente não pode. Tem que ficar ali no cantinho vendo quem está passando para não dar problema e ela estava atrás de uma planta. Depois você confirma com ela essa história para ver se a planta não é de outra história, porque essa planta aparece em vários momentos. Então você liga para ela e pergunta “olha, a Rosa contou essa história.” Vê se é isso mesmo que aconteceu. “Ela pediu para conferir com você”¹⁴¹. Porque é muita coisa. Nesses 11 anos foram muitas histórias.

5) O que um jornalista tem que ter para trabalhar em televisão ou especificamente na Globo News? Quem é esse jornalista de hoje? Se é que dá para a gente traçar esse perfil.

Existem várias demandas no mercado. Se você for olhar, assim, é o cara que pode trabalhar num portal, é jovem, acabou de sair da faculdade... Depende, se ele está dando *copy page* em página de agência, ele pode. O que não é o caso de um trabalho feito num canal, principalmente das Organizações Globo, onde a gente tem um canal de notícias criado há 12 anos, numa televisão que tem 40 e poucos anos de experiência e

¹⁴¹ Pelo telefone, a comentarista de política da Globo News, Cristiana Lobo, confirmou que estava atrás de uma árvore no Palácio do Planalto quando viu o assessor do futuro ministro Guido Mantega passar.

um jornalismo altamente respeitado, qualificado. Então o trabalho na **Globo News** é um trabalho muito específico, ele exige que as pessoas estudem, muito. Ele exige que as pessoas tenham muito conhecimento – você sabe disso porque você começou lá. A gente tem que estar atento a tudo, porque você pode estar ali fazendo nacional e precisar que você corra para ajudar a inter (editoria internacional), então você não pode ficar perguntando quem é o Hesbollah, quem é o líder do Hesbollah, quem é o primeiro-ministro do Hamas, quem é o cara que morreu na Cisjordânia, você tem que estar por dentro de tudo. Assim como exige do nosso apresentador, os nossos editores e os nossos repórteres têm a necessidade de ter um conhecimento amplo, uma área de interesse ampla. Isso sem falar no comentarista, que é o cara que é mais específico, que é o cara que desenvolve mais uma análise de um assunto que ele domine.

Eu acho que tem, hoje, a necessidade daquele *self made man*, daquele jornalista multimídia – o cara que sai, sabe escrever, sabe postar da rua, sabe editar, tira foto, grava uma entrevista – tem a necessidade desse cara, por causa da agilidade do jornalismo na web; e isso tem sido uma necessidade, inclusive, no jornalista que trabalha para a web da CGJ (Central Globo de Jornalismo) e tem o jornalismo que tem que ter muito conhecimento. Não adianta, eu já falei para os meninos assim: a tecnologia não é nada, a gente aprende rápido. As novas gerações nascem... Isso faz parte da vida delas. Você editar um vídeo em casa, postar um vídeo no *You Tube*, agora, você ter o que postar, você escrever um blog interessante que interesse aos seus pares, isso requer que você estude. Se é na prensa do Gutenberg ou se é no *You Tube*, não faz muita diferença, isso é só meio. O que se continua exigindo do jornalista é que ele tenha conhecimento. Que ele domine uma gama de assuntos tais que ele possa ser realmente esse intermediário entre uma pessoa que está fazendo outras coisas mais quer se informar – porque na verdade é isso, você está servindo a um público que está fazendo mil outras coisas e você é o profissional que está ali: “olha, o que está acontecendo é isso. Isso tem importância, isso não tem.” Você é um balizador para ele. De qualquer jeito, seja publicando na *internet*, seja tal... Na hora que você publica primeiro uma notícia do que a outra você já está dando para ele algum juízo de valor, algum parâmetro, alguma hierarquia. Então você é um especialista em contar histórias. E para você contar bem história, você tem que conhecer um pouco de História. Como é que você vai dizer “olha, gente, prestar atenção nessa data. Está fazendo 50 anos da morte de fulano”, se você não sabe quem esse cara é. Como é que você vai dizer, “olha morreu um ator”, quem é esse cara? Esse cara é um ícone de uma geração, então as pessoas têm

que ter humildade de estudar, tem que estudar. Aliás, nenhum profissional pode parar de estudar, não é só o jornalista, é o médico, o engenheiro, faz parte.

6) O que você está fazendo hoje?

Hoje eu estou pesquisando algumas áreas que são novas para o conteúdo de jornalismo. TV interativa, como é que a gente vai fazer mídia fora de casa, que são todos esses aparelhos onde você pode colocar notícia – em barca, metrô, supermercado, shopping center – a gente vai ver como é que entra nisso e celular especificamente. E toda interface que ele tem com a *internet*. Então isso eu estou estudando, estou produzindo projetos, juntos com vários outros colegas da superintendência de comercialização, da CGJ (Central Globo de Jornalismo), pessoal da informática, pessoal de engenharia, tem um grupo ligado a esses projetos novos.

Isso é um entendimento que a Globo hoje ela não é uma televisão só, ela é uma produtora de conteúdo. Ela tinha experiência, inclusive em novas mídias, mas em TV também, *TV a cabo*. A TV já é uma evolução do jornal, mas ela ganhou uma dimensão completamente diferente, ela tem uma outra linguagem. TV e jornal não têm nada a ver. Mas hoje ela (a Globo) se entende como uma produtora de conteúdo, o conteúdo Globo quer estar em que aparelho for, mas junto das pessoas – quem consome a marca Globo e tem confiança na marca Globo.

E isso não necessariamente está ligado só à informação?

Informação. Ligado tudo a jornalismo. Essa pesquisa é ligada ao telejornalismo. Tem outras pessoas que pesquisa dramaturgia, tal...

7) Não sei se é cedo ou não, mas dá para a gente deslumbrar o que vai ser o telejornalismo mais para frente?

Não sei. Tudo é um “achismo” agora. Para mim, parte de uma linha de que eu entendo que a nossa função, como intermediário dessa informação, ela vai continuar. Agora, entendo também que hoje produzir notícia, estar perto da notícia é uma coisa que qualquer cidadão está. O celular permite que ele filme, que ele poste um acidente, que

ele poste um flagrante legal, agora, aquele profissional qualificado que aponta tendências, que analisa, que te dá prioridades e te informa, esse cara vai ter que estar cada mais, mais, mais graduado. Não dá. Tabula rasa não dá, porque a tabula rasa esbarra no cidadão comum, que é bacana. Quem são os *blogs*, os *blogueiros*? Nos Estados Unidos, os *blogs* de maiores sucessos são feitos ou por profissionais do jornalismo ou por pessoas que são especialistas na área. Então tem um *blog* que analisa defesa, que é de um ex-general. Tem um *blog* que analisa avanços científicos é de ex-médicos, entendeu? Tem um ex-engenheiro que faz um monte de análise, quando teve essas quedas de pontes, o cara entra, fala, busca outros engenheiros. Então a comunicação entre as pessoas independe do jornalista, totalmente.

Mas essas pessoas não são jornalistas, qual é a diferença?

Eles são especialistas, eles estão conversando entre si quase. O interesse deles é fazer comunidades. Eles não têm preocupação de tradução, de hierarquização. Pelo o que a gente está vendo, neste momento, transição de 2008 para 2009, os *blogs* de sucesso. As pessoas querem se comunicar com os seus pares. Elas não têm a preocupação com a comunicação de massa, quem tem isso é o profissional. Fazer-se entender pela pessoa com nível de escolaridade zero até o professor universitário requer certo trabalho de linguagem, entender o que interessa para aquela comunidade é outra qualidade, a gente aprende pela qualificação que a gente tem, a gente vai aprendendo.

O interessante se a gente olhar pelo relatório que sai – deve estar saindo agora – sai um pequeno *high light* dele que se chama *The Spirit of the News Media*, é feito por uma grande uma grande organização americana. Sai tudo, notícia em *pay TV*, notícia em rádio, na imprensa americana. Se você for olhar a questão do *blog*, eles vão alertar para que os *blogs* fazem sucesso: ou ele é ligado ao profissional do jornalismo ou a um grande especialista. Seja ele em literatura, seja ele em armamento, seja ele o analista de política. Talvez o jornalista de política consiga ser mais amplo do que um cara que é analista de engenharia, um cara ligado a questões militares, que são “caras” mais fechados, que conversam entre si. Mas eles influenciam. A gente não pode esquecer que quando aquele candidato americano democrata que não passou... John Kerry, que foi contar um monte de “cascata” sobre a participação dele no Vietnã – desculpe a palavra cascata, mas era – ele se colocou em situações, para a gente se mais politicamente correta para não ficar nos anais da universidade chamando o John Kerry de “cascateiro”,

não vem ao caso – mas ele não foi muito preciso ao falar onde ele estava e em que situações ele participou da guerra. Tinha um *blog* de veteranos da guerra do Vietnã. Acabaram com ele. Porque aí também a mídia vai e olha aquele *blog*, então a mídia acaba balizando ou não o *blogueiro*. É um negócio interessante, eu acho que tanto a *web* produz os seus *hits*, como também ela precise que a grande mídia sinalize que aquele cara vale à pena ler.

Onde entra o telejornalismo nisso tudo?

O telejornalismo no Brasil – não posso analisar em outro lugar do mundo porque a mídia que eu mais acompanho é a americana e a inglesa, mesmo assim eu não estou lá para conversar com os ingleses e com os americanos, e sim lendo artigos e isso já dá outra visão, então não gosto... – aqui eu acho que a gente tem uma especificidade. O brasileiro tem uma ligação com a televisão muito maior. Nós temos um índice de analfabetos enorme, que realmente usam a televisão para se informar. Elas precisam da televisão, elas precisam do rádio, nem todos sabem ler, nem todas têm dinheiro para comprar jornal. Então o nosso papel é um papel bem diferente do que outros talvez do telejornalismo americano. Até porque, por exemplo, quantos canais a cabo de jornalismo têm nos Estados Unidos que são acessíveis ao grande público? São vários: NSNBC, CNN, FOZ NEWS, as regionais – NEW YORK ONE – então são várias que dão notícia o tempo todo. Nos Estados Unidos o canal a cabo é... Aqui são 2% de penetração, lá é acessível a todo mundo. As fontes de informação são muito mais diversificadas do que a nossa, porque a nossa é toda aberta.

8) Essas outras mídias – a imagem de celular – elas tendem a convergir para o telejornalismo. O telejornalismo vai usar esse tipo de recurso cada vez mais?

Sempre foram. Se você for olhar, antigamente era a Super 8, que o cara pegava um flagrante. Depois foi o VHS, com aquelas câmeras horrorosas, que todo mundo pegava. A gente tinha aqui no Rio um cara que era correspondente da Via Dutra, tudo quanto era acidente ele estava lá. Ele comprou uma camerazinha e ficava lá. Ele trabalhava num táxi, se eu não me engano, e ele era correspondente. A gente comprava imagem dele para o RJ, para o Bom Dia Rio.

O que eu acho que é legal agora é que está tudo muito a disposição das pessoas. Eu acho que democratiza a informação. Isso é legal. Quer dizer, outras pessoas podem dar a sua visão e não ser só para nós, jornalistas aquela coisa meio arrogante de que só nós podemos dar esse olhar. O nosso olhar tem uma função. Para mim, a nossa preocupação é atingir o todo, mesmo que a gente nunca atinja, que a gente tenha sete pontos de audiência, ou 40 ou 39, mas todo jornalista de televisão, de rádio, ele pensa em atingir o todo, ele não segmenta. A não ser, é claro, a gente está falando de um canal específico que é a **Globo News**, ela segmenta sim, segmenta por classe social também, por nós estarmos num país economicamente ainda desigual, muito desigual. E segmenta por assunto também: são programas de internacional, são programas de economia. Mas a TV aberta, que é o nosso universo mais aqui no país, aonde o telejornalismo chega de maneira avassaladora, eu acho que a gente vai ter esse papel durante um bom tempo, porque precisa mudar muitas outras coisas para que a gente perca esse papel.

Tem a ver com a credibilidade também?

Tem, tem. Mas aí você poderia ter conteúdo Globo em celular. Já tem *internet*, *TV a cabo*. Se você tem a credibilidade da Globo, você está falando da credibilidade da Globo, de uma Bandeirantes, que são as mais tradicionais, as emissoras mais antigas no país. A Bandeirantes sempre investia em telejornalismo, parou um pouco, agora está voltando. Ela teve um papel importante nos anos 80 com ancoragem de jornal, a gente não pode esquecer a Band nessa virada da ditadura da democracia porque ela teve um papel muito forte: Joelmir Beting ancorando jornal, era um cara opinativo, como foi a chegada no Boris (Boris Casoy) no SBT. Mas a TV aberta eu acho que a gente tem uma ligação forte com ela. Hoje eu posso dizer para você que essa ligação tem aspectos econômicos, tem aspectos psicológicos, tem aspectos culturais. Eu não sei se quando essa economia crescer a tal ponto, tudo isso muda. Talvez mude, não sei. É tudo bola de cristal. Talvez mude. Mas o que a gente tem que estar, na nossa função, é preparado para estar em qualquer mídia. Estar em qualquer mídia levando a sempre credibilidade.

Quando eu falo de credibilidade quero dizer que a mesma notícia, a mesma informação, dada num blog e que está ou na Globo News ou num canal de TV aberta as pessoas tendem a balizar...

Tende a balizar na **Globo News**, ou na CNN, ou qualquer outra, e a Fox, a NBC ou CBS – no caso americano – ou na Televisa – no caso mexicano. Quando o referendo ainda é a mídia tradicional. Ela não é tradicional no sentido pejorativo, ela é tradicional porque ela já tem um trabalho enraizado na sociedade. As pessoas conhecem o trabalho desses canais todos. E também a gente não pode esquecer que essa mídia tradicional hoje tem todo seu espelho na mídia nova: tem seus sites, tem seus *blogs*, os seus jornalistas. Ela está espelhada. Eu acho que essa *web 2.0* chega com um conteúdo colaborativo, mas chega também mostrando a reação forte dos grandes produtores de conteúdo jornalísticos e de entretenimento do mundo. E o interessante é que você disputa um *Google* com uma CBS, com uma Globo. É interessante ter já um *player* forte nessa área. Que vem da nova mídia, e que já é mídia tradicional. O *Google* tem 10 anos, mas se você for olhar o *Google* já é mídia tradicional. E ela está enfrentando problemas que nós todos estamos enfrentando: como monetizar o *You Tube*. Como é que a gente monetiza fortemente a Globo.com? O Terra? Esses portais são portais bancados pela estrutura maior do que eles geram de receita. Tem uma estrutura muito maior, tradicional, que banca essa experiência na nova mídia. Eles não estão se pagando. O *Google* até se paga, mas o *You Tube* não se paga. Eles ainda não encontraram como monetizar o *You Tube*, então eles estão tendo problemas que a CBS, que a Microsoft tem, problemas que as empresas tradicionais têm. Só não tem problema quem pega a sua camerazinha mete no *You Tube* e não quer saber que banda é, que nada. Porque quem está querendo transformar em *business*, em produto cultural – não só no sentido de entretenimento, mas de cultura mesmo, alta cultura, porque pode ser – aqui cabe tudo, na *internet* cabe tudo. Cabe as experiências mais inovadoras, cabe as discussões mais legais, cabe as maiores bobagens. Isso é o que eu acho mais legal. Ninguém faz a sua grade na *internet*. Quem vai a sua grade é você e isso é uma coisa muito interessante.

Falando sobre a questão da imagem na internet.

Tecnicamente ou de credibilidade?

Fazendo uma comparação, quando você dá uma informação na TV e mostra a imagem, ela tem um impacto e ela tem uma veracidade muito maior do que a internet que só tem a mesma notícia em texto.

Se bem que a imagem está cada vez mais presente. Se você for a sites de portais ligados à televisão vai estar lá a imagem. O G1 (g1.com.br – site de jornalismo das Organizações Globo) tem todas as imagens da **Globo News**, da Globo, o Terra tem imagens, o jornal O Dia está produzindo imagens, o jornal O Globo está produzindo imagens. A gente tem um desafio muito grande: a gente precisa mudar a linguagem do telejornalismo. A linguagem manchettata, a linguagem empolada, o texto distante ele vai morrer. Porque o que vai prender a pessoa a essa TV é a relação que ela estabelece com os profissionais da mídia: credibilidade, confiança. E isso não dá para você fazer falando: “a polícia prende...”, priorizando o repórter à notícia, texto que ninguém entende, postura distante.

Isso necessariamente passa pela informalidade?

Passa não só pela informalidade, mas por estabelecer novas relações. Se você olhar, o texto já foi muito mais empolado, o repórter não aparecida. Na década de 80 a Globo marca muito forte esse padrão de jornalismo: botar o repórter, o repórter estabelecer ligação com essas pessoas. Qual é o limite entre o seu ego na reportagem e a necessidade que essa reportagem tem que você apareça.

Vira regra...

Não pode ser regra, não precisa ser regra. Você não precisa aparecer em tudo, você não precisa estar dando pirueta, a gente não precisa colocar repórter em tudo, o repórter tem que entrar numa matéria fantástica, mostrando qual é o diferencial dele daquele jornal que ele está vendo. Então passa por informalidade, mas eu acho que passa por outra coisa: passa pelo total conhecimento das coisas, porque aí você fala naturalmente. Se você domina um assunto, você não precisa guardar texto, escrever texto, decorar texto, ficar empolado. Se você tem certeza do que você está fazendo, você faz. Se você reparar alguns comentaristas – vou citar a Cristiana (Cristiana Lôbo – comentarista de política da **Globo News**) porque eu já falei dela – a naturalidade como ela passou do jornal para cá (**Globo News**). Outro dia ela me falou que não consegue fazer uma matéria para TV. Sabe fazer, claro que sabe? O que é uma matéria para TV? Talvez ela não saiba fazer um documentário para a televisão, como é o caso do Globo

Repórter, do Profissão Repórter, que mexe também com essa coisa do novo jornalista se colocando nos assuntos, que eu acho que é muito legal porque o cara vai sem vício, mostrando que ele está ali conversando.

A gente tem um problema na televisão, principalmente onde a televisão é a grande indústria do entretenimento, como é o caso do nosso país, não divide. Nos Estados Unidos tem grandes caras dos jornais, aquele filão dos grandes jornalistas do impresso, a indústria de *Hollywood* enorme, então a gente produzia celebridades. Aqui quem produz as celebridades é a televisão e é a Globo. Então essa “espetacularização” da notícia tem limite. Porque na verdade o que a gente está buscando não é tornar a notícia espetacular, é tornar a nossa relação com aquela pessoa o mais próximo, o mais crível. Isso é a minha viagem. Isso são coisas que eu estou vendo. Como as coisas batem para mim. Isso não tem nada a ver com o que a Globo pensa. Algumas coisas nós temos enorme coincidências, outras não, e aqui eu estou dando a entrevista como pessoa física, não como pessoa jurídica.

Mas eu acho que passa por aí. Existe uma indústria enorme por trás de cada jornal que vai, essa indústria enorme tem uma maneira de falar e ela acaba de refletindo naquele âncora. Tanto que você se vê que você tira um âncora e ele se esborracha na concorrência. Porque também tem todo um processo de um trabalho, que já existe na TV Globo, já existe na TV Bandeirantes, porque eu acho também que a Band tem a cara de cobrir as coisas, como existe na **Globo News**, no Sportv. A busca dessa linguagem, de tocar as pessoas, tem que vir lá de baixo: da hora que você pega uma nota até a hora que o Bonner (Wiliam Bonner, *apresentador* do Jornal Nacional) diz “boa noite”. “Como é que eu vou pegar essa nota? O cara está com interesse disso, eu tenho que buscar isso, não ta legal essa nota e o telespectador quer outra coisa.” Você já sabe isso. Quando você senta para bater uma nota no Jornal das Dez, você trabalha lá, você vai olhar e vai dizer assim: “não, isso aqui não é para o público do Jornal das Dez.” Porque já existe toda uma relação que a gente estabeleceu com aquele público que já define o jornal que ele quer. Da mesma maneira que a gente coloca coisas no ar, ele manda *e-mail* para a gente e arrasa quarteirão. E isso é muito legal.

Cada vez mais também o telespectador não apenas recebe a informação...

De jeito nenhum, mas ele ainda vê valor – eu participei de muitas pesquisas qualitativas na **Globo News** – nessa intermediação, ele vê valor nesse profissional que aponta coisas para ele, ele vê esse valor. E a gente não pode perder esse valor sabendo que está chegando aí os primeiros nascidos na era digital na vida real – na vida real, eu digo, trabalhando, produzindo, saindo da casa da mamãe – e ele tem ligação com outras mídias talvez mais fortes do que tem com a TV. Então é um desafio para a gente trazê-lo. Não fica vendo esse jornal só porque está do lado do seu pai, ele tem importância. Ele vai amadurecer também, ele sente necessidade de ter alguns balizadores. Aí você busca balizador onde? No jornal que você acredita no que ele fala, na revista que você acha que tem a ver com a sua maneira de pensa, no programa de rádio que você gosta do âncora, no jornal que você sabe que tem uma linha de seriedade tal que você sabe que se tem uma notícia ali, barriga não é. É crível, ali está o melhor resumo que se tem do país, são as notícias mais bem selecionadas. O importante é que você saiba que você tem que estar em todas as plataformas e a gente vai ter que fazer outra coisa que é muito legal: que é pensar o seu produto em todas as plataformas. Você não está trabalhando somente para o Jornal das Dez, fechado naquele canal 40. Você daqui a pouco vai ter que pensar como é que ele vai estar na *internet*, como é que você quer falar com o seu telespectador no celular, como é que você vai estar em outros lugares, como é que você vai se relacionar, como é que você vai usar as outras mídias para estabelecer um relacionamento e trazer o cara para a televisão, que é quem dá mais dinheiro. Porque isso é *business*, é quem dá mais dinheiro, quem penetra mais na população, quem tem uma penetração de audiência.

Anexo 11

Entrevista: Vera Íris Patesnostró
Diretora de Programas da Globo News

02/05/2006

1) Gostaria que você falasse, resumidamente, o seu trajeto profissional até aqui.

Eu era estudante de jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP, a ECA, mas a minha intenção era fazer jornalismo escrito, trabalhar no (jornal) Estado de São Paulo. Só que no último ano eu tive uma proposta de fazer um pequeno estágio na TV Globo de São Paulo. E então eu fui. Um estágio pequeno. Mas logo depois eles estavam precisando de produtor, lá na TV Globo e aí eles fizeram a proposta de me contratar. Então eu fui e fiquei, e fui contratada. Como logo depois eu me formei, então, como repórter. Naquela época tinha repórteres de vídeo, mas não tantos, tinham menos. Então a gente trabalhava como repórteres fazendo matérias, sem parecer, levantando dados, informações. A equipe ia junto, o cinegrafista gravava, tal, virava uma nota coberta muito disso. Às vezes fazia uma entrevista para complementar a matéria do repórter de vídeo, que era a Marília Gabriela, naquela época, e outros. E também era uma época de filme. Filme preto e branco, às vezes sem som, sem ser sonoro, então, a gente trabalhava realmente fazendo muitas notas, no local. Eu fiquei dois anos lá.

Isso mais ou menos em que ano?

Em 74, até 76. Em 76 eu resolvi que realmente eu não queria ser repórter, porque aí já tinha uma previsão de que a gente tivesse que fazer reportagem de vídeo, e era uma coisa que eu não gosto. Quer dizer, não é o meu perfil. Então eu resolvi sair e ir para os bastidores, definitivamente, para edição. E foi aí que eu gostei mesmo, porque eu acho que era o que eu gostava de fazer, e cresci nos bastidores, atrás das câmeras, fazendo todas as funções possíveis lá em São Paulo: fiz produção, edição, fechava jornal, editava junto com o editor de imagem – aí a gente teve a chegada do equipamento eletrônico, para (fita) beta, aí a gente teve a mudança de ilha (de edição), mudança até de cultura, porque o filme a gente precisava esperar e a beta vinha a fita

gravada a gente já era mais imediatista, a edição era bem mais rápida, mudou uma cultura. Foi uma época de mudança de cultura. E aí eu já era editora do (telejornal) local, do Jornal Hoje, lá em São Paulo, até que a Alice (Maria) me convidou para vir para o Rio de Janeiro, para trabalhar. Me interessou, eu vim. Mudei em 81. E comecei a trabalhar no Jornal Hoje aqui. Trabalhei no Jornal Hoje, mas também trabalhei no (Jornal) Nacional, no Fantástico, no local, ajudei a montar a editoria Rio, porque não tinha ainda. A gente fazia um pouco de tudo, cada hora você estava fazendo uma coisa. Até que também acabei fui convidada para ser editora-chefe do Jornal Hoje, fiquei dois anos lá. Até que saí da TV Globo, em 86, e fiquei dez anos fora da TV Globo, de 86 a 96. Aí eu dei aula em faculdade, escrevi a primeira versão do meu livro (“O texto na TV”), trabalhei em produção independente em campanha política, em certo período, e, em 87, eu fui montar a redação do SBT, de jornalismo, aqui no Rio de Janeiro: naquele projeto do TJ Brasil, do Boris Casoy, era o início. E eu montei uma redação, fui ser editora regional lá, montei uma redação, foi super legal, foi ótimo, um belo trabalho lá. E também depois acabei saindo, aí trabalhei no Globo Ecologia, no Globo Ciência e na Fundação Roberto Marinho, fazendo a supervisão, até que a Alice foi então me buscar para voltar para a TV Globo, antes de a Globo News inaugurar, no projeto, na criação do projeto da Globo News, em julho ou agosto de 96. Aí, estou aqui até hoje. Mais dez anos, “né”?

2) Qual é o seu olhar sobre a mudança que a Globo News sofreu, nesses dez anos?

Vamos falar só um pouquinho do projeto da **Globo News**, no início. A **Globo News** foi pioneira porque, na verdade, era um momento do mercado brasileiro de televisão por assinatura em que tinham duas distribuidoras, programadoras: a TV A, do Grupo Abril e a Globo Sat que foi criada depois da TV A, das Organizações Globo. E aí a Rede Globo decidiu lançar o canal de notícias brasileiro, o primeiro canal. Era uma época que estava chegando a CNN no Brasil, a CNN internacional, e a CNN dizia também que ia lançar um canal em língua espanhola, então, a Organizações Globo, rapidamente, tomaram a frente, e logo lançaram o canal. O canal era um projeto completamente ousado, vamos dizer assim, no sentido de que não tinha um modelo, um modelo, que tinha era a CNN, que tinha começado em 1980. Além disso, não adiantava trazer o modelo da CNN para o Brasil, até porque já tinha a CNN internacional, então ia ficar uma coisa muito semelhante. Então a criação da **Globo News** foi de um trabalho

muito pesado, muito extenso, intenso, porque a ideia foi fazer um canal de notícias com um ponto de vista brasileiro. Não era só copiar, precisava transformá-la (a **Globo News**) numa coisa que o público brasileiro, e uma vez que a TV Globo tinha conhecimento do público brasileiro, do que é fazer jornalismo, porque tinha essa estrutura, então a ideia da TV Globo foi essa. Era usar os seus valores, os seus trunfos – estruturas, até profissionais, que vieram emprestados – para criar esse canal de jornalismo com a credibilidade e a história que ela já tinha conquistado. Então foi aí que chamou a Alice para montar esse canal. O canal, tanto a redação quanto a implantação do canal, foi montado em 6/7 meses, um projeto super econômico – foram gastos 10 milhões de reais, investidos, “né”? Pagos pelos quarenta primeiros patrocinadores do canal – e ele então tinha novidades da engenharia, a engenharia trouxe novidades como o pedal do *teleprompter*, por quê? Porque não tinha dinheiro para ter operador de *teleprompter*, mas isso, então como fazer? Adaptou-se o *teleprompter* para o apresentador. Só tem aqui. Hoje, a gente vê que é até uma vantagem porque o apresentador movimentando o *teleprompter*, na **Globo News**, que tem uma característica do improviso, da atualização, - aquela cabeça (*lead* da matéria que o apresentador lê para chamar a matéria) é velha - então ele sabe como tira e tal. Então você vê, o que foi uma novidade da engenharia, foi um susto, pedal, e tal, uma mudança de cultura, acabou que na **Globo News** incorporou-se. E todas as outras novidades trazidas. A redação ter sido formada de jovens: 60% de recém saídos da universidade, que fizeram um cursinho rápido de telejornalismo, onde eles estavam aprendendo a ser polivalentes, a trabalhar em todas as frentes do jornalismo. E hoje você vê, dez anos depois você percebe que a gente tem apresentadores, repórteres que editam, produtores que podem apresentar, repórteres que vão para a rua ou produzem, ou editam, então essa outra característica que se você pegar da evolução da **Globo News**, você pegou pessoas virgens. Porque também tinham as mais experientes, que foram necessárias na redação para dar a sustentabilidade do canal.

Mas, naquela época, era mais do que fundamental, porque você não podia pegar a redação inteira de gente jovem. Então você pegou gente sabia trabalhado em televisão, que já tinha trabalhado em telejornalismo, num outro momento, num momento de grande risco, onde a própria operação era até mais arriscada, e s faziam coisas. Essas pessoas já tinham essa experiência, podiam passar essa experiência, fazer a troca, ensinar a essa maior parte da redação, que era a redação mais jovem, que tinha um aprendizado já diferenciado, onde eles trabalhariam e seriam os profissionais do futuro, onde eles têm o processo inteiro na cabeça, e podem atuar em várias frentes, e com isso

eles têm um entendimento do trabalho da televisão, do telejornalismo, muito mais amplo, muito maior. E hoje, dez anos depois, a gente vê que, porque eles começaram com esse aprendizado já diferenciado, eles têm possibilidade de improvisar, de estar na frente da câmera. E a gente tem pessoas que, em dez anos, amadureceram tanto que passaram para um patamar de primeiro time da Rede Globo. Talvez eles demorassem mais tempo. A Renata Vasconcelos (apresentadora do Bom Dia Brasil) e o Márcio (Gomes), que acho que foram os primeiros que passaram, já uns quatro anos. O primeiro emprego deles, onde eles deram o pulo, o trampolim foi de um a seis, sete anos, foi muito rápido. Na verdade essa evolução teve isso. E outras coisas também que a **Globo News** já começou com uma grade de *hard news* e programas: essa foi a grande mudança em relação a CNN. E outros modelos de canal exclusivo de jornalismo da época, por quê? Porque eles eram, basicamente, *hard news*, só. A grade, aqui na TV Globo, já saiu com a ideia de meia hora de *hard news*, meia hora de programas. O que seriam os programas? O aprofundamento da notícia. O complemento, o comentário, a análise. E aí, ao longo dos dez anos, o que aconteceu? Por exemplo, você tem um (programa) Sem Fronteiras, um Milênio, que analisam e comentam, com grandes talentos do jornalismo, de uma forma mais consistente, um produto que não é da TV aberta, que só pode ser na TV fechada, o assunto do dia.

É uma maturidade maior da própria notícia.

Exatamente. E da semana. Então é ideia: continua sendo *hard news* – a semana inteira, os jornais ***Em Cima da Hora***, que é o de *hard news*, eles dão, dão, dão, o assunto mais quente da semana, gás na Bolívia, por exemplo. O Sem Fronteiras pega aquele assunto e dá uma destrinchada, dá uma analisada, põe um economista, ouve em Nova York, ouve em Londres, ouve na América Latina, você tem visões mais amplas daquele assunto. É sempre isso. O conceito da **Globo News** é *hard news*, *hard news* mais aprofundamento da notícia. E isso só evoluiu. Quer dizer, na verdade começou assim, de forma precária, porque tanto o *hard news* quanto os programas ainda eram tentativas, experimentações. O ***Em Cima da Hora***, que é referência para o assinante, acho que esse é o principal do *hard news*, é o jornal que perpassa a programação inteira, começando às 7h da manhã, indo até a meia noite, de madrugada os jornais de 5 minutos, mas enfim, ele perpassa às 24 horas do dia, atravessa a programação, acho que isso é uma característica.

Acho que é a ideia que está no seu livro de jornal em cascata.

Cascata. Eu adoro essa palavra. O jornal que atravessa a programação e, na verdade, um jornal só, se a gente quiser analisar, porque ele vai se avolumando, sendo acrescentado de informação, de um assunto ou de outro –às vezes é um assunto que vai crescendo – com *áudio tape* do correspondente, com imagem de arquivo, com análise de comentarista, que faz com que o *Em Cima da Hora* atravesse a programação com o seu *hard news* e já com esse conceito de aprofundamento. Sendo que, no Jornal das Dez, que é o Jornal Nacional da Globo News, que é o jornal nobre, esses assuntos todos são arredondados de forma que o telespectador, ou o assinante, assista ao factual e ao mesmo tempo já ter ali, do lado daquele factual importante, junto ali, uma discussão, um debate, uma opinião, uma entrevista exclusiva, é algo a mais. Essa ideia sempre foi assim, isso sempre foi. O que aconteceu que é o mais interessante? A redação foi ficando mais amadurecida, eram jovens, passados dois ou três anos, a visão foi ficando um pouquinho mais madura, os experientes, mais experientes. O canal tinha um compromisso da notícia, no ar, colocar notícia no ar de forma urgente, de forma rápida. O que aconteceu? Aconteceu que todo mundo é jornalista. O jornalista tem um sonho, que é publicar a notícia, divulgar a notícia o mais rápido que ele pode. Aí o canal evoluiu muito para essas transmissões ao vivo, para o improviso de notícias, o que é o improviso? É quando está acontecendo a notícia, colocam as imagens, muitas vezes imagens ainda não editadas, que estão sendo geradas, isso foi uma evolução. Foi uma evolução absurda na televisão. A TV aberta quase não põe (imagens não editadas no ar). Sabe um exemplo em que a TV aberta colocou imagens não editadas no ar? No afundamento da P-36¹⁴², as imagens do Eglédio (Viana, cinegrafista da **Globo News**) e do Rodrigo (Rodrigo Alvarez, que começou como repórter na **Globo News** e hoje está na Rede Globo). A **Globo News** já tinha posto várias vezes. E isso, no padrão de telejornalismo, é um rasgo, uma ruptura, do passado para o presente, total. Talvez uma das grandes rupturas, sair do padrão asséptico, arrumadinho, de edição, para priorizar a informação, a notícia, a imagem que está chegando, independente se ela está editada corretamente.

¹⁴² Em março de 2001, a plataforma P-36, da Petrobras, afundou na Bacia de Campos, no norte do estado do Rio de Janeiro, matando 11 petroleiros.

Eu não sei se você concorda, mas pensando isso, é uma via de mão dupla, porque a gente tem a preocupação com o jornalismo, e principalmente dentro da Globo News, de colocar, o tempo inteiro, em primeira mão e, do outro lado, o telespectador já tem uma, se acontecer alguma coisa que tem Globo News liga no canal esperando que a Globo News esteja transmitindo.

Essa é uma coisa da credibilidade, que também foi conquistada nesses dez anos, na evolução do trabalho. Acho que a demonstração de que essa equipe que, ao começar, insipiente, errando, procurando, testando, buscando uma fórmula, porque no começo foi a busca de uma fórmula. Essa equipe, que começou insipiente, que foi amadurecendo, também na prática, no dia a dia, no *hard*, trabalhando a notícia, cada dia de uma forma diferente, aquilo foi sendo agregado ao patrimônio desta redação. E o que resultou? Resultou numa credibilidade tal, numa consolidação dessa credibilidade que faz acontecer isso que você acabou de falar: quando acontece um assunto quente, o assinante liga na **Globo News**. Mas isso foi nessa evolução. Tem alguns marcos nessa linha do tempo que vale a pena falar:

Quinze dias depois da estreia do canal, caiu o Fokker 100 da TAM¹⁴³. Foi no susto, uma cobertura de improviso, “compartilhadíssima” com a Rede Globo, porque a **Globo News** não tinha a menor condição de fazer aquela cobertura, mas fez. E fez um trabalho tão digno e tão correto, discreto, mas tão correto que recebeu muitos elogios. À noite daquele dia se colocou um programa no ar, ao vivo com o Pedro Bial, produzido em poucas horas por aqueles meninos todos, ainda sob o impacto da estreia do canal, um programa ao vivo de uma hora com entrevistas em São Paulo, Brasília e Rio, discutindo as causas do acidente. Então você vê que, quinze dias depois, a **Globo News** achou, no susto, a sua vocação. Eu acho que esse é um marco.

Mas o que virou referência para o assinante foi ano depois, em agosto de 97, a morte da princesa Diana. Essa história e essa cobertura que, aí sim, a **Globo News** fez independente da rede, porque já tinha um ano, essa cobertura ela marcou o assinante. Também foi uma maratona de final de semana, com tudo o que era possível, ligações, entradas (de repórteres ao vivo), imagens, a gente direto no ar, transmitindo, foi uma grande transmissão, o que resultou pouco depois, quando a gente percebeu? Que tinha mudado o olhar do assinante em relação a **Globo News**. Na verdade, ela tinha sido

¹⁴³ No dia 31 de outubro de 1996, um avião Fokker 100, da TAM, caiu sobre casas a menos de 2 quilômetros do aeroporto de Congonhas, na zona sul de São Paulo. Noventa e nove pessoas morreram.

reconhecida como um canal de notícias, no momento da Diana. Esse foi um marco importante.

Aí depois a **Globo News** tem outros marcos importantes. Tem várias coberturas importantes, políticas, tem várias coberturas da cidade, como a cobertura do Palace II¹⁴⁴, que foi importante. Tem a cobertura do (sequestro do ônibus) 174¹⁴⁵, em junho de 2000, quando a **Globo News** ficou, ao vivo, transmitindo a possibilidade de um assassinato. E essa foi uma decisão que, no limiar da ética e da missão, do compromisso e da ética, se decidiu por ficar (transmitindo) porque era uma cobertura jornalística da maior importância, então a **Globo News** transmitiu, a rede não transmitiu. Mas eu acho que é um marco porque só a **Globo News** fez, a repórter (Vanessa Riche) era iniciante e segurou. E teve essa discussão ética, que eu acho que é importante, onde se comprova e se confirma que, como agência de notícias, a **Globo News** tem que dar a notícia, e ficar com a notícia no ar. Por ser um canal exclusivo de jornalismo, diferentemente da TV aberta, que tem outros compromissos, e a **Globo News** só tem um, que é o compromisso com a notícia. Então, naquele momento, a grade não existe, os comerciais não existem, para dar o valor exato que a notícia tem.

Outro marco importante, em 20/03/2001, foi a reportagem do afundamento da (plataforma) P-36. Por isso está nessa evolução? Ali você tinha o flagrante, gravado, por uma questão de sorte e sensibilidade jornalística da equipe que estava lá, sozinha, fazendo uma matéria, que era uma matéria pré-gravada, criada por eles, para contar o trabalho de salvamento da plataforma. Então, a **Globo News**, como tem esse hábito de aprofundar os assuntos, de ver vários enfoques, estava lá, nesse dia, procurando um novo enfoque para aquele assunto, que era mostrar o trabalho dos funcionários, quer dizer, lógico em função do fato de a plataforma estar desaparecendo, do factual. Mas, naquele dia, a saída da equipe estava direcionada para trazer, aos assinantes da **Globo News** um lado diferente daquele assunto, da notícia. E ao estar lá fazendo esse lado diferente, tiveram a sorte – horrível falar isso – de ver a plataforma começar a afundar.

¹⁴⁴ No dia 22 de fevereiro de 1998, parte do edifício Palace II desabou na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. Oito pessoas morreram na tragédia. O dono da empreiteira responsável pela construção do prédio, Sérgio Naya chegou a ser preso por falsidade ideológica e falsificação de documentos, mas foi inocentado pelo desabamento do edifício, que teve que ser implodido.

¹⁴⁵ No dia 12 de junho de 2000, Sandro do Nascimento entrou armado no ônibus 174, no bairro do Jardim Botânico, na zona sul do Rio, e fez dez pessoas reféns. Depois de quatro horas e meia de tensão, o bandido saiu do ônibus usando uma passageira como escudo. Um soldado atirou e matou a professora Geisa Gonçalves. Dominado pelos policiais, Sandro foi levado preso para o carro da polícia e chegou morto ao hospital. Segundo a perícia, ele foi asfixiado. Em 2002, três PMs foram absolvidos da acusação de matar o sequestrador.

Então tem uma correria e tem – aí eu também acho que é talento do Rodrigo e do Eglédio, o Eglédio de não parar de falar em nenhum minuto, e o Rodrigo de, na hora que ele está sendo expulso da plataforma, fazer uma passagem na frente da porta do helicóptero subindo, dizendo “estou vendo a plataforma P-36 afundar”. Muito difícil um repórter falar essa frase, porque precisa ter essa sensibilidade, num momento que você está correndo. E aquilo entrou no Jornal Nacional. Do jeito que foi gravado. E o Jornal Nacional tem um time de repórteres – os melhores repórteres da Rede Globo trabalham para o Jornal Nacional. Normalmente, vários repórteres são aproveitados numa matéria, quer dizer, as reportagens são aproveitadas para um repórter, que é do time do Jornal Nacional, fechar aquela *matéria*. Naquele dia a opção foi diferente. Naquele dia o Jornal Nacional quebrou a regra. Para colocar *no ar* um repórter da **Globo News**, jovem, que não fazia pertença ao time de repórteres do Jornal Nacional e que estava fazendo uma das suas primeiras matérias da sua carreira jornalística. Mas por que o Jornal Nacional colocou? Porque ele tinha ali a essência do jornalismo: o flagrante, o testemunho do repórter no local, as imagens gravadas pelos cinegrafistas, captadas no momento, e tinha ainda os funcionários chorando. A matéria trazia ainda a imagem símbolo que foi um funcionário forte, de macacão da Petrobras, aos prantos, desesperado, pela perda da plataforma. Então, ela tinha todos os ingredientes, o que todo jornalista de televisão quer. Então era injusto não colocar no Jornal Nacional, por isso que foi.

Acho que um outro marco foram as guerras, a guerra entre Estados Unidos e Iraque, em 19/03/2003. E eu acho que aí, a antes disso, tem o 11 de setembro de 2001, que foi uma cobertura marcante da **Globo News**, principalmente porque, em 2001, o canal, a redação já estava bastante madura. Foi no susto, porque também ninguém espera o volume desse tamanho, mas já estava mais madura, então já tinha a prática de trazer entrevistado, entrar pelo telefone, e foi isso que eles fizeram. E fizeram o dia inteiro, praticamente.

As transmissões das CPIs, a partir de junho de 2005, foram importantíssimas, porque, mais uma vez, ou prioritariamente, com essas transmissões a **Globo News** liderou a audiência nos canais pagos. Entre todos os canais. Transmitindo sessões de CPIs (Comissões Parlamentares de Inquérito) que não necessariamente são notícias na essência – porque você precisa acompanhar a evolução daquilo para ter a notícia – mas por que Globo News liderou? Porque a TV Senado e a TV Câmara também iam transmitindo, e a Band News também. Por que a **Globo News** liderou? Pela característica do canal. Porque o assinante sabia que, na **Globo News**, ele teria não só

aquela transmissão repassada, pura e simples, com ele teria também esse olhar, que ele quer, brasileiro hoje, de comentaristas, repórteres, analistas. Traria mais informação de bastidor, que daria a ele subsídios para opinar, para poder discernir o que estava acontecendo.

3) Você passou por momentos diferentes da televisão. Como é que você vê a relação do jornalista com o tempo. Falando da Globo News, especificamente, você pensa em rapidez, em agilidade.

Eu acho que a televisão, o jornalismo de televisão, ou telejornalismo, só existe com esse trabalho de equipe. A engenharia, operações, a informática, o jornalismo, juntos, conseguem, cada vez mais, aprimorar o telejornalismo. Em que sentido? E aí mistura um pouco das novas tecnologias, porque antes era a máquina de escrever e com a informatização o editor-chefe mexe no jornal 3 segundos antes do jornal ir ao ar; se ele quiser, ele muda a informação. Então, não há mais barreiras para a informação chegar ao mais rápido possível, e a mais atualizada possível, ao assinante. A atualização e a rapidez mexem com o conceito e característica do telejornalismo. Nisso, quem trabalha para isso aconteceu, que são os jornalistas. Aí, como esse conceito veio mudando, via novas tecnologias, o jornalista é um ser que se adapta, é um ser mutável, como se adaptou do filme para o sistema eletrônico, como se adaptou da máquina de escrever para o computador, como agora, da beta para o *tapless*, a nova geração trabalha no digital sem algo concreto, no virtual, se adaptou, e vai se adaptando, porque essa evolução caminha junto, o ser humano, o jornalista, a pessoa, acaba se adaptando a essas novas tecnologias com o objetivo de trabalhar sempre o mais rápido e o mais atualizado possível, em prejuízo do seu organismo. Sem se preocupar, e aí prejudicando o seu organismo. Eu acho que a tecnologia avança mais rápido do que as possibilidades de você prever as doenças do ser humano. Hoje em dia o que acontece nesse trabalho, que tem um nível altíssimo de stress, que provoca falta de sono, insônia, gastrite, problemas de coluna, enxaquecas violentíssimas, depressão, e outros problemas emocionais da vida pessoal da pessoa. É prejudicial o ritmo de trabalho que existe. Só que, no momento em que a redação se preocupa em colocar *no ar* uma notícia acontece uma rede adrenalina que impede o jornalista a pensar, a refletir, ele só faz pensar numa frente, que é a notícia, na sua prioridade naquele momento. Essa rede de adrenalina impede o jornalista de refletir sobre qualquer dano que isso pode estar causando.

E cada vez mais o imediato é mais valorizado pela sociedade contemporânea.

A tecnologia da informação, da máquina de escrever para o computador, e essa competição dos sites de notícias, que são *online*. A **Globo News** é *online*, é uma televisão *online*, praticamente *online*. E eu acho que isso é importante.

Anexo 12**Entrevista: Vera Íris Patesnostró****Gerente de Desenvolvimento de Jornalismo da TV Globo****16/01/2009****1) Qual é a sua função atualmente na TV Globo?**

Eu assumi, há um ano de meio, meados de 2007, uma função que se chama Gerente de Desenvolvimento de Jornalismo na CGJ (Central Globo de Jornalismo). O que é essa gerência? É um trabalho para ajudar, promover, o desenvolvimento profissional do grupo mais jovem de jornalistas da GCJ. Em que sentido? Na complementação da formação, no desenvolvimento comportamental – atitudes, posturas – na troca de experiências com profissionais mais velhos, sênior, da CGJ, para que as experiências possam servir de aprendizado, possam servir de inspiração para a evolução dos mais jovens. E também, nessa área, ajudar um pouco ao desenvolvimento individual, que é o trabalho que se chama *coach*, que é um trabalho que você tem o potencial do jovem jornalista, mas que ele não sabe por onde caminhar, o que fazer e, conversando, trocando ideias, orientando, ajudando, aconselhando, aquele caminho – que poderia ser muito longo, muito árduo, muito difícil, pode ser tornar menos longo, menos árduo e mais fácil.

Então esse é o leque de ações que englobam o trabalho de desenvolvimento. É basicamente trabalhar para que a qualidade do profissional se desenvolva mais facilmente. Antigamente, o chefe de redação tinha essa função. Por exemplo, cada repórter voltava da rua, o chefe de redação olhava o texto, orientava, ensinava – eu estou falando de todas as redações, especialmente aqui da TV Globo, mas em todas as redações isso era mais normal. Então o chefe de redação tinha um papel de chefiar a redação em termos editoriais, mas também de formação individual de cada repórter, de cada redator, tinha uma troca, uma conversa quase que diária, que fazia com que o desenvolvimento daquele profissional fosse efetivamente acontecendo. Com o passar do tempo, uns 20 anos, as funções mudaram um pouco, por uma série de coisas: por causa da tecnologia, do grande acesso a informações que a gente tem, da correria que a gente

vive, da competição entre os veículos. E o chefe de redação não assume tanto mais esse papel, ele tem outras funções. Ele tem uma função editorial muito mais forte, uma função de atuação dentro da redação que lhe dá tempo para orientar, trocar ideia, conversar e fazer desenvolver o jornalista.

Então eu acho que essa função hoje minha tem a ver com essa lacuna que ficou desguarnecida nesse caminho. Com isso, o desenvolvimento dos jornalistas ficou um pouco prejudicado, fragilizado é a palavra melhor. Ficou mais frágil, não estava tão estruturada, não tinha essa estrutura, que era informal, mas ela existia. E ela hoje essa estrutura se fragilizou, então esse desenvolvimento ficou meio perdido no correr do tempo.

2) O que um jornalista de televisão tem que ter?

Eu acho que ele tem que ter a característica de um jornalista que trabalha para qualquer veículo, para começar. Ele é tão igual ao jornalista de um jornal, de uma revista, de um rádio, de um *site*. Ele tem que ter as características básicas: sensibilidade, boa formação, curiosidade, procurar conhecimento de todas as áreas possíveis, tem que ser uma pessoa concentrada, atenta, que goste, principalmente, de viver e conviver com notícia. Não adianta querer ser jornalista se você não gosta de notícia. É uma característica da função, da profissão. Gostar de notícia. Gostar de saber do Obama (Barack Obama, presidente eleito dos EUA), gostar de saber do acidente, do futebol, gostar de notícia. Apreciar saber das coisas. E isso às vezes eu sinto um pouco de falta nos jovens profissionais, eles não gostam de notícia. Eles querem ser jornalistas, mas eles não gostam da notícia. Eu acho que tem que gostar de assistir a mesma notícia em vários lugares, tem que ter o prazer pela notícia. Então eu acho que isso é uma característica que o jornalista de televisão tem que ter como todos os outros jornalistas de qualquer veículo.

O jornalista de televisão – não é uma característica a mais, mas é uma característica diferente – a televisão é imagem. O grande diferencial da televisão, quando você quer ser jornalista de televisão é porque você curte a notícia com a imagem. O legal da televisão é juntar a informação com a imagem. Quando você tem esses dois princípios dentro de uma notícia você faz televisão. Por isso, o jornalista de televisão precisa gostar de imagem, entender da imagem, percepção de imagem, precisa

saber trabalhar a imagem e precisa ter um aprendizado constante porque a imagem é tecnologia e tecnologia que muda sempre. Hoje em dia a gente sabe que é uma das coisas que mais muda no mundo. A tecnologia de anteontem já está ultrapassada hoje. Então você precisa também gostar essa atualização constante.

A característica de um jornalista de televisão não difere das características dos jornalistas de outros veículos, mas eu acho que aqui ele tem que ter além do prazer da notícia o prazer da imagem daquela notícia. Prazer de trabalhar a notícia, mas prazer também de trabalhar aquela notícia.

Eu falo sempre no prazer porque eu acho que o trabalho jornalístico é um trabalho que tem que estar pautado pelo prazer. A gente tem um papel importante, que é o de informar a sociedade. Os vários níveis da sociedade. Esse papel está em jornalistas de todos os veículos. E eu acho que a gente tem que trabalhar nesse papel com responsabilidade, ética e prazer.

3) Relacionando a tecnologia – hoje em dia todo mundo pode reportar um fato, mesmo sem ser jornalista, pelo celular, por exemplo – é possível traçar o perfil do jornalista no futuro?

Difícil, “né”?

Se a gente perde alguma coisa ou não, se o nosso papel está assegurado...

Tem uma mudança de cultura com certeza. Tem um cientista social, o francês Dominique Wolton, que fala uma coisa que eu tendo a defender isso. Então, sabendo que uma pessoa como ele – de reconhecimento internacional, que dirige um centro de mídia na França, respeitado – fala isso, eu tendo a concordar porque me interessa. Ele diz que quanto mais informação houver, quanto mais notícia houver, quando mais formatos houver, mais necessária a função do jornalista para intermediar e hierarquizar essa quantidade de informações. Por que o jornalista vai hierarquizar a informação? Ora, porque ele tem uma base de conhecimento, uma especialização, uma técnica, um ambiente, uma série de coisas que facilitam com que ele hierarquize esse rol de informações de forma a dar certo ranking naquilo para que, realmente quando a sociedade se interesse por aquelas notícias, saiba quais são os valores. Há uma valoração. E por que é dada por um jornalista? Porque historicamente é o profissional

que faz isso e, provavelmente, continuará fazendo. Então eu tendo a acreditar que nisso. E eu gosto de ter esse aval dele (Dominique Wolton), porque eu acho que é uma forma de a gente perpetuar a profissão.

Tem outros, como Manuel Castells, que já acham que o universo é mais amplo: todo mundo pode, realmente, por a sua pitada na notícia, na transmissão da informação. Porque a gente está falando de transmissão da informação, não de notícia. As novas mídias, as novas plataformas, facilitam o trânsito da informação, mas até que ponto aquela notícia foi, tecnicamente, avalizada da forma que seja verdadeira? O que eu quero dizer é o seguinte: o jornalista, quando publica uma notícia, diferentemente de uma pessoa, vai ter algumas técnicas de apuração, de levantamento, de checagem de dados, de produção, de texto, de vários elementos que fazem com que aquela notícia que ele está passando, da forma como ele está passando, seja mais crível do que aquela outra de uma pessoa comum. Por exemplo, tem um acidente ali. E aí um pedestre viu, pega um celular, grava alguma coisa e manda para uma redação, para um *site*. Com que português ele registra isso? Será que é usando o português correto? A meu ver, o jornalista vai escrever com português correto. Quando ele olhar aquele acidente e registrar a técnica do uso da palavra dele está correta, diferentemente de uma pessoa da sociedade, como a gente sabe. A apuração: uma pessoa comum está passando ali e fala “um carro verde, placa...” não diz a placa. Um jornalista vai dizer: “um carro verde, Peugeot, placa da onde é, número tal. Por quê? Porque ele sabe que esse tipo de dado pode fazer com que a notícia fique mais verdadeira, mas correta, mais completa. “Um ônibus do Brasil de Pelotas (time de futebol do Rio Grande do Sul) bateu”. Um jornalista vai dar essa notícia com todos os dados, um vendedor de frutas vai dar uma notícia sem todos os dados. Então essa talvez seja a diferença entre o *Eu Repórter*¹⁴⁶, que todos os veículos que hoje têm, e uma reportagem feita pelo jornalista. As técnicas são diferentes e a transmissão passa a ter mais credibilidade ser foi feita por um jornalista.

Eu gostaria e quero acreditar que seja assim até o fim. Vou lutar para isso. Pode ser que eu perca. Na outra geração, nem na sua, mas na outra, pode ser que não exista isso que eu estou falando, realmente todo mundo estará reportando, mas eu gostaria que

¹⁴⁶ Seção de jornalismo participativo do jornal **O Globo**. É um espaço em que os leitores podem enviar foto, vídeo, texto e áudio para o site do jornal. O material visual selecionado também é publicado na seção *Eu Repórter* da edição impressa do jornal.

todo mundo que reportasse utilizasse técnicas jornalísticas, uma vez que ele está fazendo um papel de um jornalista.

4) Quais são as principais diferenças, ao longo do tempo, no papel do jornalista?

Basicamente tem a ver com a tecnologia. O grande desafio da gente, do jornalista, passa barbaramente pela evolução tecnológica – da televisão é uma coisa de louco, mas das redações normais também – e o advento da *internet*. Tecnologia é uma coisa, advento da *internet* é outra. E essas duas são parâmetros que mudaram radicalmente a profissão. Radicalmente. Eu, por exemplo, que entrei jovem na TV Globo e o meu primeiro trabalho era com uma filmadora, branco e preto muda, e máquina de escrever mecânica e mimeógrafo para fazer a cópia. Fazendo uma linha do tempo? Câmera com filme branco e preto mudo, máquina de escrever mecânica, enorme, e para copiar mimeógrafo, moviola, que montava filme; aí depois teve a câmera com filme colorido, máquina de escrever elétrica, xérox, moviola ainda; aí sim, *u-matic*, depois beta, aí você vai mudando os esquemas: computador, xérox, impressora, ilha de edição. E aí você tinha ilha de edição de *u-matic*, depois você tinha ilha de edição de beta, impressora, aí você tem um sistema – o *inews* – que é um sistema específico para isso, e aí agora você tem disco, tem só computador e agora você nem imprimir mais. E aí você tem agora a edição não linear e *tapeless*. Isso é uma linha do tempo.

E é muito rápido, porque eu cheguei ontem (2003) e peguei a beta

É... Então você vê que essa tecnologia na televisão fez com que os jornalistas fossem se adaptando. Essa passagem aqui (de máquina para computador) foi um caos. Esses montadores até virarem editores, foi traumático. Eu saí da TV Globo em 1986 e voltei em 1996. Eu era editora-chefe do Jornal Hoje, quando eu voltei eu voltei para fazer a Globo News. Eu lembro que, um dia eu fui atrás do Azul, que era o coordenador, “gente como é que você põe Jornal Hoje no ar?” Eu não conseguia entender como ela punha, porque eu tinha um *gap* de 10 anos que era uma coisa incompreensível para mim, demorou muito. Então, eu acho que a tecnologia cria desafios para o jornalista o tempo todo e toda hora você tem que se atualizar para crescer. Por quê? Porque, na verdade, é um desafio para nós, pessoas, mas é um desafio para o jornalismo como sistema de informação. Ele começa a ser mais ágil, mais prático, menos sofrimento,

começa a ter outras características, a notícia passa a ter outras características. Você ontem ficou ao vivo com um avião dez minutos depois que ele caiu no Rio Hudson (NY). Isso antigamente era impensável. Até você ter o conhecimento do acontecimento, você passava por um tempo que você ficava completamente ignorante em relação àquilo. Então eu acho que a tecnologia mexe mais no sentido de cultura de trabalho do que na essência da profissão.

Os valores do jornalista continuam os mesmos...

Têm que continuar. Espero que continuem. Torço. É isso que eu argumento e advogo quando eu vou para as palestras. Porque a pergunta é: a profissão vai acabar? Todo mundo vai reportar? Será? Quero crer que não. E eu fico buscando argumentos, mas a cultura de cada sistema vai mudando. E eu não sei nem se é uma evolução. Ela é uma evolução porque a tecnologia tem a tendência de evoluir, de progredir. Eu não sei se isso é uma evolução, mas é uma mudança, com certeza.